

O AMIGO DO ESTUDO

JORNAL BIMENSAL

INTRODUÇÃO

Se é difficil assentar a penna na primeira pagina d'um livro, não é menos melindroso escrever a primeira linha d'um jornal. Pode dizer-se com afouteza o fim do primeiro, mas nem sempre exporemos seguros a mira do segundo. É o livro edificio que tem risco e modelo proprios; o primeiro cimento que o operario lhe lance no alicerce pode ir talhado de principio conforme a traça do architecto. Não é assim o jornal; semelha antes um bairro civil, onde cada cidadão levanta casa á medida do seu gosto e das suas posses. Não se lhe marca área, porque a população cresce; nem se lhe intima a forma, onde as vontades são muitas.

O livro é monarchia, o jornal republica. Aquelle, pequeno ou grande, subordina-se a um só sentimento, e raro se salva da monotonia. Este tem a variedade por divisa, e agrada sempre. Alli a uniformidade e aqui a liberdade formam um contraste singular. O livro é palaciano de natureza, e busca o agasalho dos gabinetes. O jornal cabe em toda a parte, e amolda-se a todas as condições. Um poderá ser o cathedratico da sciencia, mas o outro é com certeza o apostolo da instrucção do povo.

Ambos todavia prestaram sempre eminentes serviços á causa da civilisação, e onde quer que appareçam são symptoma certo de muita vida social. Provam que a intelligencia trabalha, que ha quem escreva e quem leia, e que aproveitam todos.

O *Amigo do Estudo* resume no seu titulo a synthese das suas aspirações. É uma officina de trabalho para os que tractam letras; e todo o operario tem aqui seu prestimo neste lidar incessante. A bandeira que hasteamos tem um motto que dispensa programmas e vale por longas considerações. Ao assentarmos nossos modestos arraiaes neste vasto acampamento da imprensa formamos um desejo e aventuramos um pedido. Sómente isto.

Desejamos que quando um dia, distante ou proximo que nos chegue, fecharmos o cyclo d'esta nossa peregrinação, tracemos aqui a ultima linha com a mesma serenidade e consciencia com que escrevemos as primeiras. Pedimos e contamos com a indulgencia que nunca se negou a quem, como nós, arrisca o passo primeiro nesta fadigosa carreira.

A. A. DA FONSECA PINTO.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO

Que a humanidade não descança no seu lidar incessante, e que trabalhando e desenvolvendo suas forças tem um fim que o mesmo Auctor da Creação imprimiu em sua natureza, susceptivel sempre de aperfeiçoamento, havido é já como ponto de fé quasi universal.

Ha no emtanto verdades, cuja repetição é sempre util.

Assim, quem estranharia que esta e muitas outras fossem lembradas ao povo, todos os dias, e a todos os instantes, até que se lhe tornassem em oração mental, á hora do trabalho, como á hora do descanso?

E depois dos sentimentos religiosos bem firmados, que oração melhor pode occupar-lhe a mente do que a da reflexão sobre suas acções, com a consciencia a convencel-o de que é possivel aperfeiçoar o seu trabalho, como o seu espirito; que pode vir a comprehender com mais clareza o fim a que Deos o destinou, e que assim elevado aos seus olhos e aos de todos, ha de legar, por intermedio d'aquelles que naturalmente lhe hão de succeder, algum beneficio ás gerações vindouras?

Será isto apenas um ideal, uma phantasia?

Para os que não cuidam mais que do presente, e que não suspeitam sequer que os homens se hão de ir regenerando successivamente, posto que com lentidão, será até um sonho temerario!

As utopias porem do passado, que pouco ou nenhum credito mereceram á maioria de nossos avós, realisam-se hoje, cercadas de gloria, e desmentindo a voz da preterita descrença; e bradando mais alto ainda contra os que hoje, já em pleno dia, se declaram apparente ou realmente em trevas.

As verdades uteis offercidas ao povo são por isso como os raios do sol que em todo o tempo fecundam a terra. A sua luz nos ajuda a descobrir constantemente algum thesouro, e o seu calor nos amadurece um fructo ou nos abre uma flor.

E as verdades que vão acordar o coração, tantas vezes frio ou adormecido, firmar a religião, lembrar os direitos e os deveres, e despertar todas as riquezas escondidas nas faculdades elevadissimas da alma do homem, não fecundarão tambem a alma dos povos?

Appellemos para a instrucção de todas as

classes; mas não esqueçamos que a par com a instrução, que alumia a intelligencia, é necessaria a educação, que dirige os sentimentos.

As faculdades da alma excitadas desegualmente dão sempre um triste resultado. São para lastimar do mesmo modo o homem ou a sociedade que, tendo embora o espirito cultivado, deixam tudo a desejar pelo que respeita ás suas qualidades moraes.

Evitar estes desequilibrios deverá ser o primeiro empenho de quem se dedicar devéras ao bem commum.

Que os sentimentos religiosos do verdadeiro Christianismo, *aquelles suaves preceitos que elevam e fortificam a alma sem a humilhar nem opprimir*, voltem ao seio do povo, donde têm insensivelmente descahido, abalados por commoções violentas; e que, retomando o seu imperio no coração do homem, o auxiliem e dirijam no procelloso mar da vida, contra o qual ainda a maior civilisação e progresso, sem a crença religiosa, não poderão levantar escudos nem crear asylos.

Que a instrução illumine a todos! Pois se Deos creou o sol para dar claridade ao mundo, como prohibiria que a sciencia esclarecesse o espirito? Se aos olhos do corpo é dada a luz, é diariamente progredimos em commodos e melhoramentos materiaes, como poderia a vista do espirito, que é mais nobre e mais subida, ser interceptada áquelles que precisam e querem ver?

Mas que a educação não seja preterida!

Quem não reconhece na cultura dos sentimentos o complemento da regeneração humana?

Religião, instrução e educação moral: tres elementos distinctos, mas que serão a base unica e infallivel, sobre que assentarão as novas reformas, que a civilisação d'este seculo nos está apontando como urgentes.

É isto o que se deve dizer ao povo, e não menos aos que melhor do que elle comprehendem o alcance practico d'estas ideas, e lhe podem prestar relevantes serviços.

Tomados na corrente dos costumes e dos habitos, e não pensando talvez senão em pouco mais do que nas suas impreteriveis necessidades, quantos não verão, nos raros momentos em que a alma se lhe enleva, a luz da verdade a esclarecer-lhes o futuro?

Mas voltam em breve as trevas e o lidar constante. O espirito mais ou menos obscurecido e os sentimentos mal dirigidos depressa esquecem aquellas visões puras e tantas vezes salvadoras.

É preciso accrescentar que os mais interessados na realisação d'estas ideas são infelizmente os que menos podem bradar pela urgencia de attenção grave e sollicita a estas questões maximas da humanidade.

Eis por que pensando em todos desejaríamos que aquelles de quem dependem as mais fe-

cundas iniciativas meditassem, para os resolver, estes sonhos, estas aspirações, em germen ainda, mas que se traduzirão com o correr dos tempos em factos reaes e positivos.

(Apontamentos d'estudo — 1862)

P. R.

AS TARTARUGAS MARINHAS

Movidos pelo instincto da conservação, a maior parte dos animaes buscam ou preparam abrigos para se resguardarem das injurias do tempo, e se defenderem dos ataques de seus inimigos. As aves escondem-se por entre as folhas das arvores ou nas concavidades dos troncos. Recolhem-se os quadrupedes ás espessuras das florestas, ás grutas naturaes, ou ás tocas profundas que fazem na terra. Occultam-se os peixes nas covas da areia, nas anfractuosidades das rochas, nos intrincados labyrinthos dos bosques submarinos. As tartarugas, porem, como aos testaceos, deu a natureza abrigos proprios, involucros protectivos, que lhes servem de casas, e que, de bom ou máo grado, levam comsigo por toda a parte.

Esta armadura defensiva das tartarugas consiste em dois escudos osseos unidos pelos bordos. O superior, composto das costellas soldadas entre si e com as vertébras dorsaes, chama-se *concha* ou *casca*: o inferior, formado pelo sterno convenientemente modificado, tem o nome de *couraça*. Em nenhuns outros animaes vertebrados as partes do esqueleto sahem por tal modo de dentro do corpo para se expandirem na superficie, transformando-se de internas em externas, de conteudas em continentes.

É extravagante o aspecto das tartarugas. Parecem animaes obsoletos que a natureza se esqueceu de extinguir com os outros reptis que povoaram os mares nos tempos ante-diluvianos, e tiveram por jazigo commum os velhos terrenos secundarios. Como o judeu errante da lenda escaparam á lei geral da morte das especies, e, perdidos os seus contemporaneos de cataclysmo em cataclysmo, chegaram até á epocha actual, para se arrastarem num mundo diversissimo d'aquelle a que sobreviveram attonitas e confusas entre animaes insolitos e plantas desconhecidas. Porque vivem ainda? Porque não baixaram com os entes congéneres ás catacumbas em que jazem sepultadas as faunas primitivas do globo? Ficariam vivas sobre a terra para attestarem que esses monstros singulares das antigas edades foram effectivamente animados, e se moviam e se nutriam e propagavam como os animaes de agora? Seriam privilegiadas com tão admiravel exempção para dizerem ao vulgo absorto que as creações palaeozoicas dos naturalistas são mais que sonho ou phantasia, são a realidade?

De que lhes serve hoje a rija armadura? São bem fracos, em comparação dos antigos, os seus actuaes inimigos, a quem outras especies resistem sem serem couraçadas. Não têm já que receiar as fortes garras do *megalosauro*, as maxillas monstruosas do *ptero-dactylo*, ou os dentes penetrantes do *iguanodonte*. Perceceram essas horriveis alimarias nas grandes revoluções que mudaram a face do planeta, e de todas as castas de reptis marinhos salvou-se apenas a das tartarugas.

Em todos os tempos os homens distinguiram entre as dos outros a forma singular d'estes animaes. Aparecem nas excavações da ilha de Egina não só medalhas antigas que representam tartarugas, mas objectos de barro feitos á sua imagem. Os templos dos deoses e os palacios dos reis ornam os japonezes com figuras semelhantes. Phidias collocou uma aos pés da famosa estatua de Venus. Notavel contraste! Venus, o symbolo da belleza, e a tartaruga que pode ser o da fealdade! Indagaram graves escriptores a razão por que o insigne esculptor da Grecia escolhera este reptil para adorno da sua estatua. Diz Lacepede, o continuador de Buffon, que foi por se poder considerar a tartaruga como symbolo da doçura e da força para resistir. Força para resistir na voluptuosa deosa de Paphos e Gnido!... Não seria antes em razão dos amores ardentes das tartarugas, os quaes o auctor descreve na pagina seguinte com tanta minuciosidade como entusiasmo? Propenderia para essa opinião quem não soubesse que os antigos, e em particular os gregos, distinguiam a Venus casta da Venus lasciva. A primeira, que não repugnava á pura e sublime philosophia de Platão, foi de certo a que Phidias representou no marmore; pois nas sciencias e nas artes os grandes genios só o podem ser pelos grandes sentimentos. Demais tinham communmente os antigos a tartaruga como symbolo do recato e compostura, qualidades que deveriam andar sempre inseparaveis da belleza.

Os mares mais povoados de tartarugas são os dos tropicos. Entre as muitas especies conhecidas ha tres mais interessantes, com relação á industria, pelas dimensões e espessura das conchas — a tartaruga caouana, a tartaruga verde maior, e a de laminas imbricadas. Diz-se que algumas da segunda especie têm dois metros de comprimento e mais de um de largura. Plínio e Eliano, a menos que se não referissem áquelles seus pigmeus de um ou dois palmos de altura, exaggeraram muito as dimensões verdadeiras das conchas das tartarugas, escrevendo que nalgumas podem estar seis homens á vontade, e que na ilha de Taprobana as ha de quinze covados que servem de telhados ás casas. Em tempos menos remotos houve quem escrevesse, e não foi o auctor das Viagens de Gulliver, que em 1754 apparecera no estreito de Antiocho uma tartaruga,

cujo figado chegara para um jantar de cem pessoas.

As tartarugas marinhas são maiores que as terrestres, e não podem recolher, como ellas, dentro da concha as patas que têm organisadas para a natação. Por isso se movem ainda mais vagarosa e lentamente fóra da agua, o que não obstou a que o padre Labat dissesse num livro a respeito da Africa que, se houver dois homens que não saibam o caminho do mar, podem com toda a facilidade collocar-se em cima da concha de uma tartaruga, que para lá serão conduzidos sem o menor incommodo. Se este padre, que andou tambem por Italia e Hespanha, tivesse vindo a Portugal não permaneceria ainda hoje sem elogio os nossos carroções.

As tartarugas não têm dentes. Para supprir esta falta deu-lhes a natureza maxillas duras e acuminadas como o bico das aves de rapina. Estes reptis pastam juncto das ilhas e dos continentes nos prados submarinos pouco profundos. Sustentam-se de sargaços e outras plantas, podem estar alguns mezes e mais de um anno sem comer. A caouana é mais voraz. Ataca os zoophytos, as sibas, e até os crocodilos. Estes ultimos animaes agarra-os pela cauda sem receiar de seus dentes, pondo-se de emboscada nos concavos das rochas, onde elles costumam entrar recuando, por não poderem dobrar o corpo.

Nas regiões quentes da America a fecundação das tartarugas começa nos fins de março ou principios de abril. As femeas, logo depois de fecundadas, põem os ovos em buracos que fazem nas praias com as patas posteriores, de que se servem á maneira de pás. Cobrem a postura com a areia que levantaram sem deixarem vestigios da operação, a fim de evitarem que os animaes gulosos de ovos os descubram; e recolhem ao mar, deixando á natureza o cuidado da incubação. Os filhos nascem, passadas tres semanas, e caminham logo para a agua. Algumas tartarugas põem cento e cincoenta ovos, outras duzentos ou trezentos.

Os pescadores da Florida asseguram que, levada uma tartaruga a mais de cem milhas de distancia do logar onde costuma pôr os ovos, a elle volta immediatamente ou na seguinte esfação. Diz-se que os navegantes têm encontrado algumas a setecentas e oitocentas leguas da terra.

A pesca das tartarugas é de mui diversos modos. O mais simples consiste em espreitar as femeas quando sahem ás praias a desovar, ou quando recolhem ao mar depois de levantarem a postura. Os pescadores guiam-se pelo rasto que ellas deixam na areia, vão-lhes na pista, e logo que encontram alguma viram-na de repente. A tartaruga virada não pode revirar-se nem defender-se, e é facilmente conduzida por um ou mais homens, conforme o seu peso. Não faltou quem imaginasse que as tartarugas neste estado, fazendo baldados es-

forços para se revirarem, soltavam clamores lamentosos e derramavam torrentes de lagrimas.

Na Guyana pescam as tartarugas desde janeiro até maio com grandes redes que collocam verticalmente no mar juncto dos sitios que ellas frequentam. Por tal forma se lhes embaraçam os pés nas malhas, que morrem afogadas sem se poderem desprender.

Pescam-se tambem com arpão como as baleias. Vão dois pescadores numa canoa, e, quando avistam alguma tartaruga, um d'elles arremessa-lhe o arpão com força bastante para lhe furar a concha. O animal desce ao fundo do mar, e o pescador dá-lhe corda. Em parecendo que tem já perdido muito sangue, puxam o arpão, e com elle a tartaruga que recolhem na canoa.

Nos mares do sul um só pescador vai a nado arpoar as tartarugas onde ellas dormem á flor da agua. As pequenas até á mão as agarram. Em 1696 um escravo indio da Martinica aproximou-se, embarcado na sua piroga, d'uma tartaruga que dormia na superficie do mar. Passou-lhe um nó corredio a uma das patas, e atou á proa á outra ponta da corda. A tartaruga accordou e deitou a fugir tão lesta, como se nada levasse atrás de si. Podia o indio cortar a corda com uma faca que levava; mas, desprezando o perigo, deixou-se ir assim rebocado, cuidando só de governar com o remo a piroga. Esta de repente voltou-se, e o pobre escravo perdeu o remo, a faca e quanto levava consigo. Com grande difficuldade conseguiu tornar a embarcar-se, mas, perdidos aquelles utensilios, foi-lhe logo impossivel continuar a governar a piroga, ou cortar a corda que a prendia á tartaruga. Pelo que succedia a todo o passo voltar-se o barco, e o indio ter de empregar grandes esforços para o não perder. Durou esta infernal peregrinação por espaço de um dia e duas noites, até que, cansada a tartaruga, encalhou num banco de areia, onde o escravo acabou de a matar quasi morto tambem de fome, sede e fadiga.

A carne das tartarugas é mui salutar e saborosa. Quem mais a estima são os homens do mar que estacionam nas regiões ardentes, onde a humidade e o calor abreviam a decomposição das substancias organicas. Serve-lhes até de preservativo para as doenças que costumam grassar naquelles logares. A sôpa de tartaruga dão os inglezes grande merecimento, e a preferem á de vacca.

Segundo Plinio, foi Carvillio Pollio, homem de prodigo e subtil ingenho para inventar objectos de luxo, quem primeiro fez laminas das conchas das tartarugas para cobrir leitos e cofres. Com ellas decoravam os romanos não só os moveis de maior preço, mas tambem as portas e columnas dos palacios. Hoje quasi se não usa a concha da tartaruga senão para os objectos que pertencem á arte de marceneiro.

A tartaruga de laminas imbricadas é a mais procurada para este fim. Cada uma pode dar tres ou quatro libras de laminas, que se destacam aproximando a concha do fogo. Na agua quente amollece a ponto de tomar todas as formas que lhes quizerem dar.

A. FILIPPE SIMÕES.

ENSAIOS DE CRITICA LITTERARIA

OCTAVE FEUILLET

I

A nebulosa sciencia das abstrações invadiu os dominios da arte; os deliciosos vergeis, por onde o espirito voejava a delibar o nectar dos deuses, as esmaltadas várzeas, por onde se espanejava com as iriadas azas a devaneiar entre as flores, transformaram-se por obra e graça da esthetica de Hegel, e da critica reduzida a canones algebricos, em bastião sombrio, assim como a torre de Koenigsberg, onde só pode penetrar a luz do absoluto. Hoje diz-se á Victor Hugo — que uma obra d'arte é tanto melhor, quanto mais absorver em si do incomprehen-sível absoluto.

A formula da arte reduziu-a elle a uma equação geometrica: — o angulo de reflexão egual ao angulo de incidencia. Ora eu desejei explicar a formula a mim mesmo, e scismei largo tempo a deletrear o capitulo do magnifico livro sobre Shakespeare, em que o Homero da Legenda dos Seculos apresentava os principios da arte; e depois de muito reflectir cheguei a este resultado, que dou ingenuamente ao leitor desprevenido: a equação de Victor Hugo é a sublimação da maxima de Boileau — *rien n'est beau que le vrai.*

Aquelle angulo de incidencia é a natureza, o universo, as innumeraveis estrophes do poema da belleza infinita, que vagam dispersas pela amplidão do espaço em divinas harmonias das cordas frementes da lyra eterna; são as assonancias da musica das espheras, o psalterio dos orbes, a mysteriosa oração dos mundos na religião de Deos, todo o oceano de luz, que se expande nas vagas de azul e ouro, alem dos arrebatamentos da idea, e dos arrojados vãos do pensamento: o angulo de reflexão é a dextra do anjo das visões celestes a levantar o homem ao throno illuminado da soberana formosura, esta voz melodiosa que vibra em todos os espiritos, e falla a todos os corações, quando o manto da divindade se desdobra na majestosa vastidão da noite, em ondulações harmoniosas, e sussurra ao sacudir as pedrarias brilhantes, que lhe esmaltam o esplendido estofo, e os regios arminhos descem com as nuvens albinientes ao suave fulgor da lua, e a coroa se inflamma aos perennes lumes do fogo do céo.

O angulo de incidencia é Deos, o angulo de reflexão o homem, o abraço da equação a verdade.

Ascender á luz suprema da belleza infinita, absorver-se na contemplação do absoluto, queimar-se na lavareda do ideal, banhar o coração nas ondas da formosura eterna, e não dar ao espirito humano o perfume das flores da terra, das graças gemeas d'elle, que Deos espalhou no seu mundo, como para lhe abrandar a ancia do infinito, é loucura, ou antes doença do pensamento, que souhou que podia abraçar o impossivel; mas illuminar com os esplendores celestes os transitorios desejos do nosso coração, estreitar no mesmo laço a esposa do céu e a esposa da terra, germanar o amor de Deos e o amor do homem na mesma idea e no mesmo verbo, é gostar o nectar da felicidade e da verdade, como a pode encerrar o vaso, que recebe os orvalhos do céu, antes de ser aquecido ao crysol da eterna luz.

A arte assim é a ancia da perfeição divina, despertada pela intuição do bello; é a interpretação da natureza, na phrase sentenciosissima de Gustavo Planche.

A imitação servil é o mecanismo, a materialidade da regra, a concreção numerica, a inflexibilidade do compasso, a articulação do esqueleto: mas a interpretação é a assimilação espirital, a consubstanciação fecunda, a força geradora, o *fiat*, a criação.

E é por isso tambem que o artista se aproxima de Deos. A virtualidade inventiva descobre com a analyse os reconditos mysterios da formosura; desentranha a perola da concha, da crysalida a borboleta.

O homem faz uma nova criação quando accende as facetas do diamante; criação sublime, que é o seu mais augusto privilegio. A natureza humana purifica-se com esta ardencia, nobre exaltamento, que eleva o zumbido do insecto ao estridor do vô da aguia. As obras primas foram, por tanto, e sempre, aquellas que mais se ergueram acima das sombras da natureza ao sol do ideal.

As estatuas da Venus de Praxiteles, do Apollo de Belvedero, do Moysés de Miguel Angelo, e as Virgens de Raphael, e as Madonas do Ticiano, não têm rigorosamente modelos: são invenções, ou antes prophcias do infinito. Adivinhou-as o espirito humano em mysterioso segredar com o espirito divino.

As linguas de fogo animaram aquellas fontes, e os raios da aurora azul vibraram nellas as harmonias ineffaveis, como no bronze de Memnon.

Oh sublime poder dos genios! Que importa que o vosso diadema seja uma dupla coroa — a coroa de luz, e a coroa dos espinhos? Vós comprehendeis a belleza infinita; a vossa alma sente a alma do universo.

F. GUIMARÃES FONSECA.

CURIOSIDADES DA HISTORIA LITTERARIA

I

Na historia litteraria, como na politica, não se podem explicar bem certos factos, se não se tomarem em conta as influencias reciprocas das nações. Vemos um paiz, onde reinam a ignorancia e o desleixo intellectual, elevar-se por meio d'uma rapida transição a um alto gráu de cultura litteraria: buscamos as causas de tão repentina mudança, e achamol-as nas relações estabelecidas pela epocha d'esse acontecimento entre a nação barbara e uma outra, cuja civilização está adiantada. E esse facto pode converter-se em regra geral, porque um povo, entregue aos proprios esforços só muito lentamente chega a um certo desenvolvimento litterario. De todas as nações a que mais tem exercido essa influencia sobre Portugal é a França. Foi ella que produziu o movimento litterario do reinado de D. Diniz, e a ella se deve a inspiração dos denodados campeões que restauraram as nossas letras no seculo ultimo.

Portugal, cuja independencia primitiva foi obra d'um filho de França, teve sempre sympathia e como que reconhecimento a esse bello paiz; e mais de uma vez tem sacrificado a originalidade propria para o imitar. Que lingua tem produzido até hoje mais alterações em a nossa que a franceza? Por mais que préguem criticos, essas alterações não cessam. Mandam ler os classicos e seguil-os; mas em que pena não incorreria quem escrevesse *ca* (o *car* dos francezes) como Barros, ou *en* (o pronome indefinido dos francezes), que se acha em todos os nossos cancioneiros, e ainda em Gil Vicente, e um bom numero de palavras que estão no mesmo caso? A influencia dos costumes francezes não é menos para se notar que a da lingua. E a das ideas? Bastará dizer neste ponto que os systemas philosophicos que maior numero de preselytos tiveram em Portugal, a escolastica peripatetica e o sensualismo do abbade de Condillac, foram importados de França.

Antes de Gil Vicente só encontramos em Portugal como longinquos annuncios e tenuissimos rudimentos da representação scenica os momos, guinolles, touras, e identicos folguedos de que dá conta Garcia de Rezende.¹ O theatro nacional apparece pois quasi subitamente com Gil Vicente. Que explica este phenomeno? A influencia estrangeira e principalmente a franceza. Criticos ingenhosos encontraram nas obras do nosso comico claros vestigios d'essa influencia. Ahi vai mais um exemplo no mesmo sentido, ainda que de pouca força.

Numa fabula de Lafontaine² acha-se expressa quasi á letra a mesma idea do episodio da *bilha de azeite* do Auto da Mofina Mendes. Como não ha o mais leve fundamento para con-

¹ Chronica de D. João II, cap. 126.

² Fables de Jean de Lafontaine, l. VII, x.

jecturar que Lafontaine conhecesse Gil Vicente, imaginou-se que tinha havido coincidência de inspiração, o que é bem difficil de admitir. Felizmente a mesma fabula indica a via que se deve seguir para explicar o caso nestes dous versos que têm passado despercebidos:

Le récit en farce en fut fait,
On l'appela le Pot au lait.

Ha effectivamente uma farça de Boaventura des Periers e outra de Regnero, em que se encontra a idea, e onde Lafontaine e, segundo todas as probabilidades, Gil Vicente a hauriram. Terminemos estas rapidas considerações sobre tão vasto assumpto, e vamos mostrar que a França litteraria tambem alguma cousa deve a Portugal, limitando-nos a um exemplo.

Uma das mais notaveis e largas polemicas religiosas que têm havido, foi a dos jansenistas e molinistas. D'essa polemica, que tinha por objecto o mais importante problema da philosophia, o da liberdade humana, só resultaram males e bom numero de volumes de sophismas, e entre elle um dos mais notaveis monumentos da lingua franceza, as *Cartas provinciales* de Pascal. Ora a origem da questão é portugueza. Foi o noutro tempo celebre, e hoje esquecido, padre Pedro da Fonseca, natural da Cortiçada ou Proença a Nova, quem teve primeiro a idea d'essa famosa *sciencia media*, que o seu confrade Luiz de Molina professou na universidade de Evora, e desenvolveu no seu tractado *De concordia et libero arbitrio*, publicado em 1588 em Lisboa, e que foi depois sustentada pelos jesuitas e ensinada na propria universidade de Paris.

O que ha mais curioso na historia da idea do padre Fonseca é que o seu mais ousado adversario, o representante dos jansenistas de Port-Royal, Braz Pascal, alguma cousa deveu á patria da *sciencia media*. O pseudo Luiz de Montalte achou, não dizemos já o germen, mas o alimento de sua philosophia em Montaigne. Ainda que Pascal chame perniciosos e impios os *Ensaïos*, não é mais que a continuação e, digamos, a exaggeração de seu auctor. Num e noutro se encontra a mesma ironia para o mundo, a mesma descrença da sciencia e da razão humana, igual respeito pela moral e por Deos. Mas em Montaigne a duvida desenvolve-se tranquillamente, sem ruido; a crença não se exalta; a fé distingue-se da penitencia: em Pascal a duvida mostra-se aggressiva e adquire forças na polemica; a crença exaggera-se e fal-o proclamar o desprezo do mundo; chama pela ascese, e transforma-se em exaltação mystica. Chegado a esse ponto o espirito, que repellia a realidade como falsa, olha como verdade os phantasmas produzidos pela sua imaginação morbida!

Mas as ideas que Pascal bebeu em Montaigne eram originaes ao auctor do *livre de bonne foy*?

Em 1573 recebeu o gráu de doutor em medicina em Montpellier Francisco Sanches, natural de Braga, e que havia alguns annos tinha sahido da patria, e andava viajando pela França e Italia. De Montpellier, onde foi cathedratico, passou para Tolosa, onde, sendo professor, escreveu a sua obra *De multum nobili et utili scientia quod nihil scitur, deque litterarum parentium agone, ejusque causis*.

Quo magis cogito, magis dubito diz elle no prefacio, e nesse periodo se resume a sua philosophia, que é a de Montaigne, que é a de Pascal, que é a de todos os scepticos.

Uma auctoridade competente, Mr. Cousin³, diz que «é difficil suppor que a obra do celebre professor de Tolosa não tivesse ido ao conhecimento do traductor de Raymundo de Sebon-da, e que Montaigne a não tenha lido no intervallo da primeira á segunda edição dos *Ensaïos*.»

A impossibilidade da supposição será evidente para quem ler com attenção as duas obras. Montaigne muitas vezes não fez mais que exprimir sob uma forma mais popular as ideas do nosso compatriota.

Que provam os factos que indicamos, senão que os homens e as nações são reciprocamente credores uns dos outros em materia de ideas? Cada um concorre com o seu cabedal, quer mesquinho quer opimo, para a obra commum da sciencia e da arte. A originalidade não é d'um, é de todos. A gloria cabe áquelle que maior numero de ideas assimilha, e mais em favor da verdade e da belleza as sabe converter.

F. A. COELHO.

O ULTIMO DIA DO ANNO

Mais um anno passou, mais uma estrella
Da existencia no espaço se apagou!
D'arvore das illusões mais uma folha
O turbilhão do tempo ao chão deitou!

Quantos á mesma hora em que expiravas
Terminaram contigo o fado seu?
Para quantos tambem nesse momento
Existencia bem negra alvoreceu!

Anno que hontem findaste, a natureza
Com prantos tua campa rociou,¹
Quando o bronze ao soltar doze suspiros,
Com teu ultimo alento se enlaçou!

Nas dobras de teu manto funerario
As derradeiras crenças escondi!
Porque não fui tambem depor o fardo
D'esta vida infeliz juncto de ti?

³ Victor Cousin. Hist. gén. de la phil. 1864. Not. (a) pag. 290.

¹ Chovia ao dar da meia noute, amanhecendo esplendido o dia seguinte.

Porque não repousei a fronte exausta,
 Por tantas decepções sulcada já,
 Como tu, nos umbraes do esquecimento,
 Na paz, na quietação que a morte dá?

Porque vi ainda o rosto ao novo hospede,
 Que vem tomar assento em teu logar?
 Porque escutei ainda a voz de jubilo,
 Com que veiu teus restos insultar?

Porque vi despontar a aurora alegre,
 D'este dia solemne e já não teu,
 Se a esperança d'um viver, qual eu sonhara,
 Contigo despontou e em ti morreu?

C'rôa de doze rosas — teu aroma
 Os espinhos d'angustia me adoçou!
 Eras linda e viçosa — mas a sorte
 Ao abysmo do nada te lançou!

Cofre de doze chaves — cada uma
 Fechando trinta auroras — quanta fé
 Perfumando um thesouro, que o destino
 Num sopro destruiu e cinza é!....

Morreste, anno de gozos e pezares!
 Que saudade, que dor sinto por ti!
 Tu eras a reliquia augusta e sancta,
 De tudo que adorei e extincto vi!

Saudei-te moribundo — a ti, vencido
 De sentença cruel, por negra lei!
 Olvidem-te os felizes, eu chorei-te,
 Ao que elles cantam hymnos, prantos dei.

AMELIA JANNY.

Coimbra, 1 de janeiro de 1867.

A PONTE DE COIMBRA

A magnifica ponte de cantaria que atravessa o Mondego, uma das mais notaveis construcções no seu genero em Portugal, é tambem um dos passeios mais apreciaveis de Coimbra. Prolonga-se alem do rio por entre insuas viçosas e fertilissimas, onde é orlada de altos choupos, frondosos alamos e lindos pomares de lorangeiras, que lhe dão fresca e mui grata sombra. As vistas encantadoras que nella se gozam da bella perspectiva da cidade, das margens risonhas do Mondego, e das suas agnas crystallinas, correndo

.....indolentes

Preguiçosas, namoradas

Das alamedas virentes,

Dos choupos e salgueiraes!

E da fonte dos amores,

E da lapa dos esteios,

Dos robles, do céu, das flores

E dos argenteos areaes,

(T. A. RIBEIRO.)

fazem summamente agradável este passeio.

A primeira ponte que a historia nos menciona ter-se construido no principio da monarchia é a de Coimbra. Sabe-se por tradição e por documentos¹ que D. Affonso Henriques a começou a edificar no anno de 1132; mas o que é controverso é se a ponte por elle principiada foi a primeira que se assentou sobre o Mondego. Querem alguns auctores que já anteriormente tivesse existido outra; e esta opinião, com quanto fundada apenas em conjecturas, não deixa de ser mui razoavel. É d'esse pensar o erudito chronista fr. Raphael de Jesus, inclinando-se a crer que fora Ataces quem lançou sobre o rio a primitiva ponte. Entre as judiciosas reflexões expostas por fr. Raphael em abono da sua opinião, apresenta as seguintes que achamos muito ponderosas para a fazer valer: «... poderia Ataces, rei dos Alanos, que fundou a cidade de Coimbra, com sua fortificação, e seu castello no sitio, e quasi na forma em que persevera, accommodar-se sem ponte para seu serviço? A majestade, que não escusou castello para sua vivenda e segurança, repararia em fabricar uma ponte (dado que o rio a não tivesse) quando fundava uma cidade? Não se negue a soberania e o primor a quem se não pode tirar o genio e o poder. Ridicula majestade representara o monte, se com o pé descalço lhe coroaram a cabeça, quando o vestia de purpura o regio edificio da cidade.»²

Em apoio do que acabamos de referir vem

¹ «In era MCLXX idem Alfonsus coepit edificare monasterium Sanctae Crucis in suburbio Colimbriae, et pontem fluminis juxta civitatem, anno regni sui quarto.» — Documento 1.º no app. da 3.ª parte da *Monarch. Lusit.*

² *Monarch. Lusit.* p. 7.º liv. 4.º cap. 19. No mesmo capitulo se lê que o dono de uma propriedade situada no largo da Portagem intentou fazer no anno de 1656 certa obra em um jardim que ficava sobre o Mondego. «Em o sobredito anno mandou abrir os alisseces: Deram os gastadores com um fojo atulhado de lixo, e terra solta: Foram buscando a solida em tanta altura, que descobriram o arco de uma porta, pela qual se entrava para a ponte antiga: descobertas duas braças d'ella chegaram ao olivel da corrente, que agora levam as agnas do Mondego, e pararam. Sobre a volta do arco viram uma pedra embutida na obra, e nella esculpida uma imagem de Christo crucificado, de relevo, com dous palmos de alto; e da mesma talha, e medida a figura da Senhora de uma parte, e a do Evangelista da outra.....»

Com voz de maravilha se publicou por toda a terra a novidade: Com a de mysterio a viu e examinou o bispo de Coimbra D. Frey Alvaro de S. Boaventura...; permitindo que a veneração levantasse altar no vão descuberto do arco, e nelle celebrasse o capellão da casa missa quotidiana, que estão obrigados a mandar dizer os possuidores da herdade». Continua fr. Raphael discursando relativamente ás imagens, e depois de confrontar as imperfeições d'ellas com os monumentos de esculptura dos ultimos tempos dos romanos, e com os que se obraram no reinado de D. Affonso Henriques, conclue que aquella obra não era anterior á invasão dos barbaros, nem posterior á fundação da monarchia: e conjectura que a pedra, tendo sido encontrada na ponte de Ataces, fora por D. Affonso Henriques mandada transferir para o logar em que se encontrou.

ainda a noticia tradicional, que corre entre o povo de Coimbra e vizinhanças, de que sobre a primeira ponte já se edificaram duas, sendo muito frequente ouvir-se fallar de ponte sobre ponte, de tres pontes sobrepostas.

A obra começada por D. Affonso Henriques não se concluiu durante a vida d'este monarcha. Foi continuada no reinado de D. Sancho I, e ainda depois d'elle.³

No tempo de D. Manuel tinham as areias soterrado a ponte quasi de todo, e dilatado consideravelmente o alveo do rio, e por taes motivos mandou este monarcha reedificá-la em parte, outra parte reparar, e outra fazer de novo. Consta isto da seguinte inscripção gravada em uma lapide, que se vê embebida numa parede com frente para Sancta Clara, e que fica á direita de quem vai da Portagem um pouco antes de entrar na ponte:

O SSERENISSIMO PNCIPE, ALTO HE MUI PODEROSO REY DOM EMANUELL NOSO SOR O PM^o E ESTE NOME HE QUATORZE NA DINIDADE REALL, MADOU FAZER DE NOVO ESTA PÔTE ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRUZ DE Sã FE^o HE DA DITA CRUZ ATE SãTA CRAR DE NOVO HE ACRECETAR ESTA TORE HE MURO ERA DE MILL HE D E XIII ANOS.⁴

Por cima do oitavo arco a contar da cidade

³ No tomo 1.º das *Provas da Historia Geneal. da Casa Real* pag. 17 vem copiado o testamento de D. Sancho I, e entre muitos legados que ahí se lêem, encontra-se o seguinte: «*Ponti Colimbriae mille morab*»; e a pag. 21 se encontra este outro legado feito por D. Constança Sanches em seu testamento do anno de 1296: «*....Item mando ponti Colimbriae decem libras*». Num documento do cabido da sé de Coimbra lê-se esta manda de mestre Estevão, deão da mesma sé, feita em seu testamento no anno de 1285: «*Mando ponti Colimbriae decem libras*».

⁴ A entrada da ponte estavam dantes quatro grossos muros, que formavam um quadrado e sustentavam uma torre de que falla a inscripção. Dois d'estes muros tinham cada um seu arco: um aberto para o largo da Portagem, outro para a ponte. Por cima d'este é que estava a lapide, e no muro paralelo via-se em um nicho a imagem de Sancto Agostinho. Em 1836 mandou a camara demolir estes muros e collocar a lapide, com pouca ou nenhuma differença, no lugar em que estava o nicho. Vide *Instituto* vol. 1.º, pag. 392.

Relativamente á imagem de Sancto Agostinho encontramos a pag. 395 do *Crysol Purificativo* de fr. Manuel Leal a seguinte curiosa noticia:

«Envelheceu com as injurias do tempo a imagem de Sancto Agostinho, que estava na porta da ponte da cidade de Coimbra, e cahiu do nicho em uma noite tempestuosa de dezembro de 1604. Tractou o senado de a reformar, porem os padres de Sancta Cruz se adiantaram, mandando fazer em breves dias uma imagem de Sancto Agostinho com habito de conego regente, que puzeram aonde estava a antiga. Tanto que os padres Eremitas do collegio de Nossa Senhora da Graça tiveram noticia da mudança, que se havia feito no habito de seu Padre, se queixaram ao senado. Os vereadores, que então eram Bento Arraes de Mendonça, Heitor de Sá, e o licenciado Jorge de Almeida, conhecendo o erro, foram logo tirar do nicho ao Sancto Agostinho conego regente, e o mandaram para o mosteiro de Sancta Cruz; e em quanto se obrava outro similhante ao antigo, puzeram os nossos religiosos em seu lugar um quadro, por não faltar naquella Universidade tão lustrosa a imagem propria do principal Doutor. Neste meio tempo succedeu passarem dois

vêm-se em ambas as faces da ponte as espheras armillares, empresa de el-rei D. Manuel, pelo que julgamos que era este ponto o chamado das *esperas*,⁵ e que portanto a parte reedificada é a que vai da Portagem até ao dicto arco. D'elle até ao Ó da ponte, local onde ha bons fundamentos para crer que era o sitio a que se chamava a *Cruz de S. Francisco*, não ha mais que concertos, levantamento das grades e entulhos no interior, pois os arcos bem se conhece serem obra mais antiga.

Creemos por tanto que esta secção da ponte é a parte reparada, e o resto até quasi defronte do antigo mosteiro de Santa Clara a obra nova.

Depois de D. Manuel ainda se fizeram importantes obras na ponte, segundo se deprehende de uma determinação d'el-rei D. Sebastião á camara de Coimbra⁶ e de uma contribuição que Filippe II, annuindo ás representações da mesma camara, lançou para tal fim por todo o reino.⁷ Posteriormente tem tido por diversas vezes muitos concertos e reparos, porem menos consideraveis.

Actualmente acha-se a ponte em estado deploravel. A grande quantidade de areias que se têm accumulado no leito do rio já não permite a navegação por debaixo de muitos arcos, e impede-a de todo quando nas aguas ha alguma elevação, ainda que pequena. Á vista d'este estado lastimoso, de que provêm tão consideraveis prejuizos, ordenaram as cortes a reforma da ponte por lei de 10 de setembro de 1861. Até ao presente porem, apesar de decorridos cinco annos depois da publicação d'esta lei, ainda não se deu principio aos trabalhos da reconstrucção. A. M. S. de C.

padres de Sancta Cruz a cavallo pela porta, e não advertindo na imagem do seu Padre, que estava pintada no quadro que cobria o nicho, faltaram em lhe fazer a devida reverencia; porem o Sancto parece tomou isto em caso de honra, pois bem no meio da porta tropeçaram as mulas ambas, e os religiosos, cahindo em terra descompostos, confessaram ser o fracasso castigo de sua irreverencia: é esta historia tão constante na Universidade de Coimbra, que não ha estudante novato, a que a não repitam os veteranos quando passam pela dicta porta».

⁵ Vide no *Elucid.* de Viterbo a palavra *esperas*.

⁶ L. 3.º do registo das Prov. no archivo da camara municipal, fl. 32 v.

⁷ Alvará de 21 de maio de 1608; dicto archivo, no fim do tomo das obras da ponte.

EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes)..... 240 réis
Fóra de Coimbra (por seis mezes)... 600 »

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ASSOCIAÇÃO E SUAS VANTAGENS

I

Enfants de la nuit, le couchant
est noir, mais l'orient commence à
blanchir.

LAMENNAIS.

Ainda ha pouco involta nas trevas da ignorancia e acorrentada ao despotismo, a humanidade vai já atravessando uma epocha gloriosa de victorias para a liberdade e de conquistas para a civilisação.

É que o progresso é a sua lei constante.

Ha, ainda mal, espiritos que estão voltados sempre para o passado; outros que jazem adormecidos no presente e acordam só na sepultura. Mas a humanidade caminha sempre.

Ha muito tempo que se pensa e questiona calorosamente acerca da associação; e ha muito tempo tambem que a verdadeira significação d'esta palavra tem sido confundida, e o seu sentido desfigurado pelas falsas discussões economico-politico-moraes.

As escholas socialistas, que por meio da associação pretendem levar a humanidade a destinos desconhecidos, fazem desaparecer o homem no meio social, e suffocam nelle o sentimento de liberdade.

Os seus adeptos, abraçando o socialismo como solução final dos mais elevados problemas sociaes, esquecem-se de que, se a sociabilidade é apanagio do homem, a individualidade e liberdade tambem são attributos inherentes á sua natureza.

Elles pois que adormeçam ao som d'essa harmonia celeste que fingem escutar nas suas inspirações terriveis.

Para nós a associação não é uma panacea social, como a sonharam as escholas socialistas, nem essa formula magica que a imaginação dos poetas mais populares, taes como Eugenio Sue no seu *Judeu Errante*, souberam revestir das cores mais seductoras.

A associação na ordem economica é um principio de admiravel fecundidade; mas sómente quando a liberdade individual não seja sacrificada a uma associação universal em quanto ás pessoas, universal em quanto ao objecto.

O contrario d'isto é o communismo com o seu cortejo de miserias e horrores. A historia nos aponta os povos que viveram sob tal regimen, e onde lemos o epitaphio sombrio da liberdade.

Nesta forma bastarda da associação ha um centro que gradua o movimento social, que regula a liberdade dos individuos, que prescreve a practica ou a omissão de quaesquer actos, que levanta fabricas e officinas, que viola a independencia individual, suffoca o pensamento de todos, e aniquila a actividade de cada um.

Perfilhal-a seria o mais pungente sarcasmo dos tempos modernos, a ironia da civilisação.

Mas, se no passado ha erros que deplorar, ha tambem muitas tendencias nobres e aspirações elevadas, que são dignas de louvor.

Já os nossos maiores buscavam na associação a resolução do problema social. Limitavam-se, porem, a prestar socorro á indigencia, levantando aqui uma misericordia, alem o hospicio caridoso, e levando conforto e allivio aonde havia lagrimas que enxugar, e amarguras que careciam de consolação.

Com o andar dos tempos esta idea desenvolveu-se, e mais alta poz a sua mira. Hoje a associação não quer mitigar dores sómente, deseja levar a prosperidade aonde já ha riqueza; aspira a augmentar os capitaes ainda onde existem em abundancia; procura centuplicar as forças para centuplicar os resultados dos esforços de alguns poucos individuos, unidos sob um pensamento commum.

Mas para organizar d'este modo a sociedade é necessario levantar o nivel moral: se o rebaixarmos, em vez de cidadãos prestantes teremos escravos sem dignidade.

É por isso que a idea da associação não pôde vingar nos tempos theocraticos, nem nos da realza, porque se não compadece com as desigualdades sociaes. A associação é irmã gemea da democracia.

O communismo é a exaggeração do principio da egualdade democratica, porque a represalia é uma lei necessaria, confirmada pela historia, que nos attesta que á pressão despotica dos que têm pretendido convencer o espirito humano com o temor das armas tem respondido a agitação d'aquelles que professam ideas contrarias, e á violencia desmedida dos governos o furor das revoluções.

As quatro epochas notaveis, em que mais se desenvolveram as ideas communistas, são d'isto uma prova evidente.

Nos tempos antigos, depois da decadencia da Grecia e da corrupção da republica romana, e nos tempos modernos, no seculo da reforma e depois da revolução franceza, é que o communismo ganhou maior terreno. O seu reinado tem sido de curta duração modernamente, mas as suas pretensões foram sempre as mesmas. A linguagem do socialismo moderno encontra-se nos discursos dos Gracchos.

Outros ha que, para evitarem o communismo, vão cahir no vicio opposto. A liberdade levada ao ultimo extremo roça pelo isolamento.

São necessarias ao homem instituções, onde encontre solidariedade, protecção e segurança. O homem isolado, como Robinson na sua ilha, é pygmeo; unido aos outros, e trabalhando com elles debaixo das mesmas vistas, torna-se gigante poderoso.

Da acção collectiva resulta o augmento da producção e da riqueza das nações.

Genovesi diz: *L'uomo é un, tal potenza, che unita all'altra non fa un eguale alla somma, mal al quadrato d'ella.*

Os individuos devem por tanto procurar incessantemente tornar a sua cooperação no trabalho mais intima por meio de associações directas, bem administradas, tendo cada um o sentimento do laço que prende o seu interesse ao interesse colectivo.

Assim é que, no dizer d'um escriptor distincto, todo o progresso na arte social se manifesta pelo augmento de confiança que um homem deposita noutro homem; e para que a força productiva, e por consequencia a riqueza da sociedade augmente, é necessario que se observem os preceitos moraes relativos aos deveres do homem para com os seus semelhantes.

A idea da associação já hoje vai calando em todos os animos; temos fé no seu triumpho moral, e cremos que d'ella ha de brotar a futura regeneração social, porque a associação não significa a morte do livre arbitrio do homem, nem a abdicção da idea, sempre viva, da sua personalidade.

J. C. PRETO PACHECO.

CHUVA DE SANGUE

Ha certos phenomenos raros por extremo, sem relação apparente com os outros conhecidos e sem causas bem manifestas, que pouco importam por isso aos naturalistas, e muito ás pessoas alheias na sciencia. Estas, em regra geral, propendem menos para o estudo dos effeitos que frequentemente se repetem, que para a indagação d'aquelles que, pelas causas mencionadas, lhes offerecem os attractivos das maravilhas e prodigios. Tal é a *chuva de sangue*, que continuaremos a chamar assim com alguns meteorologistas, posto que todos concordem actualmente em que não tem de tal corpo senão a côr.

Tito Livio affirma que por muitas vezes chovera sangue nas praças de Roma. Zonaras diz que ao assassínio de Tacio se seguiram a esterilidade dos campos, as mortes repêntinas e a chuva de sangue. Plinio conta que chovera sangue e leite durante o consulado de Acilio e Porcio. Muitos escriptores da idade media e dos seculos seguintes fallam de chuvas de sangue, observadas em diversos logares.

Refere um d'estes notaveis meteoros o licenciado Manuel Bocarro no *Tractado dos cometas que appareceram em novembro passado de 1618*. «Acordo-me, diz elle, que o anno passado se contaram prodigios extraordinarios e de sangue nalgumas partes, entre os quaes dizem que os cavalleiros d'um dos logares de Africa sentiram grande estrondo de guerra, e sahindo ao campo não acharam nada, e recolhendo-se se acharam cheios de sangue, principalmente nas lanças e nas armas: e viu-se mais que choveu sangue no mar de Setubal por espaço de duas horas.»

Francisco Leitão Ferreira numa obra in-

edita, a—*Ephemeride historial*— cita esta mesma noticia de Bocarro, accrescentando, segundo umas memorias manuscriptas do tempo, que chegara a Lisboa, dirigida do capitão de Tanger ao vice-rei de Castella, conde de Salinas.

No seculo xvii houve já escriptores que mostraram serem impossiveis as chuvas de sangue, com quanto o não fóssem as de alguns pós vermelhos, que o vento levantasse da terra numas partes para os lançar noutras mais ou menos distantes. Ao vulgo, porem, antes aprazia acreditar o contrario, e imaginar que as bruxas sugavam o sangue ás creanças, e depois o derramavam sobre a terra em forma de chuva. Nas *Cartas* ou no *Theatro Critico* julgou ainda necessario o erudito Feijoo refutar seriamente esta opinião absurda.

É incontestavel que por muitas vezes se têm observado chuvas vermelhas. Chegaram á noticia de Arago as seguintes, que cuidadosamente registrou. No dia 14 de março de 1813 os habitantes de Gerace avistaram uma nuvem carregada que avançava do mar para a terra. Havia dois dias que reinava o vento leste, o qual abrandou de repente pelas duas horas da tarde. A nuvem, que foi primeiro vermelha desmaiada, e depois côr de fogo, cobria já a esse tempo as montanhas proximas, e começava a interceptar a luz do sol. Ficou involvida a cidade em trevas tão densas, que ás quatro horas havia necessidade de ter as casas illuminadas. O povo, aterrado pela escuridão e pela côr da nuvem, correu em tumulto para a cathedral a fazer preces. Cada vez mais se engrossaram as trevas, e todo o céu tomou a côr de ferro em braza. Começaram então a sentir-se os ribombos do trovão, e o mar, posto que estivesse a 11 kilometros da cidade, augmentava com seus bramidos o terror geral. Logo entraram a cahir grandes gottas de chuva avermelhada, que a uns pareceu de sangue, a outros de fogo. Emfim, ao cerrar da noite, o céu desobscreceu-se, emmudeceu o trovão, e o povo restituiu-se á sua tranquillidade ordinaria.

Chuvas semelhantes, porem desacompanhadas de outros phenomenos aterradores, foram vistas em a noite de 27 para 28 de outubro de 1714 em Cuneto, no valle de Oneglia; a 2 de novembro de 1819 em Blankenberge; no 1.º de outubro de 1829 juncto de Orléans; a 16 de maio de 1830 em Sienne (Toscana); em a noite de 24 para 25 de março de 1842 em diversas partes da Grecia; a 16 e 17 de outubro de 1846 em muitos logares da America e da Europa.

Segundo a opinião de Arago, os ventos, os furacões, as trômbas, e em particular as correntes ascendentes, que tantas vezes se geram no seio da atmosphera, podem fazer subir ás suas camadas superiores fragmentos organicos, animaes ou vegetaes, particulas aquosas,

coloridas por materias salinas e destacadas da espuma, que se forma juncto dos recifes e das praias, e que, no dizer d'aquelle sabio illustre, se poderiam chamar a poeira do oceano.

Alguns factos curiosos mostram a força de transporte que tem o ar em qualquer das mencionadas formas. A 10 de maio de 1836 cahiu no valle d'Aspe dos Baixos-Pyreneus um pó amarellado que o vulgo tomou por enxofre, e não era mais que o pollen dos pinheiros mansos das florestas proximas, que ficavam na direcção do vento. Os olmos, as aveleiras e os lycopodios podem dar logar a phenomenos similhantes. D'outros pó meteoricos extrahiram os chimicos diversas materias mineraes, algumas vermelhas, da mesma natureza das rochas que constituíam os terrenos pouco distantes.

Peltier, cuja auctoridade é incontestavel, viu em Ham uma chuva de sapos. Eram tantos, que juncavam o chão; e alguns lhe cahiram no chapéu e nas mãos. Outros viram chuvas de peixes. Choveram arenques d'uma vez na Escossia, e d'outra vez sanguesugas na America. A causa d'estas chuvas, que tanto tempo pareceram fabulosas, está nas trombas que aspiram nos lagos ou nos pantanos aquelles animaes para os lançarem em sitios mais ou menos distantes.

Nas ilhas de Cabo-Verde cahe frequentes vezes um pó avermelhado tão abundante, que forma espessa camada nas velas dos navios. Analysou-o Ehreberg, e viu que era composto de infusorios e reliquias organicas. Com boas razões julgam hoje os naturalistas esse pó originario da America meridional, donde o trazem os ventos alisios austraes, que constituem uma corrente superior á dos ventos alisios de nordeste depois de com elles se cruzarem na zona equatorial.

De quanto deixamos dicto se deprehende qual seja a verdadeira natureza da chuva de sangue, que os antigos consideravam como signal da ira celeste, como temeroso presagio de futuras calamidades.

A. FILIPPE SIMÕES.

ENSAIOS DE CRITICA LITTERARIA

OCTAVE FEUILLET

II

Octave Feuillet é um estylista primoroso em todo o rigor da palavra, e é um pensador profundo: poucos têm como elle o segredo da pureza e suavidade da lingua, e poucos observam com tanta delicadeza, e com tão boas intenções, a natureza humana, para desentranharem d'ella o que ha de mais puro e mais formoso na sua essencia. O optimismo do mundo moral é a sua divisa em todas as obras litterarias, que lhe têm grangeado a reputação do melhor dramaturgo e do mais consciencioso

romancista da França. Por isso tambem os seus livros são muito estimados, e ninguem escrupulisa de os levar á mão da infancia, e de ensinar aos corações juvenis a sua excellente doutrina.

Num dos seus bellos trabalhos, a Historia de Sibylla, livro que não pode ler-se sem beijar o nome do auctor no extasis da adoração, porque a alma sente-se como elevada nos dulçores da poesia celeste, que brotam d'aquellas inspiradas creações de espirito superior, advinha-se a indole do seu genio, e vê-se claramente que elevados desejos tem de dissipar na litteratura moderna as sombras tristes do scepticismo, e os esforços que faz para mostrar na essencia do homem a verdade e o bem. Mas a feição caracteristica da litteratura d'este seculo nas suas obras primas transparece ainda; porque, apezar da pureza dos caracteres do romance e do seu divino colorido, ao fim o desfallecimento da duvida, a incerteza da felicidade, a desésperança, a vaga melancolia da desventura do amor virtuoso, brotam dolorosamente dos seios d'alma, e vêm com as lagrimas aos olhos anuviados pelo véo da intima descrença.

O espirito sublime de Byron, Goethe, Musset, George Sand, abriu as suas azas sobre a geração que lhe ouviu ainda o fremito melodioso, e sacudiu as pallidas flores do coração humano com os perfumes das rosas sepulchraes da morte. Octave Feuillet, como grande pensador, e poeta primoroso na sua prosa harmoniosissima, não pôde subtrahir-se ao influxo poderoso d'aquelles genios, porque são elles tambem os raios do ambiente luminoso da humanidade, que todos os grandes artistas sentem ao abrir os olhos e ao respirar a vida. A Sibylla é como a Lelia; lucha do bem contra o mal, e no fim a noite sem uma estrella de esperança. Mas no — Romance d'um rapaz pobre — ha a lucha e a victoria, o amanhecer da felicidade para o coração, o raio do sol para as sombras do desfallecimento.

No primeiro quadro do romance destaca-se já o vulto do protagonista, que ha de depois constituir a unidade da obra. É um quadro triste, todo involto em sombras, todo colorido com lagrimas, e mostra ainda assim o grande ideal da poesia do coração humano na significação d'aquellas figuras, que passam como o fumo, apenas esboçadas, e desaparecem depois para sempre: — o amor de mãe, o sanctissimo affecto da martyr, que vira cahirem-lhe no regaço, uma a uma, todas as rosas da coroa da felicidade, e desmaiarem-lhe nos labios todos os sorrisos da celeste esperança; a sua morte é como o suspiro ultimo d'uma harpa etherea, ainda animada por dedos de archanjo, vôo de pomba enamorada d'outros céos, onde a luz do sol não secca as lagrimas amargas; o coração deixa-o no adeos aos filhos, mas o espirito eleva-se nas azas da fé ao santuario da

perenne vida: — a desesperação do homem, que não soube prender-se com os doces liames das afeições de marido e pae, quando vê desmoronar-se o abalado edificio da sua riqueza, desbaratada nos frivolos prazeres do mundo, e sente a necessidade da morte para não ver a desgraça dos filhos, e succumbe, deixando-os quasi na extrema indigencia.

É uma deliciosa harmonia da virtude com o bem este quadro, que pode considerar-se como o prefacio do livro.

Depois principia a narração da vida de Maximo, sempre animada e pictoresca. Mostra, por vezes, na evolução das scenas e na sua espirituosa singeleza a vivacidade do romance francez, ainda que não tenha muito movimento, porque no circulo pequeno, onde o auctor collocou o protagonista, não havia espaço para as grandes peripecias, que vão passando de moda, e sem deixarem saudades. A côr local, ou a paisagem, que é o vestido do romance, e como a indispensavel moldura do painel, é formosa, como sempre soube desenhá-la o lapis esmerado de Octave Feuillet. Agrupam-se deliciosamente as figuras do quadro, e a acção não tem a monotonia, que muitas vezes em narrativa escripta na forma de diario, como a d'este romance, produz fastidioso enfado, e tira ao estylo todo o seu valor. O caracter de Maximo podia julgar-se heroico e profundamente interpretado, se como quasi em todas as creações do auctor uns longes de indifferença pelo principio genial da virtude suprema lhe não sombreassem a radiosa luz. No altar da religião do bem o vejo eu erecto sempre, e com a fronte erguida para o horizonte do dever; mas não tem a aureola da Sibylla, anjo que se inspirava em todas as virtudes do amor ideal, do amor divino, e que morre quando mais nos seus cabellos d'oiro devia alvorecer a coroa dos lirios, e a grinalda da felicidade. E depois sente-se alguma desharmonia no pensar e crer d'aquella alma, entranhada em sentimentos nobilissimos de probidade e honra, e que devera illuminar-se sempre á luz da inspiração de Deos.

Na ordem moral, como na outra, diz Maximo, ha leis que se não transgridem impunemente, e cujos infalliveis effeitos constituem neste mundo a permanente intervenção do que ahi se diz Providencia. Um homem pusillanime e eminente, escrevendo com a mão quasi desvairada o Evangelho do sabio, ponderava ácerca de suas mesmas paixões o seguinte:

«Todas são boas, quando as avassallamos, todas são más quando nos avassallam. A natureza prohibe-nos querer o que não podemos alcançar; a consciencia veda-nos, já não o ser tentado, mas sim o succumbir ás tentações. Ter ou não ter paixões não está em nossa alçada: o que não está em nós é regel-as. São legitimos quantos sentimentos senhoreamos; são criminosos quantos sentimentos nos senhoream. Não apagues teu coração senão á belleza immorre-

doura; circumscreve os teus desejos na esphera da tua condição; que os deveres vão na dianteira das paixões; abrange as cousas moraes na lei da necessidade; aprende a perder o que pode ser-te extorquido; ensaia-te em perder tudo quanto a virtude te prescrever.»¹

Eis aqui a optima doutrina. Abrange as causas moraes na lei da necessidade, que é a lei da ordem, o principio da liberdade justa; mas o auctor ádianta dos mesmos labios, donde mana este oiro, faz brotar o veneno do paradoxo, combinado com as fezes do scepticismo.

A honra, diz elle, substitue hoje em dia tantas virtudes meio-obliteradas nas consciencias, tantas crenças moribundas, e exercita no nosso modo de ser social uma missão de tal modo tutelar, que nunca poderá comigo a idea de debilitar-lhe os direitos, discutir-lhe os decretos, ou subornar-lhe as obrigações. A honra em indefinido caracter é superior algum tanto á lei e á moral; não a comprehendemos pelo raciocinio, sentimol-a. É uma religião. Se não temos a loucura da cruz, guardamos a loucura da honra.

Aqui está a desharmonia. O rapaz cheio de crenças e virtudes, cuja alma parecia banhada nos fulgores da celeste idea, diz que, se não temos a loucura da cruz, guardamos a loucura da honra. Felizmente raras, rarissimas, apparecem estas sombras a escurecer no limpido horizonte o roseo matiz do oriente d'aquella alma pura; e nem por tão pouco se poderá julgar máo o romance, que em todos os seus caracteres apresenta as mais delicadas virtudes do coração humano, embora o protagonista descambe naquellas incoherencias, tristemente notaveis.

F. GUIMARÃES FONSECA.

CURIOSIDADES DA HISTORIA LITTERARIA

II

É em vão que buscamos em Portugal indícios d'uma litteratura vulgar em tempos anteriores ao reinado de D. Diniz.¹ Apenas algumas singelas chronicas e lendas de sanctos, e um curto poema, o *Carmen Josuini*, escriptos numa linguagem que se baptizava com o nome pomposo de latim, mas que era um triste estado de decadencia do idioma do Lacio, nos revelam que naquella primeira epocha da monarchia houve quem desprendesse um momento a attenção dos grandes acontecimentos d'este canto do occidente, para transmitir uma breve memoria d'elles á posteridade. O labor incessante da fundação e consolidação da monarchia não deixava tempo para as lutas intellectuaes. A historia era impossivel: obrava-se, não se escrevia. Eguamente eram

¹ Tradução do sr. C. C. Branco.

¹ Algumas composições, que se julgam anteriores a essa epocha, são apocrifas, como tentaremos provar subseqüentemente.

impossíveis todos os generos de poesia: Achilles não é Homero; Arcesilau, Pindaro; Orestes, Eschylo; e, se este combateu em Marathonia, não foi como heroe, senão como poeta que queria sentir as commoções da guerra para depois as descrever nos *Septe contra Thebas*.

Quando Portugal viu alargados os seus primitivos limites, o musulmano vassallo de seu rei em suas cidades, a Hespanha respeitando-o como filho emancipado para sempre, os foraes e leis geraes regulando as relações de seus cidadãos, verdejarem os campos onde havia pouco tinham corrido rios de sangue, elevar-se um castello sobre as ruinas d'outro castello, uma villa no logar d'um couto incendiado, conheceu que, depois da conquista material, uma outra, talvez mais difficil, era mister fazer — a d'um logar distincto entre as nações civilisadas, e que a civilisação só existe onde está a arte e a sciencia, que elevam o espirito do homem e melhoram seus sentimentos. Do empenho de levar a cabo tão ardua empresa resulta o apparecimento da nossa poesia, cujos primeiros exemplares nos foram transmittidos pelo *Cancioneiro de D. Diniz* e pelo *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. Quando abrimos estes livros, notamos logo que seus auctores, em vez de exprimirem as ideas e sentimentos nacionaes, têm diante dos olhos um modelo estrangeiro — a poesia provençal, cujos secretos encantos elles tentam em vão reproduzir. Essa imitação que confessam dois versos do *Cancioneiro de D. Diniz*:

Quer'eu en maneyra de proençal
Fazer agora um cantar d'amor;

era todavia natural. Que immensos esforços seriam necessarios para fazer sahir do nada uma poesia!... E quão mais facil fazel-a brotar d'um germen fecundo!

Em quanto a Europa do ultimo periodo da idade media se agitou nas lutas civis e religiosas, a cujo fogo se fundiram e ligaram os elementos da sociedade moderna, a Provença viveu quasi sempre tranquilla no seio de costumes e leis, que um certo espirito de liberdade tornava superiores aos que eram geraes nessa epocha. Seus senhores protegeram as letras, e principalmente a poesia, que adquiriu um largo desenvolvimento.

Varios acontecimentos politicos a fizeram conhecida em Portugal e Hespanha. Em 1022 perdeu a coroa de Provença o seu ultimo herdeiro masculino, e passou por casamento para as mãos de Raymundo Berenger, terceiro conde de Barcelona, onde ficou sendo a corte, e para onde concorreu desde então um grande numero de poetas provençaes. O reino de Aragão coube em 1137 por identicas circunstancias aos condes de Barcelona, e d'ahi resultou estender-se a civilisação provençal para o norte da Hespanha. Quando a guerra dos albigenses, cujos horrores enchem uma das mais negras paginas da historia do Christianismo,

perturbou os horizontes até então limpidos da Provença, alguns trovadores do afflicto paiz foram buscar a outras terras a quietação que a patria lhês negava para poderem continuar a exprimir seus sentimentos e ideas na linguagem poetica, que quasi se tornara sua linguagem ordinaria. Foram elles os iniciadores de algumas nações nos segredos do *gay saber*, e o meio principal por que se exerceu a influencia de sua poesia. Nas cortes de Affonso IX e de Affonso X de Castella viveram alguns, como sabemos por varios documentos.² A poesia castelhana já então tinha nascido, e o seu despontar fora esplendido. O poema do Cid, o mais antigo monumento escripto em castelhano, depois dos foraes de Oviedo e Avilés, pela sua simplicidade, pelo pathetico sem artificio dos episodios, e sobre tudo por nelle se reflectir o espirito d'uma epocha com profunda verdade, só tem rivaes nas epopeas homericas; e, como estas, dir-se-hia antes ser o resultado da collaboração d'um povo inteiro do que obra d'um unico homem. A sua absoluta originalidade permite que se afirme que a poesia castelhana se formou independentemente de influencia estrangeira, e ainda da arabe, cujos effeitos sobre a litteratura da idade media, posto que olhados como vastos no systema de alguns notaveis criticos, foram muito restrictos. Aquelles trovadores não fizeram mais que dar intensidade ao movimento poetico nascente, e ensinar aos poetas castelhanos o uso das variadas formas provençaes.

Affonso X de Castella, a quem a historia deu o epitheto de *sabio*, em memoria de seus bellos trabalhos legislativos e da sua protecção ás letras, quiz imitar Guilherme de Poitiers, Frederico de Orange e outros principes, que consagraram ao culto das musas os momentos roubados aos cuidados do governo. O movimento poetico, assim presidido pelo monarcha, não podia deixar de attrahir a attenção de Portugal, que então estava em relações pacificas com Castella; e, se reflectirmos que os ultimos annos do reinado de Affonso o sabio coincidem com os primeiros do reinado de D. Diniz, que a tradição faz auctor dos primeiros versos portuguezes³, que imitou em muitos actos do seu governo o auctor do *Fuero Juzgo*, e que mandou traduzir a *Chronica geral* do rei castelhano⁴, concluiremos que a influencia poetica da Provença se exerceu em Portugal através da Hespanha.

F. A. COELHO.

Não tornes por detrás; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

CAMÕES.

² Ticknor History of hispanish literature, 1863, t. 1 p. 40.

³ Vêde Duarte Nunes de Leão, Chron. de D. Diniz, p. 133.

⁴ Mem. de litt. port. tom. 1, p. 17.

**Alguns dados estatísticos da Instrução primaria
no nosso paiz, segundo a inspecção de 1863 a 1864**

ESCHOLAS DO ESTADO

Numero de escholas creadas, existentes em 1 de janeiro de 1864, sujeitas á inspecção.

Para o sexo masculino	Para o sexo feminino	Total
1.618	205	1.823

Numero de escholas em exercicio, inspecionadas de 1863 a 1864

Do sexo masculino	Do sexo feminino	Total
1.514	173	1.687

Numero de escholas não inspecionadas de 1863 a 1864

Do sexo masculino	Do sexo feminino	Total
104	32	136

Numero de escholas, cujos edificios tinham ou não capacidade, e estavam em boas, soffríveis ou más condições de conservação e hygiene

Em quanto á capacidade				Em quanto ao estado de conservação e hygiene				
Sufficien-tes	Insufficien-tes	Ignora-se	Total	Boas	Soffríveis	Más	Ignora-se	Total
942	689	56	1.687	261	629	769	28	1.687

Numero de professores seculares e ecclesiasticos em exercicio, cujas escholas foram inspecionadas

Para o sexo masculino			Para o sexo feminino	
Seculares	Ecclesiasticos	Total	Professoras	Total
1.196	318	1.514	173	1.687

Numero de professores, cujo zelo pelo ensino foi muito, sufficiente ou pouco

Com muito	Com sufficiente	Com pouco	Ignora-se	Total
172	1.141	264	110	1.687

Numero de alumnos matriculados nas escholas

Do sexo masculino	Do sexo feminino	Total
62.322	9.112	71.434

Numero de escholas em que houve ou não premios e exames finaes

Premios			Total	Exames finaes			Total
Sim	Não	Ignora-se		Sim	Não	Ignora-se	
654	971	62	1.687	215	1.348	124	1.687

ESCHOLAS NÃO MANTIDAS PELO ESTADO

Numero de escholas inspeccionadas, e por quem sustentadas

Em quanto aos sexos		Total	- Por quem sustentadas						Total
Masculino	Feminino		Camaras	Juntas	Associações	Iniciativa particular	Empresa ou industria	Ignora-se	
405	546	951	37	17	68	47	778	4	951

Numero de professores ou directores, e dos que tinham ou não titulo de capacidade e habilitação

Para o sexo masculino		Total	Para o sexo feminino		Total	Em quanto á habilitação			Total
Seculares	Ecclesiasticos		Professoras			Com ella	Sem ella	Ignora-se	
367	64	431	552		983	432	545	6	983

Numero de alumnos matriculados nas escholas ou outros estabelecimentos de instrucção e educação

Do sexo masculino		Total	Do sexo feminino		Total	Total geral	Internos de ambos os sexos	Externos de ambos os sexos
Inter-nos	Exter-nos		Inter-nos	Exter-nos				
1.251	13.137	14.388	1.251	12.182	13.434	27.822	2.503	25.319

Lisboa, novembro de 1866.

P. R.

COMMEMORAÇÃO

Morreu na cidade do Funchal, na ilha da Madeira, a 7 do preterito mez de janeiro pelas duas horas e um quarto da madrugada o sr. Antonio Lucas dos Sanctos Viegas, estudante da Universidade, e natural de Coimbra, onde tinha nascido a 14 de março de 1847.

Contava vinte annos escassos, e era um moço bondoso e intelligente, que reunia em laço estreitissimo excellentes dotes do espirito com os sentimentos mais nobres do coração.

Do muito que valia podemos dar testemunho publico, nós que fomos seu mestre e amigo, e que nesta duplice qualidade o estimámos invariavelmente com singular affecto.

Contando, pela successão natural das cousas, com que o desditoso mancebo nos sobrevivesse, aqui vimos com a mais profunda magoa memorar o seu fallecimento, quasi incredulos ainda de tamanha desgraça.

Quando um cadaver desce á sepultura, antes de o homem descançar a fronte alagada com o suor das afflicções no travesseiro da eternidade, se lhe formassem a biographia pelas lagrimas que chorou, que desengano de vaidades.... Como é escarneo o riso que nos volteia nos labios, e como são estereis as alegrias da vida...

O sopro que nos animou foi sopro originariamente amaldiçoado. Feliz aquelle que se perdeu sem deixar rastro; ditoso o feto que

se não converteu em criança, ditosa a criança que não se fez homem.

O Prometheu que os antigos imaginaram roído pelo abutre, o Tantalo devorado pela sede, eram copias fidelissimas, typos eternos de toda a humanidade. O inferno que Virgilio rasgou nas entranhas da terra, povoado de sombras e repleto de tormentos, era a reprodução directa da vida, espelho de todas as edades. E por isso é talvez mais lido e estimado o canto VI das Eneidas.

Innumeras são as estrellas do céu, infinitas as areias do mar; innumeras como as estrellas, infinitas como as areias são as nossas agnias.

As lagrimas são salgadas como as ondas, pesadas como o chumbo, ardentes como o fogo. Ha lagrimas que nos encurtam os annos, e nos fazem velhos precoces. São as que se bebem muitas vezes na taça dos prazeres, em cujo fundo se disfarça a lã da desgraça.

A vida é isto. Julgamol-a um gozo, e é provação; foge-nos quando a cremos segura, porque é apenas noviciado o que sonhamos eternidade.

Passou como sombra o nosso joven amigo. As rosas da sua primavera esfolharam-se-lhe entre os goivos da campa. Não ha rocio do céu que reverdeça o arbusto que ao raio da morte lascou.

Egual a tão duro desengano é só a fé, unico escudo contra as amargas decepções da vida. É a religião que nos salva alem do tumulo, pois seria escarneo o raio da intelligencia que só nos alumiasse o abysmo da dissolução e do nada.

Firmes nesta crença volvemos os olhos ao céu, e oramos confiados pelo eterno repouso do desaventurado mancebo.

Cerrada a sepultura do amigo, e na vespera do seu regresso, o sr. Luiz Carlos Simões Ferreira, que fora o seu companheiro fiel e desvelado, dirigiu a outro amigo e patricio, o sr. conego Abel Martins Ferreira, a seguinte carta de despedida:

Men caro patricio e amigo.— Queira permittir-me que, numa das occasiões mais dolorosamente solemnes da minha vida, me dirija a v. ex.^a desabafando no coração d'um amigo a saudade d'outro amigo; e consinta-me tambem que, aproveitando o ensejo, lavre publicamente um protesto de reconhecimento, agradecendo d'este modo as tantissimas provas de estima e apreço que, durante a minha curta residencia no Funchal, tenho constantemente recebido.

Nem eu aqui poderia escolher seio mais intimo, onde desafogasse as magoas que me dilaceram, porque nos prendem relações de patria commum e conhecimento antigo; nem encontraria, de certo, melhor interprete dos meus sentimentos de gratidão. É por ambos estes motivos que me dirijo a v. ex.^a

Se é ou não dolorosa a situação em que me encontro, poderá bem ajuizar-o quem souber que perdi o mais estremecido e caro de meus amigos, porque o era desde a infancia, e sem quebra nunca do reciproco affecto.

Antonio Lucas dos Sanctos Viegas era para mim mais que um parente, porque nos ligavam duas affinidades:— a do espirito e a do coração.

Nascidos ambos em Coimbra; creados junctos; educados com a leitura dos mesmos livros; condiscipulos por varias vezes, e unidos pela fraternidade que dão os bancos escolares; ambos com as mesmas aspirações á realisacão das grandes ideas e dos nobres commettimentos; havia entre nós tamanha uniformidade de pensar e sentir, davam-se taes condições de inalteravel affeição, que não acho possivel preencher-se jámais o vacuo que a sua falta me deixou. Eu admirava-lhe a vastissima intelligencia, que, apesar de ser elle mais novo, me guiava frequentemente os desvairados passos da juventude; e sentia, ao mesmo tempo, uma quasi ternura por aquella natureza delicada e fragil, que possuia toda a extranha sensibilidade d'uma organisação feminil.

Outra circumstancia agrava ainda a minha posição melindrosa e triste.

Quando o vi doente, e sem ninguem de familia que podesse acompanhá-lo, offereci-me a tentar o ultimo esforço para o salvar, sacrificando assim um anno do meu tirocinio litterario. Entregaram-m'o com toda a confiança, como quem esperava que lh'o levasse restaurado e com o vigor antigo. Eu assim o esperava tambem, na cega credulidade do meu affecto para com elle. Mas agora, que o mais fatal dos acontecimentos m'o arrebato para sempre dos braços, como apresentar-me á pobre mãe, que não tem outro filho que lhe minore as pungentissimas saudades?...

Isto é o fundo d'um abysmo, para o qual nem ousou relancear os olhos.

Uma consolação unica me resta, e um só escudo me ampara: é a convicção de ter feito pelo meu desventurado amigo quanto me era humanamente possivel. Trouxe as minhas intenções: levo a minha consciencia.

Aos prestantissimos cavalheiros, que tão obsequiosamente nos tractaram, diga-lhes v. ex.^a o que mais digno lhe parecer: que não tenho eu expressões que bastem a agradecer-lhes. Em todo o caso assegure-lhes que, nesta bora em que me despeço d'elles, levo gravado o nome de cada um na indelevel memoria do coração. E, dizendo isto, acredite v. ex.^a que diz verdade, que muito folgo de reconhecer e firmar com o meu nome.

Tenho a honra de assignar-me

De v. ex.^a etc.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

Funchal, 18 de janeiro de 1867.

Esta carta é o mais digno epitaphio que pode lavrar-se numa campa. Escripita com o sangue do coração tem a eloquencia profunda da dor que trasborda espontanea do intimo da alma.

A amizade que deixa d'estes monumentos é com certeza o mais sancto dos affectos.

A. A. DA FONSECA PINTO.

EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes), 240 réis
Fóra de Coimbra (por seis mezes), ... 600 "

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

A ASSOCIAÇÃO E SUAS VANTAGENS

II

Solitaire, le travail mène à la mauvaise humeur et à l'ennui: collectif, il devient attrayant, et ressemble quelquefois à une fête.

LOUIS BLANC.

A associação é a verdadeira mola de desenvolvimento, e a alavanca do progresso.

Insurjam-se embora contra ella esses espiritos meticulosos, que sonham prosperidade e grandezas sem o seu auxilio: as suas theorias nunca sahiram do numero das observações do espirito humano.

Em todo o tempo houve verdadeiros e falsos apóstolos. Não ha idea alguma que não tenha tido amigos e contradictores. Porem os que hoje combatem a associação são soldados dispersos das diversas seitas do socialismo.

Não ha outros inimigos que temer.

Plantemos pois sem receio a arvore, cuja sombra ha de estender-se até mesmo sobre as cabeças dos que hoje a detestam.

É um principio incontroverso—que o homem deve desenvolver-se na plenitude da sua natureza racional. Porem só a associação pode fazer com que elle se desenvolva em todas as suas faculdades e em todas as suas relações.

«Um povo, que não está habituado a fazer espontaneamente o que é de interesse colectivo, e que espera que o seu governo o dirija em todas as questões de utilidade publica, e em tudo que não seja negocio em que predomine o habito e a rotina, não goza senão de metade de suas faculdades. A sua educação é defeituosa em um de seus ramos mais importantes».

Sem o espirito de associação não ha nação alguma, que possa tentar o estabelecimento de grandes empresas industriaes e commerciaes.

A associação tem a immensa vantagem de ser estimulo poderoso da actividade, e de dar o bom senso practico e um caracter viril, que é só proprio d'aquelles que estão costumados a calcular os inconvenientes e a apreciar as difficuldades de qualquer empresa.

É a associação que torna de dia para dia mais facil e commoda a vida humana.

Não são raros os successos notaveis que têm a sua origem na associação; contemplar á luz da historia os acontecimentos pasmosos que são a maravilha d'este seculo, e que á associação se devem, não cabe de certo em tão pequeno espaço.

A enumeração porem de alguns d'elles dará idea aproximada do seu benefico influxo.

Olhemos para a Inglaterra, para os Estados-Unidos, e para a França: é a associação que ahi tem creado os mais poderosos estabe-

lecimentos de industria moderna, as mais uteis instituições de credito e de beneficencia, innumeradas vias de communicação terrestres e maritimas, machinas a vapor, telegraphos, e em fim todos esses novos inventos, que fazem a admiração d'este seculo.

É por meio de associações poderosas que se têm rasgado as entranhas da terra; aberto extensos e profundos tunneis, por onde passa ovante a locomotiva veloz; que o antigo e novo continente se enlaçam pelo vinculo maravilhoso do cabo trans-atlantico.

O principio da cooperação applica-se a todas as formas da nossa actividade.

A associação na agricultura offerece o meio de combinar as vantagens de pequena propriedade com as da grande cultura; na industria manufactora permite substituir vastos estabelecimentos por pequenas fabricas, onde as despesas são consideraveis e mediocre a utilidade.

A associação contribue muito para a desejada extincção do proletariado; auxilia o adiantamento intellectual e moral, e é uma das mais fecundas fontes de moralisação e de prosperidade publica.

Já Robert Owen e os promotores das sociedades cooperativas diziam, no principio d'este seculo, que a associação ha de pôr termo á exploração do homem pelo homem, e effectuar o melhoramento das classes mais numerosas e mais pobres da sociedade.

A persistencia individual, e a constancia nos trabalhos, hão por vezes sido agentes poderosos na realisação de alguns melhoramentos moraes e materiaes; mas os esforços reunidos de alguns poucos individuos fazem mais em um só dia, do que os de muitos homens trabalhando separadamente largos annos.

Uma curta imagem dará melhor a conhecer as vantagens da associação.

Um cego e um paralytico encontraram-se. Diz o cego ao paralytico: «toma-me tu sobre os teus hombros, e ensinar-te-hei o caminho.»

Eis ahi duas entidades imperfeitas, incapazes cada uma por si de chegar ao termo de seus desejos, que conseguem pelo mutuo adjutorio aquillo que isoladamente não poderiam ter conseguido.

É isto mesmo o que se passa no seio da associação, onde, pela reunião de esforços e pela applicação de muitas forças ao mesmo fim, é possível realisar empresas, levar a cabo instituições, que, sem esse poderoso auxilio, jámais se poderiam realisar.

Na associação ha a consciencia de se haver adquirido uma posição pelos proprios esforços.

O operario, a quem fallecem as forças ou falta o trabalho, pode nas atribuladas horas do seu infortunio ser soccorrido pela caridade particular; mas a beneficencia, que se exerce espontaneamente, ás vezes humilha o homem de brios.

¹ J. Stuart Mill.

E se a mão da caridade se não estender para elle?

Raro será o operario que, vendo-se no dia da doença sem apoio e sem recursos, não tenha que chorar pelos infortunios proprios, e pelo futuro que ameaça a sua familia.

E, quando vê estampadas em seu rosto as sombras da morte, lamenta a sorte dos filhos, que luctam no presente com a miseria, e têm em perspectiva a orphandade.

Mas aquelle que, durante os dias de seu maior vigor, entrou numa associação de socorros mutuos, ou depositou parte do seu salario em alguma caixa economica, deixará de si muitas saudades, mas não um legado de miseria aos que amou na vida.

J. C. PRETO PACHECO.

GEOGRAPHIA MEDICA

A geographia medica, no fastigio a que a exalçaram as descobertas de trabalhadores indefessos, illustra a pathogenia, por si se inculca, e todos os que professamos a sciencia da vida a trazemos sempre diante dos olhos do espirito. Já de si está o mesmo nome explicando e insinuando o muito para que é e o que vale. Diz relação dos phenomenos geologicos e climatologicos de cada zona do globo com as condições biologicas dos povos que a habitam. Assim comprehendida, a geographia medica é estrella e bussola, luz e guia da medicina. Illumina a etiologia, aponta a therapeutica, allumia a epidemologia, encaminha a hygiene. E, revelando a mutabilidade das molestias da especie humana no tempo e no espaço, assignala tambem as que pullulam sobre todo o globo, como as que nascem em certos paizes, em pontos determinados, e as que são privativas das differentes raças.

Têm as constellações latitude propria, e ha uma fauna para cada zona e uma flora para cada região. Esplende o *cruzeiro do sul* no hemispherio austral, paira o condor sobre as cristas nivosas do Chimborazo, e nos jardins do Indostan desabrocha a asôka seus cachos floridos. Como o astro, a ave e a flor, têm as molestias sua latitude, zona e região. Só roreja o suor anglico entre 43° e 59° da latitude norte¹; a *spedalskhed* apenas se mostra endemica desde os 60° até aos 70° de latitude boreal²; e a tara vive sómente na Siberia, ferindo a cidade do seu nome e a população das margens do Irtisch³.

Toma-nos porem a mão, no illucidar este ponto, uma gravissima auctoridade, e que, como poucos, conseguiu levantar em formoso

relevo aquellas analogias. «Assim como ha plantas, diz o sr. Boudin, que germinam em quasi todos os pontos do globo, com existirem algumas que só viçam ao modo endemico, em logares mais ou menos circumscriptos, assim as molestias do homem surgem eguaes por toda a terra, ou prendem dissimilhanes em assignaladas zonas e determinadas localidades. Têm pois as molestias, como as plantas, *habitats*, estações e limites geographicos. Archangel, situado a 64° de latitude norte, marca na Europa o limite boreal do cholera. Até hoje ainda elle não logrou invadir a Islandia, nem a Groëlandia, nem a Siberia; na America entrou o Canadá, e assentou seu limite meridional em 21° de latitude austral. O cabo da Boa Esperança e a Australia nunca foram devastados. As febres palustres, no antigo continente, fecha-as a curva isothermal de 5° centigrados, e jámais as viram o norte da Escossia, as Hebrides e as Orcades, as ilhas Shetland, as Feroë e a Islandia. No hemispherio sul nem sequer attingem a isothermal de 15°. A febre amarella nunca ultrapassou o 48° de latitude boreal, nem o 27° de latitude austral; é seu theatro ordinario todo o litoral do golfo do Mexico e do mar das Antilhas, com ter-se ainda observado no litoral americano do Oceano Pacifico. A pellagra domina entre o 42° e 46° de latitude norte; o botão d'Alepo entre 33° e 38°, o beriberi entre 16° e 20° norte.

Com relação á longitude geographica notam-se limites analogos. Assim na peninsula escandinava encontra-se a *radesyge* especialmente a este, e a *spedalskhed* a oeste das montanhas; os verugas topam-se no Perú, e tão sómente na vertente occidental dos Andes; a febre amarella só tem grassado, em nossos dias, entre Acapulco e Liorne; á peste limita-a para o oriente uma linha que se estendesse do golfo do Mexico ao mar Caspio⁴.

Tambem no sentido da altitude têm muitas molestias bem demarcado limite. Os verugas não se encontram no Peru senão entre 600 e 1:600 metros acima do nivel do mar; no Mexico a febre amarella jámais se eleva alem de 924 metros; o cretinismo, que na America do Sul se observa a mais de 4:000 metros, alcança apenas 2:000 metros de altitude no Piemonte e 1:000 na Suissa. No mesmo Piemonte contam-se em 10:000 habitantes 35 cretinos nas montanhas, e apenas 4 nos plains; 100 affectados da papeira nas primeiras, e sómente 16 nos segundos. A influencia da latitude traduz-se muitas vezes por uma simples modificação na forma das molestias. D'ahi vem que, assim como o typó das febres palustres destoa cada vez mais da continuidade, á proporção que nos alongamos do estio e do equador, assim nos paizes quentes e panta-

¹ Boudin, *Traité de Géographie et de Statistique Médicales*, t. 2. p. 705, Paris 1857.

² Idem loc. cit. p. 703.

³ Idem loc. cit. p. 717.

⁴ Ha nisto manifesta illusão do auctor.

nosos pode, como se vá subindo, distinguir-se uma serie graduada de formas, verdadeira stratificação de typos desde o continuo até á mais singular intermittencia.

Algumas molestias não ha vel-as senão em regiões mais ou menos circumscriptas. D'ellas temos, por exemplo, os verugas no Peru, a plica na Polonia, o botão dos Ziban na Algeria, os hydatides do figado na Islandia; outras são exclusivas de certos paizes, ou apparecem alli por excepção, como a tenia na Abyssinia, a catarata na bahia de Biafra, o garrotilho em algumas partes da Suecia, o trismo dos recém-nascidos na ilha Westmannoë, o pemphigo na Islandia, o bicho no Brasil.

Paizes sabemos tambem notabilissimos pela raridade ou ausencia de certas molestias. Falha a pellagra na Sicilia e Sardenha; o cancro é rarissimo no Egypto; a gota rastreia-se apenas no Peru, Brasil e Nubia; a phtysica, muito menos que vulgar no archipelago de Viti, é quasi desconhecida na Islandia, nas Feroë e nos *steppes* dos Kirghis; os calculos vesicaes são pouco communs em Pisa, Madrid e na Guiana; as hemorrhoidas não se observam na Nubia; as escrofulas, raras nas Feroë e nos *steppes* dos Kirghis, jámais appareceram na Islandia; e a obesidade mal se avoluma na America do Norte.

E porem molestias ha que parecem affeição-se a certos terrenos. A epidemia de miliaria, que appareceu em 1821 no departamento de Oise e do Sena e Oise, alojou-se nos valles formados por terrenos de turfa. Outra epidemia igual, que dominou na Dordonha de 1841 a 1842, parecia derivar do terreno cretaceo, e parou em frente do granito e do terreno oolithico. Muitas localidades, em que se desenvolve a papeira, pertencem aos calcareos metamorphisados pela magnesia; e, pegados com elles, mas limpos de massas adventivas de dolomia, os terrenos de mica-chisto e os da epocha cretacea são as mais das vezes completamente poupados. O cholera tem assinalada predilecção pelos terrenos terciarios e de alluvião, desertando rapidamente dos terrenos antigos.

Tamanha é pois a solidariedade entre o solo e certas molestias, que a modificação do primeiro arrasta consigo, as mais das vezes, uma transformação correspondente nas manifestações pathologicas. Em muitos logares dos Estados Unidos da America e da Suissa a desappareição das febres palustres, causada pelo dessecamento do solo, parece trazer após ella a appareição ou multiplicação da phtysica pulmonar⁶.

Não ha mais desejar. Destacam-se multiplicados os factos, avultam-se por uma das

suas feições mais características, enfileiram-se cerrados, entalham-se profundos, agrupam-se em diferentes planos, e fica um vistoso e bem composto embrechado, em que resaltam cambiadas as mais curiosas e interessantes observações de pathologia medica. A este esmiudar particularidades, cuja dilucidação e nexos se sublima ás alturas da theoria, antecipa a razão seus eternos principios, e cava fundos alicerces á geographia medica. Porque, sendo a molestia um producto de dous factores, impressão e reacção, consoante estes variarem, assim o resultado será distincto. Influem-os porem causas externas e circumstancias individuaes, derivando-se de agentes diversissimos, cuja potencia, por mui diferente, de necessidade se ha de revelar em bem estremados effeitos. Por onde a innumera variedade de especies morbidas. E pois que a razão e a historia se dão as mãos no fundamentar as bases da noso-geographia, não feriremos no trabalho de assentar alguns materiaes, que para o edificio servem, tirados d'entre os muitos, que ahí se apinhoam a estorvar-nos o passo.

Ensina a geographia medica que a peste, a febre amarella e o cholera morbus têm *habitats*, latitudes e zonas diversas; e, medindolhes o ambito, doutrina o ponto pelo seguinte teor.

A peste é originaria do Baixo Egypto. Irrompe, accesa por uma temperatura de 17° R., do lodo e limo do Nilo, «d'aquelle Nilo tão crescido, e tão soberbo, na phrase correcta do chronista da companhia de Jesus, que enchendo tudo de verde a verde, e de monte a monte, vay alagando, e fertilizando as largas campinas, e estendidas varzeas do Egypto.»⁶ É endemica entre 29° 42' de latitude norte e 25° 30' de longitude oriental, e, com nunca ter apparecido na America⁷ nem no hemispherio do sul, abarca até hoje a área geographica, comprehendida entre 20° e 67° de latitude norte, a longitude occidental de 28° e a oriental de 135°. Sua latitude não sobe grande numero de pés sobre 600.

A febre amarella nasce do litoral do golfo do Mexico e do mar das Antilhas. Aviventada pelo calor de 24° centigrados, cresce e estende-se numa zona vastissima, demarcada pelo 48° de latitude boreal e 35° austral, a latitude oriental de 8° e a occidental de 103°. Abalisam-lhe 3:000 pés a elevação extrema acima do nivel do mar.⁸

O cholera morbus traz sua origem do Indostan. Gofa das margens do Ganges e outros rios da antiga Ferakh-Kand, alastra à India inteira, espraia-se pela maior parte da super-

⁶ Balthazar Tellez, Historia Geral de Ethiopia a Alta, p. 17.

⁷ A despeito da asserção do Padre Antonio Vieira. Cartas, t. 2, p. 349, Lisboa 1735, etc.

⁸ Al. de Humboldt, Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne, t. 4, p. 477 e segg., Paris 1811.

⁵ Boudin, Traité de Géographie et de Statistique Médicales, t. 1, p. XLIII—XLV, Paris 1857.

fície da terra, invade quasi todas as longitudes, ascende a todas as altitudes, e morre aos 65° de latitude boreal e 55° de latitude austral⁹.

Assentam estes principios em chão batido e firmissimo. Formou-o a experiencia de muitos seculos, travou-o a observação de innumerables factos, consolidaram-o fadigosos estudos de medicos e geographos distinctos. D'onde o arriegarem-se aquelles profundamente, e medrarem e crescerem á farta.

E as consequencias, aquinhoando natureza identica á dos principios, evidenciam a verdade d'estes, como as queiramos aquilatar na sua applicação á historia epidemologica de cada paiz.

V. DE MEIRELLES.

DESCRIPÇÃO DO PRADO

GRANJA EM CASTELLO DE VIDE

Ao nascente, e a pouca distancia de Castello de Vide, levantam-se dois soberbos oiteiros, que contrastam um com o outro, e offerecem aos olhos magnifica e deliciosa perspectiva.

Veste-se um d'elles de pinheiros ainda novos, que, bastos no sopé, vão rariando pouco a pouco até ao cume.

O outro ennastra-se das mesmas arvores até ao meio da encosta, tornando-se de repente escalvado, e assumindo uma côr barrenta e livida.

Unem-se pelas bases, e separam-se deixando entre si não pequena e aguda quebrada.

Aqui apparece o sol todos os dias recostando-se nos dois oiteiros, como em braços de poltrona, e desembaraçando-se dos frocos de nuvens, que teimosas o envolvem.

Ingenua criança, que notasse o phenomeno constante da apparição do sol naquella quebrada, pensaria talvez que o continuo roçar de seus raios a tinha escavado pouco a pouco.

Perto e ao sul d'estes dois oiteiros, que me trazem á memoria os da ilha dos Amores, corre uma extensa collina, que vai entestar com os muros da villa, collina numas partes semeada de rochas calcareas, noutras de ameno e facil declive.

Pela encosta d'esta collina e planicie, que forma a sua base e a base dos dois oiteiros, se estende a granja do Prado, de que daremos succinta descripção.

Iremos de certo angustiar em acanhadissimas molduras magnifica paizagem; mas os quadros não acabados mostram-se tambem; se não ha nelles aperfeiçoamento, ha esforço e ousadia, que é merito ás vezes.

Adornam o declive da collina dezoito mil

⁹ Archivo de Pharmacia e Sciencias accessorias da India Portugueza, 2.º anno, p. 243 e segg., e 3.º anno, p. 14 e segg.

pes de oliveiras ainda novas, enfolhadas sempre e dispostas em triangulo.

No tempo da colheita raro são açoitadas da vara; a mão do jornaleiro ripa-lhes o fructo, e d'aqui vem ficarem tão mimosas, como se de maduro lhes houvesse cahido.

A disposição, que ellas têm, deixando-lhes o mesmo espaço entre si, dá-lhes força equal para vegetarem e crescerem, e torna-as agradaveis e bellas á vista.

Quando o vento lhes curva a ramagem verde-alva, e as obriga a beijarem-se, o observador em distancia julgará ver um panno assetinado e cinzento a desdobrar-se pela collina paralelo ao declive.

O espaço dominado por estas oliveiras está dividido em pequenos tractos de terra chamados *sortes*, que o dono da granja, o sr. Le-coq, arrenda aos jornaleiros.

São limite de cada *sorte* uma pequena sebe de tremoceiros ou marcosinhos de pedra. Não é ainda, como fora para desejar, a propriedade dividida por muitos; mas é já a propriedade confiada a muitos, que têm de tirar d'ella uma renda para o senhorio e abastecimento de viveres para consumo de suas casas.

Nos dias, em que a chuva impede os trabalhadores de irem ganhar seu jornal, qualquer estiada se aproveita nos cuidados da *sorte*; nella se dispensam como em jardim de recreio algumas horas dos dias sanctificados, e entregam as mulheres a estes pequenos dominios o tempo que lhes sobra dos trabalhos domesticos.

O canto é companheiro e amigo do trabalho; por estes campos agora mimosos, safaros e cheios de moitas ainda ha pouco, e que foram desbravados facilmente, e como a brinquedo, por meio d'esta divisão em *sortes*, alternam-se muitas vezes concertados desafios entre as aves que nidificam e o camponez que agricultura.

Uma e a mesma cousa é para mim ver estes agros virentes e cultos, e lembrar-me dos de Hollanda, descriptos por Bernardin de S. Pierre nos Estudos da Natureza de modo a nós crear inveja de os termos assim.

A já não pequena distancia dos muros da villa, e proximo dos oiteiros descriptos, começa a collina a talhar-se mais a pique, e a ser mais extensa a planicie.

Ahi finda o olivedo, cujo limite é marcado por uma levada, que naquellas terras borbotta, e começa a prender-nos a vista magnifico tapete de verdura, aqui e alli matizado de algum vegetal de outra côr, que agradável e proveitosamente se combina com ella.

São milhos embandeirados, que se banham á tarde em aguas crystallinas, prados de luzerna sempre verde, leiras carregadas de couve de Bruxellas, que produz pelo tronco pequenos repolhinhos, feijoes avidos de apoio a enrolarem-se nas empas, messes de cevada e de

trigo, e estacaria de mil arvores diferentes, que alli passam a infancia, como em collegio, para serem transplantadas depois de robustas.

Em meio d'esta planicie, sobre que os olhos repousam gostosos, correm duas linhas de arvoredo de não pequena extensão, em que as arvores da Europa e da America, da Africa e da Oceania mutuamente se osculam, e não raro entrelaçam os ramos.

Um arborario seria preciso para nomear e descrever por suas propriedades quantas arvores extranhas se levantam alli; não o comporta uma descripção a traços largos e feita para uma folha periodica. Daremos pois o desenho geral da arruada, e a esmo fallaremos de algumas das arvores.

Dominam o lado direito para quem vai de Castello de Vide eukaliptos gigantes e platanos orientaes.

É a primeira d'estas arvores indigena da Australia; o seu nome grego, que traduzido em romance significa *bem coberto*, explica á maravilha o cuidado com que resguarda a sua flor.

É esta branca, e pullula dentro d'uma caixa de forma hemispherica, sobreposta por tampa á maneira de pyramide regularmente faceada.

Em quanto a flor é debil e tenue, conserva-se coberta; logo porem que se desenvolve totalmente, as folhas se apartam, e a tampa salta fóra, deixando-as beber os raios do sol e a frescura das brisas.

Attinge esta arvore cincoenta metros de altura, tem a propriedade de purificar os ares, de despir todos os annos a casca, e apresentar ainda tenra aspecto differente d'aquelle que ao depois offerece.

Da segunda, o platano oriental, por muito conhecida nos não occuparemos.

Em meio d'estas, como rainhas do sitio, levantam-se outras arvores, entre as quaes se distingue a betula alva e rubra, ou vidoeiro.

Arvore é esta, cuja casca, mais fina e compacta que o papel, recebe perfeitamente os traços do lapis e os rasgos da penna.

Se fossemos no tempo dos poetas pastores, que escreviam nos troncos das arvores idyllios amorosos, dedicados ás Galatheas risonhas, e diziam contentes

Crescent illae, crescetis, amores,

não raro veriamos esta pejada de acrosticos ternos e desgarradas cançonetas.

Convida em verdade a confiar-lhe ternuras, e pode alimentar-as com a seiva, que produz, fermentando, uma especie de vinho.

Os selvagens da America do Norte tecem pirogas com sua casca, e nellas se expõem sem medo á corrente dos rios e ás vagas dos mares.

Ergue-se ao pé do vidoeiro vegetal grattissimo aos filhos de Minerva, vegetal symbolico de descanso e repouso no seio da fami-

lia, e cuja flor é esperada com áncia e vista com alvoroço. É o tulipeiro da Virginia, que florendo annuncia as ferias, e a que chama a mocidade academica *a arvore do ponto*.

Fazem sequito a estas descriptas a tilia, a myrica ou faia das ilhas, cujo fructo é como o da amora, o asereiro e a paulonia imperial do Japão, o cytiso dos Alpes, a arvore predilecta de Castilho, a virgilea lutea, de cuja madeira se extrahe tinta amarella, e a catalpa, que se veste em agosto de purpura e de oiro.

No espaço d'um tronco a outro tronco vegetam as dhalias, que, soberbas em nossos jardins, alli parecem envergonhadas e sem terem ufania de suas folhas, que imitam veludo.

Este o lado direito da arruada.

Destacam-se entre as arvores, que formam o esquerdo cyprestes pyramidaes e horizontaes e a magnolia grandiflora. A magnolia! a arvore que dá os florões com que se tocava a Celuta, a tão ingenua e tão forte heroína dos Natchez, aquella que

Avait le regard de la nuit et le sourire de l'aurore!

A magnolia! Eu amo esta arvore como a pode amar um filho da America, cujo berço infantil fosse embalado em meio de seus ramos; e folgo de sentar-me á sua sombra, e deixar-me descahir num quasi devancio. A belleza de suas folhas permanentes e bicolores, o suavissimo perfume dos florões magnificos, que semelham, quando fechados, limões grandiosos e brancos, e abertos estrellas de prata a matizar um céu de verdura, transportam-me áquellas paizagens da Louisiana, áquellas scenas dos Natchez repassadas de encanto e simplicidade, e descriptas com magicas phrases pelo filho da Armorica.

Mas no Prado a magnolia avista o cypreste, e entre estas arvores, que podem symbolisar uma a prece pela direcção de seus ramos, e outra a virtude pelo aroma da flor, diversas se levantam, de que vamos fallar.

Aquella, que por uma extranha propriedade me parece mais digna de menção é o cupressus disticha ou taxifolium da Louisiana.

É liso e egual ao tronco de qualquer o tronco d'esta arvore, quando não cresce em terrenos cortados por aguas, que lhe passem ao pé, e levem corrente tumida e rija.

Se porem ella mira seus braços em rio caudaloso, se recebe nas franças a espuma, que salta, quando as aguas se enfurecem contra as rochas a embargar-lhe a passagem, então uma especie de cortiços reveste seu tronco.

Bernardin de S. Pierre, que localisa na America as scenas do seu poema de ingenuidade, que nas timidas violetas e nos morangueiros foi estudar harmonias, diz, não sei em que capitulo da sua obra, que para o escorar contra o embate dos materiaes, que as corren-

tes arrastam no inverno, vestira a natureza d'aquelles tuberculos o taxifolium quando ao pé d'agua.

Más voguemos para terra.

O larix européa, cuja madeira é incorruptivel, a willingtonia gigantea, o bordo da Europa e da America do Norte, a salisburia adiantipholia com flor amarella têm raiz entre cyprestes e magnolias.

Nesta como deputação de diversos climas e terras, mandando arvores para alli os representarem, tem o Gerez a anagyris-fetida, e, entre as que mais brilham, tem o Japão a nespereira, que umas vezes sobe e se derrama pelas paredes, e outras se apruma com as suas folhas avincadas e dispostas em ramallete, e a sua linda flor branca, que pullula no outomno. Vem derramar os perfumes, que ao longe se espalham, sobre as folhas a despegar-se dos ramos, embalsamal-os e servir-lhe de myrrha.

Correm por quasi toda esta linha de arvoredo e arrumadas a elle macieiras e pereiras anôas, que, dando as mãos umas ás outras, assumem forma espalmada, e olham as dhalias fronteiras, que as desafiam na altura.

Este renque formosissimo de arvores interrompe-se em meio, e dá passagem para um pequeno jardim, atrio verde e risonho da casa alvejante do Prado.

Debeis araucarias, laranjeiras, que ainda temem o sopro fagueiro do vento, cyprestes tenrinhos, e o arbusto que produz a camelia, senhoream este curto recinto, no centro de cujos taboleiros orlados de murta repuxa um jacto d'agua, que vai cahir e formar recochetes em bacia de pedra.

Á sombra amiga e protectora dos mencionados arbustos erguem-se cravos, e alastram violaes.

Encosta-se á parede da casa uma estufa não grande, ha nella alguns annanazes, e serve principalmente para aclimação.

Se deixarmos este recinto, e formos para o lado a que a casa dá costas, offerecem-se outra vez paralelas e rigorosamente fronteiras aos cyprestes oliveirinhas mimosas, cercadas de vinha.

Olhae-as de longe, e levar-vos-ha após si o sentido da vista formosa illusão, que recreia e que se ama.

Oliveiras e cyprestes confundem-se numa só arvore; o tronco d'estes não vem do terreno, mas rebenta e alteia-se do meio d'aquellas, e a folhagem verde alva d'umas e o verde carregado dos outros prestam-se mutuamente sombras e luz, temperam-se e combinam-se em agradabilissimo quadro.

Ao sueste da planicie, e onde ella mais verdeja e sorri, ha um tanque, cuja agua provém d'um furo artesianos, e que tem dezoito metros e tres centimetros de comprido, treze e sete de largo, e cuja altura até ao nivel da

agua é d'um metro e sete centimetros. Leva 848 pipas de agua, ladeiam-n'o nespereiras e araucarias, e mira-se nelle pequena casinha, que serve para banhos.

De bom grado convidara eu o leitor a se entreter olhando os peixes variocolores, que povoam o tanque, e chamando-os á superficie; resta-me ainda porem conduzil-o a fresca e enredosa lameda.

Nasce esta na falda da collina, de que hei por vezes fallado, e prolonga-se pela parte da encosta mais aspera e cheia de fragas.

Acacias da Australia, multidão de pinheiros differentes, cedros do Hymalaya e do Libano, araucarias de varias especies dão adito juncto ao sopé para um caminho de cyprestes, que vai serpenteando pelo dorso.

Faz elle umas vezes ellipses sinuosas de difficil sahida, interrompe-se em partes para dar logar á grozelleira, á murta e á humilde alfazema, e noutras partes emmoldura plainos sobrepujados de rochas, que se arqueam em grutas, distillam crystaes, e recebem os abraços da madresilva e da hera.

Mysteriosos recessos são estes, que convidam a phantasiar, que sabem e occultam os amores de avesinhas sem numero, pelos quaes se suspira nos dias de julho e de agosto ás horas da sésta!

São bellos, não da belleza como que effeminada dos jardins das cidades, mas d'aquella belleza robusta, que põe quasi medo, meia filha da arte e meia natural.

Defronte da granja, e d'ella separada por um caminho publico, ha uma extensa vinha, de cujo fructo se fabricam no Pradoinhos generosos de differentes qualidades.

Nesta descripção, nimio grande e mal esboçada, seja este o ultimo traço; resta agora ao leitor, que os tem visto surgir um a um, combiná-os a todos.

É subir ao topo d'um monte, que esteja á cavalleiro da granja, espriar a vista por aquella extensão de duzentos e vinte hectares, erguel-a até aos oiteiros em forma de pyramide, conduzil-a ao dorso irregular da collina, passeial-a em meio da planicie cheia de frescor e de mimo, e alteiando-a um pouco dar por moldura a este quadro formoso um céo azulado, que assenta sobre elle.

Talvez que segrede consigo, e retirando-se exclame:

Un horizon fait à souhait des yeux.

Tambem nós quizeramos com a phrase de Fénélon rematar e pôr coroa a este pequenino edificio; mas o estado d'estes campos ainda ha bem pouco, a visita do melhor dos monarchas a este estabelecimento de agricultura, ordenam e exigem que não paremos aqui.

Pertenceram os terrenos do Prado a uma dama de Castello de Vide, que os legou á coroa

com obrigação de se não fazerem soldados na villa, sua patria.¹

Tornou-se por est'arte em reguengo o que era propriedade particular.

Em 1842 o comprou sr. Lecoq; crista e declive da collina estavam cheios de rochas e de moitas; encostavam-se á falda sarças de espinheiros e silvas; só bruxoleavam na planicie uns longes de cultura, e medravam alguns castanheiros ladeados de pouquissimas arvores.

A vara magica da sciencia a regular o trabalho fez das rochas, como vara de Moyses, mananciaes de agua viva, derribou sarças e moitas, e converteu um quasi inutil deserto em lindissimo oasis, que reclama e consegue imitadores, e promete gerar outros mais pequenos em torno de si.

Na sua viagem ao Alemejo, a ultima ainda mal, o rei, o modelo dos reis, foi a Castello de Vide e visitou-nos o Prado.

Ahi almoçou, e se entreteve algum tempo a ler as paginas formosas e variadas d'aquelle livro tão util.

Sua fronte melancolica, onde o anjo dos cemiterios se preparava a gravar o sinete da morte, desanuviou-se por um pouco vendo tal mimo de cultura e panorama tão lindo.

Retirando-se, o monarcha condecorou com a commenda de Christo o agricultor esmerado, e cumulou-o de elogios; são pois inuteis os nossos.

Nos encomios d'um rei, como D. Pedro v, ha perfume bastante para saturar de gloria uma vida.

J. FREDERICO LARANJO.

CURIOSIDADES DA HISTORIA LITTERARIA

III

Em quanto D. João III admittia em Portugal os jesuitas e a inquisição, dois inimigos que mais tarde haviam de concorrer mutuamente para a propria perda, e se curvava submisso diante do papa, cuja boa vontade tentava conciliar por magnificos presentes, um poeta que tocava, brincando e sempre com momices, como os jograes da idade media, nos mais altos problemas do espirito humano, e cujas obras o monarcha era o primeiro a applaudir, ria-se de Roma e dos frades, e expunha á irrisão as ulceras que corroíam estas duas potencias. Esse poeta era Gil Vicente.

¹ No Diccionario Geographico de Luiz Cardoso em a noticia sobre Castello de Vide diz-se: *Pertencia esta villa a el-rei com privilegio de não sahir da coroa, e de não se fazerem nella soldados.* Não se dá ahí a razão d'estes privilegios, mas a do ultimo attribue-o a tradição popular á generosidade d'uma dama, que legou á coroa, alem d'outros, os terrenos do Prado. Não pude indagar se era verdadeira a tradição; como porem ha nella visos de verisimilhança e probabilidade, não duvidei adoptal-a.

No *Auto pastoril* diz elle:

Frades virão vinte e sete
Que vêm de furto melões,

e no *Auto da Feira* põe na boca de Mercurio com uma audacia, que, se não fora bem acolhida do monarcha, teria por premio a lenha do auto da fé, estas palavras:

A lua tem este geito:
Vê que clerigos e frades
Já não têm ao céo respeito,
Mingua-lhes as sanctidades,
E cresce-lhes o proveito.

Mas a audacia torna-se maior pouco mais adiante:

Á feira, á feira, egrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as samarras dos outros primeiros,
Os antecessores.
Tirae o carão que trazeis dourado;
Ó presidente do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.

Parece, quando se lêem estes versos, ouvir echoar com terrivel intensidade pelas abobadas do palacio d'um principe catholico o canto do albigense Guilherme de Figueras contra Roma, ou a voz de Luther, pregando aos protestantes numa linguagem aristophanesca.

Mas a *saeva indignatio* do poeta não finda. Roma vai á feira e para comprar

Paz, verdade e fé,

e ella propria traça o quadro da sua corrupção.

Mercurio dirige-se a ella, e as suas palavras mostram claramente que as ideas que produziram a reforma tinham extendido sua influencia até Portugal, pois se referem ao facto que fizera rebentar essa revolução religiosa — as indulgencias:

Ó Roma, sempre vi lá
Que matas peccados cá,
E leixas viver os teus, etc.

Os mesmos sentimentos, que inspiraram esses versos satyricos, que não se satisfazem com a allusão, mas dão ás cousas seus proprios nomes, manifestam-se em todas as obras do nosso comico. Vê-se que elle conhecia perfeitamente que combatia por uma causa nobre e justa, a causa da liberdade da patria, e que perdida essa causa, perdida estava a patria. Até ao seculo XVI a mão de ferro dos nossos reis tinha suffocado todas as pretensões da igreja para extender o seu dominio alem da esphera espiritual, e todos os poderes so-

ciaes eram conservados por elles em equilibrio e harmonia. Os passos de gigante que deu a nossa civilisação durante esse periodo glorioso, e fizeram que todas as nações fixassem em nós um olhar de admiração e inveja, resultaram d'esse equilibrio, quebrado o qual haviamos de descer necessariamente. Eis o que Gil Vicente conhecia, ou porque era mais conhecedor das leis da historia do que julgamos, ou porque o espirito um tanto prophético dos poetas lh'o fazia adivinhar. Os tristes effeitos do edito de 1497 mostravam demais o que havia que esperar da dominação ecclesiastica, e a Hespanha devorava já em silencio bem amargas lagrimas. Mostrar os vicios do clero era um meio seguro de impossibilitar a sua preponderancia.

A empresa de Gil Vicente era pois altamente nobre: se seus esforços ficaram sem resultado, foi porque as suas obras não podiam ser conhecidas do povo, e que aquelles que as escutavam eram hypocritas, e o rei a quem ellas eram dirigidas um despota ambicioso, que lançava mão do poder ecclesiastico para por meio d'elle fazer agrilhoar o povo, diante do qual tremera um dia Fernando I, e encher os seus thesouros com os despojos dos judeos ricos. Mas o poeta será sempre credor de nossa admiração e gratidão, e merecerá o nome de nosso Aristophanes, em vez do que lhe dão frequentes vezes de Plauto portuguez, porque o comico grego tem nos *Acharnios*, e em outras comedias suas, os mesmos intuitos profundamente patrióticos, que se revelam nas peças de Gil Vicente.

Os antigos chamavam á poesia a mestra das nações; e, neste sentido, a poucos cabe tanto como a Gil Vicente o nome de grande poeta¹.

F. A. COELHO.

DO ESTUDO HERALDICO EM PORTUGAL

A historia das classes nobres de Granier de Cassagnac nos suscitou a lembrança de escrevermos algumas palavras sobre o estudo heraldico em Portugal.

É a França, por certo, o paiz que mais tem concorrido para o progresso d'esta tão util como interessante sciencia; testemunha este progresso o Instituto Heraldico e Archeologico, de que é fundador e director o Marquez de Magny, de quem um illustre escriptor disse, ao ler a sua obra *La vraie et parfaite science des armoiries*: L'ouvrage du marquis de Magny s'inscrit dans le catalogue de toutes les bibliothèques importantes; il devint et il est resté le document le plus précieux et le plus sûr qu'on puisse consulter en matière de blason, comme le monument le plus brillant qu'on

¹ Gil Vicente, se ataca o clero, é todavia fiel aos dogmas christãos, que elle aponta continuamente como leis a que todos devem obedecer.

ait jamais élevé à la science héraldique.»¹ Além d'este muitos outros livros, que ultimamente se têm dado á estampa, tem posto o estudo da armaria ao alcance de todas as classes, ainda as menos abastadas.

«Le blason est aujourd'hui, en France, une matière assez peu entendue.»² Não é censura esta que se deve applicar á França, mas sim a nós, portuguezes, por termos sido descuidados com elle, e muito principalmente aos nobres, que, como diz um nosso escriptor, — gloriando-se muito de suas armas, se lhes perguntam a causa, respondem tantas patranhas sem fundamento, que é necessario ao que os ouve suster o riso, e deixal-os, para que dêm fim a tantas fabulas.»³

Este estado anarchico e de indifferentismo, a que chegou a armaria, não é dos nossos tempos. Resende, o chronista do senhor D. João II, escrevia em seu tempo:

Os Reys por accrescentar
as pessoas em valia,
por lhe serviços pagar,
vimos a huõs o dom dar,
e a outros fidalguia:
já se os Reys non hãa mester,
pois toma dom quê ho quer,
e armas nobres tambem
toma quê armas não tem
e da ho dom há molher.⁴

E com effeito havia tal confusão, que muito difficil seria conhecer pelas armas os appellidos a que ellas pertenciam.

Temos copia d'uma pedra d'armas antiquissima, que, segundo nos parece, são de Albuquerque Menezes. É um escudo partido em faxa; no primeiro campo um castello, que julgamos ser o da villa de Albuquerque, que Afonso Sancheõ, filho do senhor D. Diniz, reedificou e povoou de portuguezes e castelhanos, e d'esta villa, em Hespanha, tomou o appellido, que legou aos seus descendentes: no segundo campo entre as cinco flores de liz que os mesmos Albuquerque trazem, pela sua descendencia da casa real da França, a pedra do anel de Menezes, em abysmo, isto pela mutua ligação que sempre tiveram com esta casa.⁵

Como estas armas que acabamos de descrever, muitas outras se confundiam, e exemplo d'isto temos nas cinco estrellas que traziam Fonsecas, Coutinhos, Tavares, Freitas e Monizes; nas cinco flores de liz que traziam Carrilhos, Guedes, Mattos, Matas, Maldonados e Rochas: e finalmente nas aguias que traziam Aguiares, Dragos, Esteves, Graã e Maias, etc.

¹ Vicomte de Magny—La science du Blason, pag. 11

² Granier de Cassagnac, Histoire des classes nobles I, 39—40.

³ Vera, Origem da nobreza, pag. 90.

⁴ Resende, Chr. de D. João II, pag. 369.

⁵ Esta pedra d'armas está na villa de Cantanhede na casa do ex.^{mo} sr. dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.

Esta confusão era preciso que acabasse.

Com a subida ao throno do senhor D. Manuel foi o primeiro cuidado d'este venturoso monarcha regular a armaria em Portugal; mandou copiar as armas existentes sobre as sepulturas, capellas e archivos; mandou aos reinos onde esta sciencia estava adiantada, e, pedindo informações aos principes sobre o modo e costume que practicavam, vieram pessoas peritas na sciencia heraldica, e não só creou os logares de rei d'armas, arautos e passavantes, mas deu-lhes regimento, pelo qual se regessem.⁶

Fez mais. Mandou copiar num livro todos os brazões existentes, com as modificações que entendeu que devia dar-lhes, como foram metaes e cores a uns, e timbres a outros; livro este que se conserva no real archivo da Torre do Tombo.

Mas, se pensamos que o senhor D. Manuel, cortando os abusos, estes não continuaram, é engano, porque não houve medo ás penas impostas pela Ordenação contra aquelles que usavam de appellidos e armas que lhes não pertencessem.

Os abusos continuaram, e são tantos e tamanhos, que chegaram a nossos dias. Apon-taremos alguns, cujas provas temos á vista.

As armas dos Pintos, trocados os cinco crescentes por cinco quadernas de crescentes: os Andrades de Fernão Rodrigues de Andrade, sem as duas caldeiras encaquetadas de vermelho e prata: das armas de Jusartes e Gouvêas vimos tirar das primeiras as *fiellas*, e das segundas as *ruellas*, e d'este todo fazer um brazão, que nenhum appellido symbolisa: e finalmente vimos umas... não sabemos se lhe poderemos chamar *armas*, que em campo azul trazia banda de ouro, carregada com as letras *A C R*, e sobre este todo uma coroa de visconde!!!

Da mesma anarchia participam os timbres, porque uns collocam-nos diferentes, e outros dão-lhes metaes e cores, que não são proprias. Entre muitos que tambem temos á vista notaremos o de *Pereiras*, ramo descendente do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira — entre duas azas de vermelho cruz floreteada de vermelho.

Vem a pello dizermos duas palavras sobre o timbre. Mas para isso preciso é recorrer-mos, entre muitos livros que tractam sobre esta materia, a Villas-boas, que diz o seguinte: «E ha de advertir-se que o timbre é de maior estima que as armas; porque, podendo os homens de geração humilde ter escudos, hão de ser razos e sem timbre, porque este se concede sómente a pessoas principaes.

Tira-se o timbre ordinariamente de alguma parte das armas de cousa vivente, se nellas

a houver, ou de corpo mais principal. Em escudo de quatro familias será o timbre das que occupam o primeiro logar.»⁷

Dicto isto, que é a verdadeira regra heraldica, não sabemos o que deu causa ao rei d'armas Portugal de alterar o que as regras estabelecem, collocando dois timbres sobre um brazão, sendo o appellido que occupava o primeiro campo mais antigo e nobre, tendo cousa vivente, que era o *Leão*.

Foi novidade para nós... e que prova virem os abusos, não só dos nobres, mas tambem d'aquelles que devem ser exactos cumpridores das leis, por que se rege a armaria.

Escasso tem sido Portugal em bons livros heraldicos. Villas-boas foi o que mais nos deixou escripto na sua Nobiliarchia Portugueza, mostrando muita erudição e trabalho na investigação do que era antigo; porem, forçoso é confessal-o, na descripção das armas das familias é cheio de contradicções e erros, que muito têm concorrido para o estado anarchico em que vemos os escudos d'armas, e são elles de tal ordem, que o rei d'armas India Francisco Coelho, nas advertencias que lhe fez, remata por dizer — *que o livro se deve mandar recolher para que se não use d'elle, nem se pratique, pois é em tanto damno da nobreza.*⁸

Deixando muitos outros escriptores, que se occuparam em escrever pequenos tractados, em nossos dias o sr. Monteverde escreveu — *Das armas das familias de Portugal, e da sua descendencia*, servindo-lhe de base Villas-boas, cahiu nos mesmos erros, como tivemos occasião de provar em alguns artigos que sahiram a lume.

O governo, que tão sollicito se tem mostrado ultimamente em reformar a instrução, cremos piamente que tomará sob sua protecção este interessante ramo de sciencia, que muito prende com a historia, paleographia, numismatica e archeologia; porque, a continuar como vai, quem é que no futuro poderá estudar no brazão as façanhas da familia que se honra com elle? Ninguem.

A chave que fecha este nosso escripto é a mesma de que se serviu Garcia de Resende:

Ho caminho fica aberto
a quem mais quizer dizer:
tudo o que escrevi é certo
non pude mais escrever
por nã ter mais descoberto;
sem letras, e sem saber,
me fuy naquisto meter,
por fazer a quem mais sabe,
que o que minguar acabe;
pois eu mais nã sei fazer.⁹

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

⁷ Villas-boas, Nob. Port. pag. 226.

⁸ Provas da Hist. Gen. tom. 6.

⁹ Resende. Chr. de D. João II, pag. 381.

⁶ *Rei d'armas*, veja-se a sua antiguidade em Sandoval, Chronica de Carlos V lib. VII. § 26. fol. 780.

GOZO E DOR

Por dentro das grades d'um velho mosteiro,
Que pomba, que fada, que filha do céo...
As negras madeixas lhe envolve ligeira
De gaze finissimo um candido véo.

Oh! grades avaras,
Deixae-me prender
Naquelles cabellos;
Meus longos anhelos
Cumprir... e morrer!

A face tão bella, de pallida alvura,
Na dextra mimosa deixava poisar;
E os olhos, brilhantes d'amor e ternura,
Trocava-os comigo, num rapido olhar.

Oh! grades avaras,
Deixae-me accender
Naquellas estrellas;
Deixae-me com ellas
Brilhar... e morrer!

Nos labios de rosa pairava de leve
Sorriso innocente d'um ser virginal;
O pranto soltava-se em gotas de neve,
E os lyrios banhava do collo ideal!

Oh! grades avaras,
Deixae-me esconder
No collo formoso;
A vida num gozo,
Cifrar... e morrer!

Os psalmos divinos num livro rezava;
Que linda não era na sancta oração!
Do peito lhe vinha, dos labios manava
A prece tão doce do seu coração.

Oh! grades avaras,
Deixae-me, sequer,
Nos labios de rosa
A seiva amorosa
Libar... e morrer!

Caladas do orgão as vozes cadentes
Do friste silencio se involvem na dor;
E só de minha alma suspiros ardentes
No ferro das grades se quebram d'amor!

Oh! grades avaras,
Deixae-os romper,
Suspiros d'esta alma;
De amor uma palma
Ceifar... e morrer!

As trevas da noite já vinham descendo,
Ao lucto do templo seu lucto casar;
E a porta do côro, nos gonzos rangendo,
Da vista a donzella me veio roubar!...

As grades, ao menos,
Deixavam-m'a ver!...
Agora... perdida!...
Que resta na vida?!
Penar... e morrer!...

Coimbra, 1860

SEVERINO DE AZEVEDO.

APONTAMENTOS D'UMA VIAGEM A CINTRA

16, 17 E 18 DE AGOSTO DE 1837

(Escripto posthumo)

I

Um dos mais amenos sitios, entre os muitos que alli se acham, é a quinta chamada de Sitiaes. É um grande palacio, dividido em dois corpos ou lanços eguaes, os quaes são unidos na frente por um soberbo portico, ou arco elevado, em cujo frontão ha uma grande inscripção, que declara ter sido aquella obra acabada pelo marquez de Marialva no tempo do reinado de D. Maria I.

Esta quinta foi feita primitivamente por Guildemestre, hamburguez, a quem a comprou o marquez de Marialva, que accrescentou o lanço do palacio da parte direita, e o arco ou portico. Hoje pertence á marquezã do Lourical (ou de Pombal?).

Tem na frente do edificio um largo, rodeado de arvores de sombra, com um passeio em volta; e no topo contrario ao edificio uma gradaria de ferro com duas portas, uma de cada lado.

Que homem de coração verdadeiramente portuguez deixará de visitar com enthusiasmo a quinta do nosso famigerado D. João de Castro, que depois de encher o mundo com o renome de seus immortaes feitos na India, veio alli terminar seus dias na solidão e no exercicio das mais edificantes virtudes christãs? Esta quinta é toda no gosto rustico, sómente povoada de arvores de sombra e infructiferas.

É tradição que D. João de Castro a formou assim, arrancando até vinhas, pomares e todas as arvores de fructo, para desmentir as calumnias de seus inimigos e emulos, que pretendiam macular sua reputação, e arguil-o de pouca limpeza de mãos no governo da India, mostrando assim que em pouco apreciava lucros e ganancias quem nas suas proprias possessões a ellas renunciava.

Esta idea torna mui tocante o aspecto da quinta. No alto d'ella se acha uma capella de S. Catharina, juncto da qual se lê em uma lapide, com uma cruz em cima, esta inscripção:

«D. Joannes de Castro, Indiae Prorex, Aug., Fd., Pius, triumphator invictus, Orientis opum æque domitor ac contemptor, hunc collem, a Rege tantum pro Asia devicta postulatum, victrici Crucis labiario consecrandum reliquit. Episcopus Dominus Franciscus de Castro, nepos, votum solvit anno Christi 1641.»

¹ Assim parece ler-se, mas ha algum erro ou falta de letra apagada, que não pude distinguir.

D'este sitio se descobre a mais linda vista de Cintra, e o aspecto mais pittoresco, contrastando o aspero das penedias crespas da serra com as veigas, jardins, pomares, palacios e grupos de verdura, que tanto amenizam estes encantadores logares.

Por isso no alto da mesma quinta, em um penedo grosseiro e tosco se acha alizado um pedaço, onde se lê escripta a seguinte decima, com o titulo **ESPELHO**, porque parece que a descripção, que nella se faz, dos sitios, que alli ficam fronteiros, é como um reflexo:

As campinas retalhadas,
Cerrado bosque no centro,
Mimosas flores por dentro,
Fôra as serras penduradas:
Sempre as aguas prateadas,
Continuo verde a espessura,
Zephyro sempre em doçura,
Mil Satyros, mil Silvanos,
Brandas Nymphas, seus enganos,
São de Cintra a formosura.

Esta quinta é o solar dos descendentes de D. João de Castro, cujo herdeiro é hoje Antonio de Saldanha de Castro Penha-verde Ribafria, filho d'uma irmã do barão do Sobral, e casada com uma filha do conde de S. Lourenço, o qual alli reside quasi sempre em uma vida mui concentrada, e segregada do tracto da sociedade.

As aguas em Cintra geralmente são deliciosas; mas entre ellas disputam a primazia a da quinta da Regaleira, pertencente a um Manuel Bernardo, que a franqueia com primor a todos os viajantes, que alli vão de proposito bebel-a na fonte, que é amenissima e assombrada de bellas arvores, cujas frondosas copas cobrem elegantes assentos, que convidam a repousar alli algumas horas; e tambem a da fonte da Sabuga, que é uma fonte publica, que se encontra á entrada da villa, e foi mandada arranjar pela camara em 1757, e depois reparada por ordem da mesma em 1829, como consta das inscripções, que sobre ella se acham escriptas.

Esta agua rivalisa com a da Regaleira, e ha quem lhe dê a preferencia pela frescura, limpidez, e por ser muito filtrada, e até digestiva.

O Paço, sito no centro da villa, é um vasto edificio, mui irregular, como feito, continuado, e accrescentado em differentes epochas, mas digno de ser visitado pelas curiosidades e notabilidades que contém. Não pude fazer d'ellas miuda descripção; apenas as apontarei mui de corrida, notando só o que mais merece attenção.

Os portaes das portas da entrada são de marmore branco com ornatos gothicos de muito artificialio, e bem conservados. Tem muitas salas e quartos, mas pouco regulares, e com ja-

nellas gothicas, de columnas ao meio. Neste anno estavam ainda os quartos mobilados do anno antecedente, em que lá tinha estado a Rainha, e neste não foi. Os moveis eram magnificos, e pela maior parte tinham ido do Ramalhão. A cama é á franceza; tinha cadeiras de molas, e estofadas, tanto para a Rainha, como para o Principe. A d'ella estava diante d'uma linda meza de costura, com uma bolsa, ou sacco no centro. Havia bellos candieiros francezes, ou candelabros do feitio de columnas, etc. Ha uma sala de fôgão, e sobre este um baixo-relevo de marmore, obra riquissima e admiravel primor da arte.

Serve de casa de jantar uma sala, cujo tecto é todo pintado de pegas com o lereiro **POR BEM**, o que se conta ter sido feito em consequencia d'uma anecdota, que se refere por varios modos; e um é que, achando-se alli em Cintra um dos nossos reis e a rainha, soube esta que elle offerecera a uma dama, a quem cortejava, um ramo de flores ou uma pega; e notando-lhe a rainha isto, como arguindo-o do seu galanteio, elle lhe respondeu que — aquillo tinha sido *por bem*. Então a rainha mandou pintar, sem elle o saber, o tecto da casa, onde o facto acontecera, todo de pegas com o lereiro **POR BEM**, para lhe fazer sempre lembrada a sua protestação. Na mesma casa de jantar ha alguns vasos de jaspe com baixos-relevos antigos, obra de grande merecimento.

Ha uma *casa da chuva*, assim chamada pelo artificialio, com que é construida, e que tem servido para fazer cahir nesta peça a muita gente.

A casa é toda rodeada de azulejos com pinturas, que occultam uma infinidade de buraquinhos. Quando se está desapercibido no meio d'esta casa, dá-se a um registo, que ha interiormente, e para logo sahe de todos os buraquinhos quantidade de agua com tal impeto, que não pode quem alli se acha deixar de ficar muito molhado. Quem tem cahido nesta peça, e sahe neste estado da dicta casa, passa logo necessariamente para um pateo, ou largo, onde ha um tanque no meio, com uma columna como para repuxo; e quando se julga livre da chuva artificial, rebenta da columna do repuxo para todos os lados novo impeto de agua, que ainda torna a convidar com outra nova molha.

Nos andares elevados é digna de notar-se a *casa das armas*, assim chamada, porque no tecto se acham pintados os escudos, ou braços de armas das familias illustres de Portugal. No alto das paredes em roda da casa se lê a seguinte quadra, um verso em cada parede:

«Com estas e outras taes
«Devem de ser conservadas
«Pois com esforços leaes
«Serviços foram ganhados.»

Não pode ver-se sem grande commoção, e sem que se excitem vivas reflexões sobre a instabilidade das cousas humanas, o quarto em que morreu e esteve dez annos encerrado o desgraçado rei D. Affonso vi, depois que foi transferido do castello de S. João da Ilha Terceira. A um lado do quarto, que é ladrilhado de tijolos, se via uma feira d'elles gastos, e alguns tirados, pela continuação de passear por cima d'elles o illustre preso. Mas no anno de 1836, em que se fizeram varios reparos no palacio para ir estar nelle a Rainha alguns mezes, foram esses tijolos reformados e postos de novo, perdendo-se aquelle curioso monumento e memoria dos soffrimentos d'aquelle infeliz soberano.

Tambem é curiosa a cadeira, em que dava suas audiencias publicas el rei D. Sebastião, e em que deu a ultima quando partiu para a Africa. É de alvenaria, pegada a uma parede, e forrada de azulejos antigos, semelhantes aos que se vêem nas paredes da Sé-Velha de Coimbra e em outros edificios antigos.

A capella é regular, e pouco tem de notavel, á excepção de bellos arabescos de madeira no tecto. No altar-mór tem um crucifixo, e por cima d'elle este letreiro, escripto com os erros como vão: «O vos omnes, qui transitis per viam attendite e videte si es «dolor sicut dolor meus.»

A cozinha é vasta e bem construida; e o que tem de notavel são duas altissimas chaminés redondas, que formam internamente um grandissimo vão em figura conica, por baixo do qual, gritando-se, se augmenta e desfigura o som d'um modo curioso. J. U. DE S.

POR TI

Por ti de novo transpuzera os mares,
Por ver teus olhos d'uma luz tão pura;
E um meigo riso de teus curtos labios
Dera-me a vida!

A vida, a vida, que se esvae na ausencia,
Erma de esp'ranças, de ventura exhausta!
Vida que em breve sumirei na campa
Funebre e triste!

Sinto-o nas ancias do cançado peito;
Vejo-o nas sombras d'um porvir escuro;
Dil-o esta magoa, que me punge sempre,
Tacita e muda...

Se o amor não doira da existencia nossa
As mil angustias, os crueis revezes,
Dize: — que importa que nos cubra cedo
Gelida lousa?

O amor! Sem elle, vagueando em trevas,
Nossa alma errante sobre a terra geme;
Ave estrangeira, demandando a patria,
Rapida foge!

Porem que ao menos um momento ainda
Sobre teu seio reclinasse a fronte;
Ouvisse ao menos d'essa voz tão doce
Languidas fallas;
Podesse ainda, no soluço extremo,
Ouvir-te, ó bella, murmurar:—eu te amo!
E entre os horrores da final jazida
Rira-me a tumba!

Coimbra, fevereiro de 1867

LUIZ CARLOS.

GIL INFANTE

CAPITULO I

Em que contra todas as regras da arte o heroe surge logo da segunda linha do romance.

Eu tive por companheiro de casa, no meu 3.º anno da Polytechnica, um estudante de medicina, que era o rapaz mais estouvadamente pensador, o philosopho mais extravagante, que tem gerado este solo batateiro, onde viram a luz os Castros e os Albuquerque, como se diz em occasiões solemnes de patriotismo apoplectico.

Chamava-se Gil Infante o homem. Era um rapaz de propriedades physionomicas muito vulgares, um rapaz como muitos: um pouco alto, um pouco adelgado, um pouco pallido; bigode preto, olhos castanhos, cabelo da cor do bigode, bocca bem rasgada, e labios imperceptivelmente licenciosos. Ninguem havia de dizer, ao vel-o, que debaixo d'aquelle involucre de trivialidades se agachava um espirito tão descommunalmente exaggerado. As vezes passava a ser monstruoso aquillo. Soltava blasphemias por aquella bocca fóra contra as cousas mais veneradas do senso commum, que era de a gente apertar as mãos na cabeça, como para a livrar de algum pedaço de céo, que parecia vir abaixo com aquelles improperios. Arripiavam-se as carnes ao ouvil-o esvurmar das arcas do peito as suas theorias sociaes e religiosas, que se lhe acastellavam lá por dentro, como caveiras em crypta de cemiterio. Era medonho.

Jogador como um hespanhol, dissipado como Dumas e bulhento como um algaravio, Gil Infante tinha, alem d'estas tres prendas, mais duas muito apreciadas por todos os volteiros e fadistas do seu conhecimento, que não eram poucos; jogava o páo como um alemtejano, e tocava viola com um primor digno de melhores destinos. Gil Infante parecia a personificação viva d'aquelle Guilherme Lyra, de que falla Camillo Castello-Branco. Com um cajado nas mãos seria capaz de varrer uma feira diante de si, se apertassem muito com elle; e com a banza tinha durante horas successivas o auditorio mais numeroso suspenso, ca-

lado e boquiaberto. Na viola era verdadeiramente um prodigio o diabo do homem! O instrumento parece que se metamorphoseava debaixo dos seus dedos, longos e afilados como os d'uma mulher, mas nervosos e rigidos, quando queria, como se fossem de aço. Cada corda parecia receber uma *alma dolente* ao toque magico d'aquelles dedos: gemia, suspirava e elanguescia, como se o tomassem deliquios de amor; outras vezes gorgeiava umas volatas tão aerias, tão sonoras, tão pespontadas e rendilhadas, que era a modo cousa de agulha de cathedral gothica, ou floreteado de capital corinthio.

Com estes gostos e tendencias suppor-se-ha talvez que Gil Infante era o que em linguagem ordinaria de eschola se chama um *cabula*. Não era; nem mesmo um *musico*. O conselho academico tinha-o laureado em todos os annos. Como é que Gil Infante conciliava a sua vida airada com os seus livros, cousas que parecia andarem os pontapés uma na outra? Perfeitamente. Estudava por atacado, estudava por empreitada. De mez em mez desaparecia da circulação, encerrava-se no seu quarto, e estudava para tres semanas. Acabada a provisão, tornava a encerrar-se, e assim por diante.

Eu devia a Gil Infante a fineza de ser meu amigo, que elle na verdade era homem de poucos amigos.

Uma noite — seriam onze horas — em que eu com grave escandalo da sciencia começava a cabecear diante das transcendencias d'uma analyse infinitesimal, senti baterem-me á porta do meu quarto, e bradar-me de fóra uma voz:

— Abre lá.

Era Gil Infante. Fui abrir:

— Dá-me agua, que quero lavar a cabeça, disse elle entrando para dentro como um furacão; e vê se me vais ahi algures comprar um pouco de panno adhesivado.

— Então que diabo foi isso?

— Ó homem, põe por em quanto de parte a curiosidade, e vê se me arranjas o adhesivo. Não vou eu mesmo, porque as patrulhas podem andar-me no encalço.

Sahi a comprar os pontos.

— Então que nova asneira foi esta? perguntei eu a Gil, assumindo as minhas funcções de operador ajudante.

— Conheces o Vidal?... Elle anda na Polytechnica, penso eu...

— Anda sim; conheço.

— Pois descia elle agora pela rua do Loureiro na companhia de tres senhoras, supponho que eram a familia, e eu ia para cima dar a minha volta. Atrás de mim vinham uns francezes bebados como canastras, a vozearem umas obscenidades tão torpes, que era de provocar o vomito. As irmãs do Vidal supponho que sabem francez, porque o rapaz avançou para o grupo, e pediu-lhe que se calassem,

que iam alli senhoras. Os homens responderam-lhe com uma gargalhada, e um d'elles deu-lhe um encontrão. O rapaz perdeu a cabeça completamente, e atirou duas bengaladas ao francez que o empurrou. Os outros tomaram logo o partido do companheiro, e principiam aos murros e ás bengaladas no Vidal. Eu senti lume nos olhos. Felizmente levava o meu páo.

— Felizmente, observei não deixando de achar graça ao adverbio.

— Felizmente, sim, porque aquelles marotos eram capazes de dar cabo do pobre rapaz. Atirei-me furioso áquella canalha, e puz tudo num feixe. Elles cahiam ao chão, como tropa de cartas, penso que mais com o peso do vinho do que pelo impulso das pauladas. Era como quem batia em odres. Ainda assim os patifes não estavam tão bebados, que um d'elles me não arrumasse uma bengalada, e me não fizesse estes serviços. As patrulhas começavam a apitar, e eu safei-me em boa ordem... Arre! bruto! que me arrellaste, gritou-me Gil Infante.

— Não é nada, homem; tem paciencia.

— Vais amanhã ás aulas?

— Vou, que queres?

— Quero que me saibas como ficou o Vidal da historia... Olha, queres tu ver que perdi a chave do meu quarto, ajunctou Gil mettendo successivamente as mãos em todos os bolsos. Raios partam...

— Cala-te, algaravio! Se perdeste a chave, dorme aqui esta noite; não na minha cama, que, como vês, não tem peito para duetos, mas naquella acolá, que eu mandei preparar para um hospede que espero por estes dias.

Gil Infante não aguardou segundo convite. Despejou um bolso de cigarros em cima d'uma cadeira, que puxou para a cabeceira do leito; adicionou-lhes uma caixa de lumes de cera, e d'ahi a alguns segundos, meio recostado no travesseiro, chupava com delicias o fumo suffocante d'um *bregeiro*.

Eu não tardei a imital-o.

Houve então alguns minutos de silencio.

A. DA CONCEIÇÃO.

ELEGIA

Á MÃE DE

Augusto Abelho Caldeira Themudo

Quiescat vox tua a ploratu,
et oculi tui a lacrymis.

JEREMIAS

Porque fitas a extrema do horizonte
Co'as lagrimas nos olhos, descahida
Em as tremulas mãos a triste fronte,

Agora, quando jaz adormecida
Inteira a villa, e se rendeu ao somno,
Afóra estrellas, tudo que tem vida?

Mulher, o vento gelido do outomno,
Que amarellece as folhas do arvoredor,
E as lança á terra, e as deixa ao abandono,

Qual barbaro, que mata no segredo
Da noite tenebrosa, e do attentado
Foge pelo remorso e pelo medo,

Tambem te arrebatou, e te ha lançado
Da vida no sepulchro escuro e feio
Algun ente por ti idolatrado?...

Lançou, e foi teu filho. Inda no meio
Estava da risonha juventude,
Quando a morte sem dó feril-o veio.

Dorme agora no funebre ataude
Aquelle que dormiu no teu regaço
Cheio de robustez e de saude.

Terra e vermes envolvem num abraço
O idolo do teu culto; a morte o liga,
E encarcera do tumulo no espaço.

Saudades que tens d'elle!... O pranto as diga,
O pranto, que recresce afervorado
Ao som consolador de voz amiga;

Soletrem-se do rosto macerado
Na pallidez, no lugubre vestuario,
No cabello esquecido, desgrenhado.

És mãe; como tu soffres! O fadario
Penoso de chorar te leva o dia;
Quem pode censurar-te?... No calvario,

Estorcendo-se em intima agonia,
Tambem chorava afflicta e consternada
Por Jesus morto a candida Maria.

Que magoas te circumdam! Empolada
Vai, mulher, a torrente do teu pranto,
E não queres na dor ser consolada.

Porem, se é justa a dor, o affecto é sancto,
Restam-te filhos, debes involvel-os
Do maternal amor no doce manto.

Os teus gemidos troca-os por desvelos
Aos renovos tenrinhos e pequenos,
Que Deos te concedeu mimosos, bellos.

Brilhem teus olhos limpidos, serenos;
Suffoca a tua dor, os labios cerra
Á lugubre harmonia de seus threnos.

Resigna-te, do lucto rasga o véo;
Ave estrangeira a vaguear na terra,
Teu filho não morreu, vive no céo. F. L.

Com Deos pedir-lhe a graça é ter-lh'a certa.

CASTILHO.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

Setembro de 1863

I

Meu amigo.— Parti de Coimbra no dia 12 pelas seis horas da manhã com tempo ameaçador; mas compoz-se logo, e tive um riquissimo dia de jornada. Vi Condeixa com os seus palacios, Pombal com o seu celebre forno e castello derrocado, e pelas 5 horas da tarde entrei na pequena cidade de Leiria.

A estrada pelas proximidades de Condeixa é variada de panoramas, mas depois é quasi insupportavel pelas feiissimas charnecas que atravessa.

Quando cheguei andava o 6 de caçadores em exercicio no Rocio. Depois de ver algumas evoluções percorri as duas margens do Liz; e trepei a um monte que fica em frente da povoação, e onde campeia uma capella da Anunciação da Virgen. Para aqui se sobe por uma escadaria, que me fez lembrar um pouco os escadorios do Bom Jesus de Braga. Diz um letreiro que a primeira pedra fora lançada a 24 de setembro de 1588.

D'aquelle alto se vêem dilatados horisontes. Em frente da capella destaca-se a casaria da cidade estendida por um pequeno plano, formando o fundo do quadro o famoso castello, que se ergue num monte quasi paralelo a este. Por detrás avista-se extensa varzea, cortada por dois pequenos rios, que depois me pareceu unirem-se num só, e vêm por ahi abaixo «fazendo azenhas de bom serviço.» Devem ser o Liz e o Lena, celebres pelos seus dois poetas, Rodrigues Lobo e Rodrigues Cordeiro. No seu trajecto pela cidade é o rio orlado de duas lindissimas alamedas, que formam um passeio de singular amenidade.

Fiquei em Leiria nessa noite; e, levantando-me pela madrugada no dia seguinte, fui ver nascer o sol ao alto do castello, onde a cidade apresenta uma perspectiva graciosa e agradável. Corri algumas praças e ruas, que não têm importancia. Só notei que algumas são condecoradas com os nomes das autoridades; e o proprio escrivão da camara tem a sua rua.

Sahi cedo d'esta cidade, e cheguei á Batalha depois das 7 horas, onde me demorei a manhã quasi inteira.

Digo-lhe que raro tenho experimentado sensação tão viva como quando avistei o templo, quando me aproximei d'elle, e principalmente quando entrei. Costumado a admirar pela fama tão rico monumento, tendo lido por vezes as descripções de fr. Luiz de Sousa e fr. Francisco de S. Luiz, dois *luizes* de subido quilate litterario, e até a de Mousinho de Albuquerque, sabia o valor que tem aquella mole de pedra, bordada pelo genio do homem; mas descripção nenhuma é bastante. As mesmas

pennas do suaviloquo dominico e do douto benedictino são inferiores ao seu assumpto. Satisfaz-me sómente o romancinho do A. Herculano, a nossa tão conhecida e relida *Abobada*.

Hei de um dia voltar á Batalha com o romance debaixo do braço, e lê-lo d'um folego na famosa casa do capitulo. Ao volver na imaginação a historia de Affonso Domingues, referida pelo nosso historiador debaixo da forma agradável do romance historico, redobra o respeito por aquelle primor architectonico.

Esta casa do capitulo pela sua abobada, e o templo pela sua singela mas portentosa majestade, são as cousas que mais nós captivam as atenções.

O fundador, D. João I, tem capella sua e sumptuosa, onde jaz com sua mulher D. Philippa de Lencastre em tumulo levantado no centro. Anichados na parede fronteira á porta da entrada estão os de seus filhos, D. Pedro, o celebrado regente do reino, D. Henrique, o famoso impulsor da navegação, D. João, e D. Fernando, o infante sancto. A estatua de D. Henrique estende-se sobre o seu tumulo; seus irmãos repousam debaixo de seus escudos.

O rei D. Duarte jaz na capella mór, exactamente nos degráus mais proximos do suppedaneo. D. João II tem um tumulo provisório numa capella lateral, pois o local destinado era uma das capellas imperfeitas. O principe D. Affonso, seu filho, e D. Affonso V estão, também provisoriamente, no centro da casa do capitulo.

Por aqui vê, meu amigo, que não se dá um passo neste grandioso edificio que não occorra logo um capitulo da nossa historia.

Nem digo mais. A Batalha vê-se, não se descreve: deve ser visitada em peregrinação por nós todos; é obrigação que corre rigorosa a quem se presa de ser filho d'esta nobre terra portugueza.

É este templo o melhor symbolo da nossa gloria, como elle majestosa, tão formosa como os rendados da sua pedra, tão firme e segura como as suas valentes abobadas.

Abalámos d'aqui; e, depois de passarmos por S. Jorge, Cumieira e Aljubarrota, chegámos a Alcobaca, á antiga corte dos frades bernardos.

Visitámos o convento e a igreja miudamente. O primeiro encontra-se em deploravel estado; vasto como uma cidade, com immensos claustros, uma chaminé gigantesca, um rio por fonte, que no interior da casa servia para todos os usos, move pasmo pelo poder e riqueza que ainda ostenta. A igreja é grandiosa, mas não inspira o sentimento especial e unico da da Batalha.

Num vasto salão á esquerda da entrada se acha um dos celebrados caldeirões, e as es-

tatuas de pedra dos nossos reis em vulto inteiro natural desde o primeiro Affonso até D. José. Faltam já as do cardeal D. Henrique e D. João IV; e as de D. João III e D. Sebastião acham-se muito damnificadas.

Em capella especial se vêem os túmulos de D. Pedro e D. Ignez de Castro.

De Alcobaca chegámos antes da noite á pequena e encantadora villa das Caldas da Rainha. É excellente e acciadissimo o estabelecimento dos banhos, a casa do club, o passeio publico e a mata real, pequeno arremedo do Bussaco. Os pequenos mas agradaveis momentos que aqui passei fizeram-me lembrar os versos ha pouco compostos e aqui recitados pela gentil poetiza das margens do Mondego. Permitta-me que lhe lembre estas graciosas quadras:

Venho saudades semear — que nalma
Ha muito que as sinto com ardor brotar;
Rega-as o pranto d'um adeos sentido,
Que o labio a custo poderá soltar!

Mata frondente, myst'riosa gruta,
Onde inda ha pouco tão feliz sorri,
Nega-me a sombra quando a calma abraza,
Se eu algum dia me esquecer de ti!

E tu — Passeio — que ao amor convidas,
Roubado em sonhos ao jardim dos céos,
Em cada folha que te leve o outomno
Repete a todos meu saudoso adeus!

Do alto da mata distingue-se perfeitamente a lagoa d'Obidos, que me fez lembrar as caçadas do saudoso rei D. Pedro V. Aqui me encontrei com alguns patricios, e entre estes com A. F. S., tio do nosso carissimo A. S., e com o dr. F. E. d'A. P., medico do estabelecimento e meu contemporaneo nas lides academicas.

A. A. DA FONSECA PINTO.

SUPPLICA

Quando eu, nas horas longas da saudade,
Horas em que o soffrer nos enche a vida,
Vejo que vai pendendo, emmurchecida,
A flor da minha alegre mocidade;

Não sei que extranha voz me persuade
A libertar minha alma, que rendida
Se vê ao mal e á dor — véla perdida,
Que se deixou vencer da tempestade!

Se não creio no amor, se a cada instante
Me sinto desmaiar no paroxismo
D'uma duvida atroz, dilacerante...

Como é que ainda em resgatar-me scismo?!
Mas abre tu, mulher, teu seio amante,
E o amor virá salvar-me d'este abysmo!

LUIS CARLOS.

BIBLIOGRAPHIA

Um documento para a bibliographia
das ordenações d'el-rei D. Manuel

Segundo affirmam José Anastacio de Figueiredo na *Synopsis chronologica* e Antonio Ribeiro dos Sanctos na *Memoria sobre a historia da typographia em Portugal no seculo XVI*, houve uma edição das ordenações de D. Manuel anterior á de 1514, que é a mais antiga, de que se conservam alguns raros exemplares. Nesta edição de 1514 se declara nos principios de alguns livros que foram *corregidos na següda impressam*, o que não deixa a menor duvida sobre a existencia de outra edição anterior.

Dizem os auctores citados que fora João de Kempis, impressor allemão domiciliado em Lisboa, quem fizera a primeira edição das ordenações, a qual, na opinião de Figueiredo, se concluiria provavelmente em 1512 ou nos principios de 1513. Refere-se este escriptor não só a Barbosa Machado, que com effeito diz na *Bibliotheca Lusitana* que a primeira edição das ordenações, *in folio*, sahira no anno de 1512, mas tambem ao Regimento da alfandega da cidade do Porto, que declara achar-se na camara da mesma cidade.

O completo desaparecimento dos exemplares da primeira edição, e a raridade dos da segunda explicam-se pelas ordens terminantes com que se prohibia o uso d'uma edição das ordenações quando outra sahia á luz. Avaliar-se-ha o rigor de taes ordens pelo seguinte documento, que D. frei Manuel do Cenaculo, sendo bispo de Beja, copiou, de seu proprio punho, do livro 1.º do Regimento da camara da mesma cidade.

«Alvará d'el-rei D. Manuel, que está na camara de Beja.

Corregedor Pares Dias. Nós El-Rey vos enviamos muito saudar. Por aver muitas Extravagantes fora da copilação dos symquo Livros das hordenações que eram ympymidos e asy algüas cousas duvidosas que quisemos dar tã determinaçam e decaraçam por asy comprir ao bom regimento de nosos suditos, e a noso servyço a reformamos ora e mandamos empremir, as quaes se acabaram a 11 dias de Março desta presente era de 521. Pelo qual vos mandamos, que daquy por diante julgees por elas e nam pelas outras, que dantes eram empremidas, e asy o façaes notificar em todas as Cedades Vilas e Lugares de vosa coreiçam, notificando-lhe o que por esta nossa Carta mandamos, e asy que dentro de tres meses qualquer pesoa que tiver as hordenações da impressam velha a rompa e desfaça de maneira que nã se posam ler sob pena de pagar qualquer pesoa, a que forem achadas, pasado o dito tempo, e as tener, cem crusados ametade para quem os acusar e a

outra metade para os cativos e mais ser degradado por dous ãnos para alem—e mandareis iso mesmo as camaras de cada hũa das Cedades Vilas e Lugares desa coreiçam que as mandem comprar dentro de tres meses da provicacam desta e as tenham na camara para saberem o que compre a bom regimento da Cedade Vila ou Lugar homde esteverem, e asy avemos por bem que todo o procurador que nom tiver as ditas hordenações, e as não ouver dentro de tres mezes seja pryvado do officio, e o nom posa mais aver, porem mandamos vos e emcomendamos vos que com muita deligencia façaes hir cartas cõ ho trelado desta nosa carta para toda esa comarqua de maneira que a todos seja notorio para saberem, e comprirem o que asy mandamos. Escrita em Lisboa a 15 dias de Março Diogo Ferreira a fez de 1521.» A. FILIPPE SIMÕES.

MOSAICO

Recolhe com prazer o que semeia,
Com gosto come, dorme descansado,
Da sua vida vive, e não da alheia.

D. BERNARDES.

O homem que beneficia os seus inimigos

É vera copia do sandalo,
Arvore que, ao ser cortada,
Perfumes lança, e em balmão
Deixa embebida a machada

M. R. S. A.

Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem bene præparatum
Pectus...

HORAT.

Nos desastres confia,
Receia nas venturas

Coração bem fornido de experiencia,
Embebido em saber e probidade.

FIL. ELYS.

Esta é a propriedade do mundo — apontar no alvo das prosperidades e fechar na barreira das desventuras; as suas tristezas são puras, e os seus gostos aguados com mil desgostos.

HEIT. PINTO.

EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes)..... 240 réis
Fóra de Coimbra (por seis mezes).... 600 »

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE



VIRGILIO

Diante das estatuas dos deoses e dos heroes os filhos de Roma velavam a fronte com a fimbria do manto.

Haviam decorrido pouco mais de dez lustros depois que Virgilio se escondera no occaso do tumulo, e já Silio Italico lhe ia depor sobre a campa grinaldas de flores e de hera, e os Romanos celebravam os idos de outubro como dia festivo.

As Bucolicas, as Georgicas e a Eneida, semelhantes a essas nuvens formosas, que vemos bordando o horisonte, e rapidas crescem, e se tornam gigantes, assumiam proporções collossaes, e o auctor deificava-se. Agora quasi desenove seculos têm feito caminho sobre o tumulo do cysne de Mantua, o mundo tem despido, como se despe um vestido já velho, instituições, que pareciam enraizadas no solo, tem brincado com o throno dos reis, e empuxado pelos altares dos deoses.

Mas o throno do poeta inspirado, o altar do Homero de Roma permanece de pé, sorri ás tormentas, e a humanidade conhece as feições do genio famoso, que alli se levanta.

Temol-as diante; convinha-nos talvez, a exemplo dos romanos, velar a fronte e passar silenciosos.

Mas o vento das tempestades, quando desce

N.º 5

do topo das serras, faz gemer e fallar tanto o cedro gigante, como a mais debil planta. Mas o sol ao meio dia, dardejando luz e calor, espelha-se tanto nos mares immensos, como nos mais pobres regatos.

Assim é a gloria; avassalla para a celebrarem espiritos de fogo e talentos humildes, aguias impetuosas e avesinhas sem força.

Deixaremos pois algumas linhas por baixo da gravura do Virgilio.

I

A força da poesia d'um povo qualquer está na razão directa das suas glorias ou das suas desgraças.

Abri o livro da historia das antigas nações, vêde qual d'ellas tem paginas mais brilhantes e felizes, e qual as tem mais negras e tristes. Essas duas nações são rivaes em poesia.

A fortuna caminha de par com os filhos da Grecia, assenta-se a desgraça á porta dos hebreus, e sob as arcadas do templo dorme as séstas do estio e as noites do inverno, e são estas duas nações as que cantam mais alto.

É que a alegria e a tristeza, a felicidade e a desgraça têm um mesmo verbo—o *canto* e as *lagrimas*.

Se pois os factos escoram esta theoria, sancionam esta lei, Roma, a cidade, cujas mura-

lhas se transpunham a principio d'um salto, e que aprendeu a cortar nacionalidades com um só golpe de espada, que se atreveu a fundir as tribunas do forum com os rostros das mãos aprisionadas aos vencidos, devia ter poesia forte e polida como os seus arnezes e lanças, immortal como os seus feitos grandiosos.

E comtudo quasi sete seculos de glorias haviam passado, e á beira do Tibre não vagavam cantando-as cysnes melodosos, cuja voz se erguesse tão alto, como se ellas erguiam.

Ainda que grandes em si, Terencio e Ennio, Lucrecio e Catullo eram pequenos para representantes de Roma. Quando porem o templo de Jano se fechava pela terceira vez, e os Quirites cercados de luxo e opulencia estendiam os olhos pelas suas vastas conquistas, duas vozes sublimes e magicas acordavam o silencio do luco de Egeria e os echos do monte Aventino.

Eram as de Virgilio e de Horacio.

Completam-se estes dois genios, por isso os não separaremos aqui. Revelam junctos a grandiosidade romana, photographam a cidade dos Cesares; mas, como encarregados de monumento que supera as forças d'um obreiro, traçaram-lhe o plano, apalparam-se a indole, mediram as forças, e distribuiram as partes.

Depois de concluidas, ellas deviam reunir-se, por si; sendo diferentes, formar um todo uniforme para ensinar ás nações, que de futuro se erguessem, qual fora Roma desde a infancia involta na pobreza e miseria até que a mão dos barbaros foi derribar com os copos das espadas a senhora vaidosa, meia cega com o brilho das suas joias e oiro, e atordoada com o ruido que faziam os povos escravos, indolhe lançar no regaço o tributo de cada anno.

E assim foi.

Desde o seu principio até á sua queda tem Roma duas epochas diferentes, marcadas pela diversidade de costumes e de indole.

Uma é de austeridade e de força, a outra de corrupção e fraqueza.

Virgilio tomou a si representar a primeira, a segunda foi partilha de Horacio.

Intima amizade liga estes dois genios.

.....Finibus Atticis
Reddas incolumem precor,
Et serves dimidium animae meae

dizia Horacio ao navio, que levava Virgilio para Athenas.

Dimidium animae meae

podiam dizer reciprocamente os escriptos de ambos os poetas.

E eis manifestado o laço, que estreita as duas epochas; a sua diversa côr, os cambiantes diversos facilmente se vêem olhando as obras dos dois auctores.

Coroado de myrtos e de hera, á sombra das arvores do Tibur, com a taça do Falerno na mão, Horacio convida Tibullo a visital-o,

Quum videre voles Epicuri de grege porcum.

Nas odes e epodos, nas epistolas e satiras mostra-se constantemente a individualidade do poeta; elle mesmo diz:

Nunc in Aristippi furtim praecepta relabor,
Et mihi res non me rebus subjungere conor.

São os caracteristicos da sociedade, em que viveu o escriptor, a manifestar-se nestas phrases; é a molleza a sentar-se no lugar da virtude, o egoismo abrindo a sepultura e talhando a campa para o amor sancto da patria.

Na critica retrospectiva Horacio é injusto quasi sempre; os escriptores, que o precederam, são nada para elle, expressão do desprezo com que os seculos corrompidos olham aquelles, que já vivem na historia mais fortes de crengas, porem menos apurados no trajo.

Virgilio esse é outro. O *Ille ego, qui quondam* esquece-lhe depressa; celebram-se factos, que marvilham, ouvem-se harmonias, que arrebataam; mas o cantor esconde-se, e a inveza da Galathea da Ecloga não deseja ser visto.

Elle não ri com o copo na mão, fazendo libações em honra de Epicuro; senta-se á popa do navio dos que perderam as familias e a patria, e segreda-lhes

Solatium est miseris socios habere penates.¹

Aos ouvidos dos tristes, semi-mortos de saudades, desalentados por longos errores, batidos de praia em praia, leva palavras de consolação e de esperança, que para serem mais doces vêm d'uns labios de mulher:

Non ignara mali miseris succurrere disco.

Respeita e venera os escriptores que o precederam; rico de phantasia, vai pedir aos poetas mais antigos, aos legitimos representantes da Roma primitiva, os productos do seu genio. Como diz Patin, elle faz versos novos sobre velhos assumptos; e Nevio, uma das glorias primeiras de Roma, fornece-lhe o bello anachronismo dos amores de Eneas e Dido.

As Georgicas, o mais perfeito poema de Virgilio, não podiam ser inspiradas pelo seculo de Augusto; são uma lampada, que se deve suspender no templo do passado diante da figura majestosa e simples de Quinto Cincinnato.

Os assumptos, que Virgilio fecundou com

¹ Este tão citado e sabido verso latino é lido por alguns com mais propriedade

Solatium est miseris socios habere poenarum.

o seu genio famoso, pertencem todos á Roma austera e frugal, e os costumes do poeta são ainda os d'um velho romano. A pureza da sua vida, a candura da sua alma significavam-n'a os habitantes de Napoles denominando-o — a *Virgem*.

Estas rapidas considerações provam que Virgilio tomou a si representar a primeira das duas epochas differentes de Roma.

Revelar os segredos do seu estylo e talento nem o intentamos, nem nos cabe nas forças.

Foi o maior poeta de Roma. A influencia porem das suas obras sobre a litteratura romana depois do seculo de Augusto foi nulla, assim como a de Horacio.

Quando numa nação os costumes se corrompem, morre a virtude, e a gloria decahe, ninguém acceita as lições do bom gosto, e de balde os astros litterarios se conservam no horizonte fulgentes e vividos.

J. FREDERICO LARANJO.

ISOLAMENTO DA TERRA

Avassallado pela ignorancia devera o espirito humano jazer longo tempo em trevas, antes que o desejo de saber, sempre em luta com ellas, e nem sempre vencedor, chegasse a formar essa luz de sciencia, que a par e passo nos vai patenteando arcanos, desvelando mysterios, internando-se mais e mais pelo entenebrecido territorio.

E de facto: perscrutador incansavel, o homem não tem cessado de interrogar todos os objectos, para conhecer d'elles as causas dos phenomenos que a todo instante nos surpreendem; ou ao menos leis, que lhe facilitem a explicação d'esses phenomenos. Porem, a despeito dos seculos que nessa indagação tem gasto, nem sempre alcançou resposta, nem sempre, quando a houve, foi cabal:

Croire tout découvert c'est une erreur profonde,
C'est prendre l'horizon pour les bornes du monde.

Todaya possuimos já hoje uma grande somma de verdades, que nossos avós tiveram a gloria de conquistar através de innumerables empeços, e que muitas vezes pagaram com a propria vida. Tal foi a dedicação de alguns, que os tornou martyres da sciencia. Ella porem não é descarravel; com extremos de mãe vivifica, torna immorreidoiro o nome de quem lhe tributa affectos de filho — cinge-lhe a cabeça de immarcessiveis louros, mostra-o com ufania a todos, e aponta-o como modelo aos que pretendem transpor o liminar do templo, onde as aras são livros, e as preces lucubrações.

O isolamento da terra é uma d'essas verdades, que, ignorada muito tempo, descoberta não foi bem recebida; tão certo é que o trabalho sem dilacão não vale a extirpar erros

e conseguir que a verdadeira doutrina cale no animo de todos.

Julgou-se por largo espaço que a terra, com uma profundidade finita, estava fixa sobre bases inabalaveis, assente sobre o dorso de animaes fabulosos; sem pensar que, qualquer que fosse o ponto de apoio sobre que ella descansasse, esse ponto havia de assentar sobre outro, que igualmente precisaria d'uma base de sustentação, e assim por diante; de modo que suppor a terra fixa importava o mesmo que suppor uma serie infinita de pontos fixos a servirem de apoios uns dos outros; ou então a existencia d'uma massa isolada e suspensa no espaço: — a ultima, que, sem ser sustentada, servisse de apoio a todas as outras.

Reconhecido o absurdo da primeira hypothese, e não podendo conceber a segunda, porque nesse caso mais lhe valera admittir logo o isolamento da terra, vieram os antigos a acreditar na profundidade infinita do nosso planeta.

E mais facil lhes era em verdade crer na espessura illimitada, que na suspensão; já porque, vendo todos os corpos, que não eram sustentados, cahirem para a terra, entenderam que esta nas mesmas circumstancias tambem cahiria, já porque os livros sanctos, em seu dizer, mais poetico e figurado que scientifico, os induziam a erro: *Terra quae firmiter fundata est super bases suas, ut maneat seculum seculi.*

As provas do isolamento tornaram-se porem tão patentes, que impossivel fora a qualquer deixar de render-se á sua evidencia.

As viagens de occidente a oriente, começadas pelo nosso Fernando de Magalhães, e depois continuadas noutros paizes por differentes observadores, vieram demonstrar que naquelle sentido a terra é suspensa, porque d'outra maneira não teria sido possivel dar volta ao globo.

Não pôde ainda conseguir-se egual resultado da navegação de norte a sul, porque o gelo dos polos impede a passagem; mas outras provas temos, que demonstram á sociedade o isolamento da terra.

Examinando attentamente as estrellas que povoam a abobada celeste, nota-se que muitas d'ellas começam a tornar-se visiveis do lado do oriente, para depois irem desaparecer no occidente, quer a observação seja feita para as partes do norte, quer para as do sul.

Se o individuo se mover para o norte, irá descobrindo d'esse lado estrellas, que não via na primeira posição, e tambem apparentemente animadas do movimento de oriente a occidente; em quanto no sul se lhe vão occultando outras, que eram visiveis do primeiro logar.

Movendo-se o observador em sentido contrario, isto é, do norte para o meiodia, contrarios se tornarão tambem os phenomenos; algumas estrellas do lado do norte irão desap-

parecendo ao mesmo passo que no sul crescerá o numero das visiveis. Ora, dando-se sempre todos estes phenomenos em qualquer local que o homem escolha, deve d'elles rigorosamente concluir-se o isolamento da terra; porque, a estar ella fixa, o corpo que a suspendesse havia de estorvar-nos de ver no sentido em que se achasse a apparição e desaparição regular das estrellas.

Nos eclipses da lua temos ainda argumento com que reforçar a conclusão.

A sombra que a terra em todas as posições projecta sobre a lua é sensivelmente circular: logo não ha corpo algum que sustente no espaço a terra, porque, a havel-o, esse corpo estaria ligado com ella, e a sua sombra havia de ser tambem projectada sobre a lua.

Podemos, por tanto, servindo-nos simplesmente de argumentos que estão ao alcance de todos, haver por inteira e cabalmente demonstrado o isolamento e suspensão do nosso planeta.

M. DA COSTA ALEMÃO.

JORGE DE MONTE MÓR E OS ROMANCES PASTORIS

(Ticknor—History of spanish litt. t. III, c. 23, 1863)

I

Os romances de cavallaria, como as instituições sobre que elles eram fundados, só muito lentamente foram acabando em Hespanha. Suas graves ficções eram accommodadas ao aspecto dos graves e velhos castellos, de que as lutas com os musulmanos tinham feito guarnecer largás regiões do paiz, em quanto seu tom geral harmonisava não menos felizmente com as maneiras altivas, que o espirito da cavallaria tinha ajudado a imprimir nas mais altas classes da sociedade desde as montanhas de Biscaya até ás praias do Mediterraneo. A sua influencia, portanto, era grande, e, com o resultado natural de sua longa duração, outras e melhores formas de ficção em prosa eram mal acolhidas na Hespanha, ou appareceram mais tarde do que teriam feito noutras circumstancias — factó a que allude Cervantes, quando, já no começo do seculo XVII, diz que poucos livros hespanhoes se encontravam com caracter moderno.¹

Todavia, cincoenta annos antes d'aquelle periodo havia signaes perceptíveis d'uma mudança imminente. Os magníficos triumphos de Carlos V tinham enchido os espiritos humanos com ideas de aventuras muito differentes das de Amadis e seus descendentes, ainda que algumas vezes não menos delirantes e extravagantes. As guerras crueis, incessantemente feitas contra os poderios africanos, e as miserias dos milhares de captivos que voltavam de Afri-

¹ Don Quixote, part. I, c. 28.

ca para assombrar seus compatriotas com a historia tragica de seus padecimentos e dos de seus companheiros, estavam cheias d'aquelle amargo romantico da vida real, que ultrapassa toda a ficção. Até os costumes—os velhos, formaes e cavalleirosos costumes da nobreza — começavam a ser modificados pelas relações com o resto do mundo, e especialmente com a Italia, que era então o paiz mais polido e menos militar da christandade; de modo que a ficção romantica — a parte da litteratura elegante, que, mais que todas as outras, depende do estado da sociedade, era naturalmente modificada na Hespanha pelas grandes mudanças que succediam nas relações externas e na civilisação geral do reino.

Encontram-se frequentes provas d'este estado de cousas e de suas manifestações nas novas formas de ficção produzidas por elle, ao passo que os tempos vão passando.

A primeira forma, todavia, em que essa mudança no gosto hespanhol se manifestou com bem definido exito — a *das pastoraes em prosa* — talvez não podesse ser prevista até pelo espirito mais sagaz, ainda que, quando lançarmos os olhos para a sua historia, posamos facilmente descobrir algumas das bases sobre que ella se elevou primitivamente.

Tinham desde a idade-media prevalecido em Hespanha e Portugal as occupações da vida pastoril numa maior extensão do que nas outras partes da Europa²; e, provavelmente em consequencia d'esta circumstancia, as eclogas e bucolicas foram cedo conhecidas na poesia de ambos os paizes, e tiveram desde o começo relações com a origem do drama popular.³ D'outro lado, o espirito militar d'uma civilisação, como a que houve na Hespanha até ao seculo XVI, afastar-se-hia alegremente d'uma tão monotona exaggeração de seu caracter, tal como se acha desenhado nos romances de cavallaria, e procuraria doçura e repouso na paz e simplicidade d'uma fabulosa Arcadia.

São, pelo menos, estas as duas circumstancias obvias na condição e polido da Hespanha, que favoreceram o apparecimento d'uma forma tão singular de ficção como a das pastoraes em prosa, ainda que seja agora impos-

² As leis das «partidas», de cerca de 1260, offerecem abundantes indicações da extensão e importancia da vida pastoril na Hespanha, naquelle periodo e durante muito tempo antes.

³ Já no cancionero de D. Diniz se encontram traços de poesia pastoril. Vid., por exemplo, as canções que começam:

Hunha pastor (*) bem talhada
Cuydava en seu amigo,

Hunha pastor se queixava
Muyt'estando noutro dia.

(Not. do traduct.)

(*) Primitivamente os nomes portuguezes em or eram comuns de dois.

sivel determinar toda a influencia que essas circumstancias exerceram sobre ella.

Não ficamos, todavia, em duvida ácerca d'um ponto. Sabemos donde veio o impulso que produziu a primeira obra d'esse genero na litteratura castelhana, e quando esta obra appareceu. É Sannazaro, nobre napolitano, cuja familia tinha sido levada de Hespanha a Napoles por causa das revoluções politicas do seculo XV, quem deve ser olhado como verdadeiro pae da moderna pastoral em prosa, que d'elle passou directamente á Hespanha, e, durante um longo periodo de bom exito naquella paiz, nunca perdeu inteiramente o caracter que seu auctor lhe tinha originalmente imprimido. A sua «Arcadia»—escripta provavelmente sem conhecimento da pastoral grega de Longo, mas pouco provavelmente sem conhecimento do «Ameto» de Boccaccio e das «Eclogas» de Bembo—foi impressa pela primeira vez toda em Napoles em 1504.⁴ É puramente um romance pastoril em prosa e verso, em que, com uma leve unidade de narrativa, e sob o disfarce de amores de pastores e pastoras, Sannazaro refere aventuras que succederam realmente a elle e a alguns de seus amigos, e elle mesmo apparece com o nome de Sincero, que é o personagem principal. Tal obra, por consequencia, é um tanto phantastica de sua natureza; mas a ficção de Sannazaro está escripta no mais puro e gracioso italiano, e obteve grande acceitação, em que, por causa das relações hespanholas da sua familia, a Hespanha cedo tomou parte. Em summa, a Hespanha foi o primeiro paiz estrangeiro, onde a Arcadia teve imitadores, e foi depois o unico, em que appareceram obras do genero d'esta em grande numero, e que tiveram influencia duradoura.

E, porem, singular que, do mesmo modo que os romances de cavallaria⁵, o romance pastoril foi primeiramente introduzido na Hespanha por um portuguez — por Jorge de Montemor, natural da villa do mesmo nome, perto de Coimbra.

F. A. COELHO.

Animos primorosos afinam em patriotismo, quando são maiores os males da patria.

B. DE VISEU.

⁴ Ginguené Hist. Litt. d'Italie t. X, par Salvi, pp. 87, 92.

⁵ Attribuiu-se muito tempo o mais antigo romance de cavallaria peninsular—O Amadis de Gaula—a origem portugueza, assim como o *Palmeirim de Inglaterra*. Nestes ultimos tempos têm-se todavia suscitado muitas duvidas a este respeito, e a questão em vez de se resolver parece complicar-se cada vez mais. Vid. na *Revista Contemporanea*, tomo v, n.º 5, um artigo dos srs. Theophilo Braga e Camillo Castello Branco sobre o sr. José Gomes Monteiro; um estudo de D. Pascoal de Gayangos: «Del Palmeirim de Inglaterra y de su verdadero auctor» Madrid, 1862, e o «Opusculo sobre o Palmeirim de Inglaterra» por Manuel Odorico Mendes.

(Not. do traduct.)

PARTE!

Parte, vae! mas que eu ignore
Quem me leva o meu thesouro...
Vae, anjo de tranças de ouro,
Que longo tempo adorei;
Parte, adeos! Porem que eu saiba
Que vai contigo a ventural!
Meu poema de ternura,
Que em mil estrophes cantei!

Ai! Adeos! Rasga-mê o seio
Esta phrase dolorida!
Sinto partir-se-me a vida
Ao pensar que vais partir...
Longe, longe de meus olhos
Quem julguei que sempre visse!
E ventura, amor, ledice,
Tudo extinto em meu porvir!

Embora, vae! Mas ao menos
Eu saiba quanto és ditosa:
Creou-te o Senhor formosa,
Faça-te o mundo feliz;
Que importa que gema e soffra,
E me compunja a saudade?
Que importa que á tempestade
Eu vergue, se tu sorris?

Parte pois; mas que eu ignore
Quem me leva o meu thesouro...
Vae, anjo de tranças de ouro,
Que longo tempo adorei;
Parte, adeos! Porem que eu saiba
Que vai contigo a ventural!
Meu poema de ternura,
Que em mil estrophes cantei!

Novembro de 1866.

LUIS CARLOS.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

Setembro de 1863

II

Meu amigo. Era uma vez um rei... e mouro por signal, que os christãos cercavam com apertado sitio numa das suas praças. Dormia o bom do rei com o seu cão aos pés. A esta sentinella confiara a sua segurança. Chamava-se Alão o animal, o rei não sei como se chamava.

Dera-se o assalto, e o cão não tugia nem mugia; dormitava sempre. O alarido dos christãos, a algazarra dos mouros, o estrondo das trombetas e dos anafis, nada o sobresaltava; era o somno dos sete dormentes.

Acordou o rei, mas não acordou o cão. Ouviu o barulho, mas não se mecheu; com ouvidos e olhos áleria, os primeiros attentos para o ruido, os segundos para o guarda fiel, não dava um passo nem fazia movimento. Esperava que o cão lardasse; mas o cão moita.

Foram levados os muros de escalada, o castello tomado e o rei preso. *Alão quer* dizia o monarcha, quando lhe lançavam as algemas....

Foi neste conto que pensei, quando, dobrando o carro uma volta da estrada, deparei com a industriosa villa de Alemquer, que se pendura graciosamente por uma pequena collina.

Passados poucos instantes estava no Carregado, na primeira estação do caminho de ferro que eu via, e onde esperei perto de duas horas que o comboio chegasse.

Logo que souo o silvo da locomotiva, correram os passageiros a postos; e eis-me correndo a vapor numa camara elegante, commodamente estofada, com regalos que os antigos estiveram longe de imaginar.... para as jornadas.

Experimentei sincera alegria neste momento, porque sou entusiasta de todo o progresso, e admiro a serie de prodigios operados pelo genio do homem. Todos os seculos inventam ou aperfeçoam, e nenhum passa desaperecido ou ingrato para a sociedade. É copiosa e variada a historia das artes: são innumerous os seus capitulos, multiplices os seus generos, e ainda não se lhe cerrou a última folha do livro!

Mas ao mesmo tempo como costumam a desenvolver-se as grandes ideas, e a firmar se os grandes descobrimentos!... como é lenta a sua marcha! que difficuldades que encontram! que lutas que sustentam! que perigos e sacrificios que assignalam a sua carreira! Cem annos antes de Christo descobriu Héron de Alexandria a applicação da força expansiva do vapor ás machinas, e só hoje o seu invento adquiriu a perfeição que nos espanta!

A ignorancia cruza-se com a intelligencia, e vence muitas vezes. A luz cega os espiritos costumados ás trevas. Luta o genio contra os embaraços, e não os subjuga. Agora Galileu é martyr da Inquisição, depois Salomão de Cós é victima da pretenciosa ignorancia de Richelieu. Cada passo é um combate, e cada combate nem sempre é uma victoria.

Nisto e noutras muitas cousas ia eu pensando, quando o comboio chegou por fim a Sancta Apollonia. Eis-me em Lisboa!

Satisfeitas as requisições da policia e da alfandega, mettemo nos num carro, que nos trouxe ao hotel de Italia, magnifico palacete de José da Costa Pinto Bastos, onde nos installámos. Nas minhas leituras de criança já eu vira a lithographia d'esta casa no antigo jornal *Universo Pittoresco*, quando em frente ainda campeava o antigo chafariz de Neptuno, que foi demolido.

É um hotel excellente, um palacio em toda a extensão da palavra, que paga, segundo me disseram, de aluguer 2:600\$000 e 800\$000 réis de decima. Tem grandes salões, escada-

ria e paredes de marmore com adornos de varias estatuas de tamanho natural. A posição é optima, que se pode dizer no coração da cidade, pois fica no largo do Loreto em frente da egreja d'este nome, que pertence á colonia italiana.

Habitamos as salas de Juno, Apollo e Diana, outra sem denominação, que é o meu quarto, e o salão das Quatro Estações, que é a casa de mesa. Os nomes mythologicos derivam das pinturas que decoram os tectos. A Primavera está representada na figura de Flora, o Estio na de Ceres, o Outomno na de Baccho, e o Inverno na de Sileno aquecendo-se a um brazeiro. Por cima d'este grupo está Pomona, que despeja por todos as suas cornucopias de fructos. No quadro de Juno vê-se esta deosa descida do carro puchado por pavões, tendo amores por cocheiros, pedir ao rei Eolo que solte os ventos e desencadeie as tempestades. O rei está prostrado na alta roca adorando a regia visita; e os ventos, na figura de homens vigorosos, bufando com todas as forças, esforçam-se por quebrar as cadeias que os prendem. É ficção conhecida do primeiro livro da Eneida. As outras são do mesmo gosto.

Estando eu agora em Lisboa, de certo que espera minuciosa descripção da capital; mas é impossivel. Nem ha vagar, nem tenho os elementos precisos. Quanto mais que apenas lhe vou expondo succinta e superficialmente um ou outro apontamento que colhi, esta ou aquella sensação que experimentei.

Lisboa é uma cidade grande para um provinciano que nunca viu mundo. Costumado a povoações irregularissimas, como são as nossas cidades e villas, pasma naturalmente da primeira terra onde vê a symetria das ruas e praças, que o bom senso indica, mas que o homem não segue quasi nunca.

Esta mesma cidade deve o seu maximo aperfeçoamento ao terremoto e ao marquez de Pombal. Foram estes dois despotismos que a poliram. O primeiro destruiu-a com violencia para que o segundo a restaurasse com energia. Se não fosse isso, Lisboa não seria com certeza a elegante e donosa casquilha que se remira no Tejo.

Ora o nobre marquez vi eu no terreiro do Paço aos pés do cavallo de seu amo, e fitava com desassombro e carrancudo a corrente do rio. Mas embirrei com a figura, e a proposito da estatua lembrou-me logo o desgraçado Garção e mais os seus versos, assim como as outras gentilezas do famoso despota. Que eu não quero mal ao ministro de D. José, e até folgo que fosse parar ás ilhas *beatas*; mas isto de regenerar christãos com justiça de mouros, ainda que seja por boa politica, desagrada-me, e muito. E dizem, valha-nos Deos! que ha por ahi visionario que préga que o rigor do homem preparou o systema que hoje nos rege, e o proclama precursor da liberdade, como

S. João o foi de Christo, . . . Pobres d'aquelles venerandos patriarchas de 20, Fernandes Thomaz e outros, que os sumiram já no limbo do esquecimento! . . .

Fui com o nosso B. P. ver o cemiterio do Alto de S. João, e estive diante dos tumulos de Filinto Elysio, e D. José d'Almada, o auctor dos *Contos sem arte*. Entre outros sobresahe os da familia Bessone e de João Egreja, que são palacios de marmore. Vê-se que eram abastados.

Os dos dois escriptores são modestos. Tive de indagar onde estaria o de D. José, e foi-me custoso achar o de Filinto. Quando regresssei a casa, encontrei a *Liberdade*, e li o folhetim da H. E. Abençoada mulher, que naquelle momento me fallaste ao coração quando escreveste: «De que vale um preito de saudade pago ás cinzas do homem, ou um feudo de recordação por um nome glorioso que se gravou na campã?»

No cemiterio dos Prazeres vi os monumentos e tumulos do conde das Antas, Ribeira de Sabrosa, Agostinho José Freire, Silvestre Pinheiro, Rodrigo da Fonseca e outros. Distingue-o sobre tudo o immenso jazigo Palmella pela area que occupa, e onde me parece que está depositado o nosso immortal Garrett. Tem uma capella da configuração d'uma pyramide do Egypto, coroada pela estatua da Fé, e a cuja entrada leva uma rua orlada de formosos cyprestes, sob a qual deve haver amplos carneiros, alumiados escassamente por algumas frestas.

Foi um dos meus primeiros cuidados ir ver a celebrada capella de S. João Baptista erecta na egreja de S. Roque, mandada fazer em Roma por D. João V, e que custou dinheiro louco. É na verdade primorosa, e tem riquissimos paramentos e alfaias. Para d'ella fazer idea, aqui lhe ponho a resumida descripção que costumam dar aos visitantes:

«O quadro do centro representa S. João baptizando Christo no Jordão, o do lado direito a Anunciação da Virgem Sanctissima, e o do lado esquerdo a descida do Espirito Sancto. E estes quadros foram executados segundo os desenhos de insignes artistas: — o de S. João pelo de Miguel Angelo, — o da Anunciação pelo de Guido, — e o do Espirito Sancto pelo de Raphael Urbino. Levaram quinze annos a fazer os mesmos quadros pelos mais habeis artistas que no seculo existiram. No centro do pavimento, que tambem é de mosaico, se acha desenhado um globo, como para significar serem estes quadros os mais preciosos em toda a Europa. Os dois retabulos do tecto são de marmore de Carrara, feitos debaixo da direcção do insigne escultor Mayne, coadjuvado por Alexandre Giusti, que veio conduzir a capella, e ficou em Portugal. Ha na referida capella oito columnas de lapis-lazuli, e as mais pedras de que ella

é construida são amethysta, alabastro e granito do Egypto, roxo antigo, verde antigo, marmore de Roma, porfido, e jaulo antigo; os ornatos são todos de bronze dourado. Em 1744 foi esta capella armada na egreja de S. Pedro em Roma, e Benedicto XIV a sagrou, e nella disse missa; sendo depois desarmada e transportada para Portugal, onde em 1746 foi collocada na egreja de S. Roque.»

Causa pena considerarmos como se nos ia o dinheiro nestas e noutras sumptuosidades nullas, que nem engrandeciam a religião nem estimulavam o gosto artistico no reino. O rei magnifico merecia bem o celebre epigramma de trocadilhos que um dia lhe metteram no bolso da casaca:

Na serie dos nossos reis
Houve já cinco Joões;
Os quatro valem milhões,
O quinto nem cinco réis.

Como por aqui tenciono demorar-me, nas seguintes lhe direi mais do que tenho visto e admirado.

A. A. DA FONSECA PINTO.

BIBLIOGRAPHIA

CARTAS DA BEIRA-MAR

por

Augusto Filippe Simões

Eu duvido ás vezes da inteireza do meu siso diante das decisões da nossa critica contemporanea, principalmente da que nos é importada de Lisboa com cunho de official e encartada. Tem-me acontecido mais de uma vez ler pacientemente um livro até á ultima pagina, entender depois que perdi o meu tempo, porque o livro não presta para nada; e afinal d'ahi a alguns dias vir um litterato de Lisboa dizer-me em cinco columnas de folhetim que me enganei redondamente, pois que o livro não só é bom, mas excellente, primoroso, cousa a orçar por *acontecimento* litterario, livro para atravessar, involto em esplendores de gloria, as dez gerações mais proximas.

Outras vezes ainda acontece-me ler um volume não recommendado pela critica. . . dos criticos, um d'estes livros *moiros* sahidos dos prelos de Coimbra ou Porto, terras safaras, onde a mansenilha do elogio-mutuo ainda se não pôde aclimatar, e apesar d'isso achar o livro bom e muito para ser recommendado. Tenho perguntado a mim mesmo a causa d'esta diversidade entre as minhas opiniões e as da critica olysiponense ácerca de alguns volumes dados a lume nestes ultimos annos, e por em quanto ainda não achei resposta que me satisfizesse plenamente, porque, para dar inteira razão á critica, vejo-me obrigado a confessar que sou supinamente ignorante a respeito de cousas de litteratura, e para me dar razão a

mim tenho de suppor a critica ou completamente destituida de siso, ou escandalosamente parcial. Nem uma nem outra porem das duas explicações me satisfazem, a primeira porque me offende sobre modo o amor proprio, e a segunda porque m'o lisongea demasiadamente.

A questão é melindrosa, e eu confesso que sou parte suspeita para julgar d'ella com acerto. Deixando a outros o cuidado de acharem a embrulhada incognita d'este problema, reservo para mim o direito de pensar como entender a respeito de todos os livros publicados e por publicar, e o de poder proclamar alto e bom som esse meu modo de ajuizar. A arte é como a religião, sem liberdade transforma-se numa cousa hedionda a que se dá o nome de fanatismo. Eu quero pois para todo o homem a faculdade não só de pensar como melhor entender a respeito de litteratura e religião, mas o direito de poder expor publicamente o seu modo de ver as cousas de uma e outra. É d'esta variedade de gostos, é d'esta multiplicidade de opiniões que sabe a verdade, como a idea que presidiu á concepção de um templo apparece na diversidade e arranjo das partes que o compõem. A uniformidade de gostos e opiniões quer a respeito das cousas da arte, quer da religião, quer da politica, é uma utopia monstruosa. Tal uniformidade ou é morte, ou estupidez, ou entorpecimento moral. A idade-media chegou a realisar até certo ponto a unidade de opiniões religiosas. Mas porque? Porque conseguiu prohibir á opinião que tivesse opinião, e perdesse-me o trocadilho.

Aqui temos um livro que bem pouco deu que fallar aos noticiarios, e que no entanto, a meu ver, merecia bem a pena de ser recommendado. Ha-os por ahi que não valem uma pagina d'este, e no entanto a critica dignou-se apadrinhar-os a trazel-os nos braços. São cousas.

Intitula-se o livro — Cartas da Beira-Mar — e é seu auctor o sr. Augusto Philippe Simões, professor de introdução no lyceu de Evora e bibliothecario da livraria publica d'aquella cidade.

Ha conversadores que se não podem ouvir, outros que se deixam ouvir, e outros que se fazem ouvir. Os livros são como os conversadores: ha livros que se não toleram, outros que se supportam, e outros que nos agradam. Pertence decididamente á ultima classe o do sr. Augusto Philippe Simões. E as — Cartas da Beira-Mar — não só agradam, mas instruem, o que é mais. Em rarissimos livros tenho encontrado tanta somma e variedade de conhecimentos uteis e interessantes, reunidos a tanto methodo de distribuição, a tanta clareza e propriedade de estylo, a tanta facilidade e singeleza de exposição. Ha em todas aquellas paginas consciencia dos assumptos, gosto na escolha, logica na concatenação, e verdadeiro

talento no modo de as tractar e desenvolver. Tudo aquillo agrada, tudo aquillo interessa, tudo aquillo instrue. O auctor faz-nos a anatomia d'um infusorio, ou descreve-nos os habitos d'um cetaceo com a mesma clareza de exposição e de ideas, com que nos explica o complicado phenomeno das marés, ou com que nos expõe o systema do mundo de Laplace. A expressão é que é, conforme o assumpto, ora nitida e minuciosa como uma miniatura, ora rasgada, franca e alterosa como a de um Rembrandt. Brilha em todos aquelles quadros muita luz de intelligencia e muita vida de erudição, não d'esta erudição pesada e indigesta de sabichão caturra, mas d'aquella erudição desambiciosa, variada e fluente de Babinet, de Flourens, de Brothier e de Flammarión, d'esta erudição expansiva, elegante e communicativa dos Aragos, dos Taines e dos Quinets.

Cartas da Beira-Mar é uma serie de conversações scientificas sobre a geographia physica e a historia natural d'esse mundo de maravilhas a que se chama oceano. O assumpto é digno d'um bom livro, e o sr. Augusto Philippe Simões conseguiu tornar o seu livro digno de tão vasto assumpto. O volume compõe-se de vinte e seis cartas, que são outros tantos quadros, ora sombrios e grandiosos como um cyclone, ora phantasticos e aterradores como as regiões silenciosas dos polos, ora risonhos, limpidos e serenos como o horizonte suave e aperolado do mar das Cycladas. Alli se descrevem, analysam e explicam com muito gosto, com muita consciencia e com muita critica não só os mais importantes phenomenos que se dão no mar, mas ainda os productos mais interessantes que se escondem no vasto seio das aguas, tudo isto com muita lição da sciencia classica e da sciencia moderna.

É portanto util e bello o livro do sr. Augusto Philippe Simões, isto é, reúne as duas condições essenciaes a um bom livro; util porque instrue; bello, porque agrada. É por conseguinte um livro verdadeiramente recommendavel.

De mais minuciosa e bem pensada analyse são dignas as — Cartas da Beira-Mar, mas nem eu me sinto com forças para lhes respigar os defeitos e apontar cada uma das bellezas, nem me sobra vagar para um estudo regular do livro, ainda quando me sobrassem as forças. Outros que o estudem e critiquem, que bem o merecem as — Cartas da Beira-Mar.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

EXPEDIENTE

No numero 3 d'este jornal pag. 17, columna 2.^a linha 42, onde se lê: Diz o cego o paralytico — deve ler-se: Diz ao cego o paralytico.

A ASSOCIAÇÃO E SUAS VANTAGENS

III

L'association libre pour tous les buts rationnels, physiques, intellectuels et moraux de la vie, tel doit être le nouveau symbole politique et social destiné à rallier tous les amis du progrès et de la liberté rationnelle.

KRAUSE.

«A sciencia só não basta para explicar a vida do homem» — disse-o Lermnier.

Quando, abertas as paginas da historia, contemplamos a obra do progresso, não podemos deixar de ver ahi os traços que as gerações têm deixado em seu longo caminhar.

E, se attentarmos bem, veremos que cada epocha tem sua feição característica, cada povo um pensamento que lhe é proprio.

Os phenicios e os egypcios deixam nas aguas do oceano, e nas suas pyramides e mythos, os vestigios de sua passagem.

Babylonia, com seus famosos jardins pensis, e suas muralhas ingentes, attesta ás gerações do futuro as grandezas passadas.

A Pérsia revê-se com orgulho nos seus magnificos palacios.

Com o andar dos tempos novas ideas apparecem, e com ellas uma revolução completa na vida da humanidade. Pode, porem, dizer-se afoutamente que todas se dirigem ao bem social, embora algumas vezes errem o alvo a que miravam.

Nos tempos modernos as vistas de quasi todos aquelles que se occupam da resolução do problema social estão voltadas para o principio da *associação*, porque todos crêem que a união faz a força, e que d'ella ha de resultar o desenvolvimento progressivo da grande familia humana.

Não se julgue, porem, que é uma invenção de nossos dias. Em seculos bem remotos já aquelle principio foi posto em execução, apezar de lhe não comprehendem todo o alcance os philosophos da antiguidade.

As republicas federativas, de que nos falla Montesquieu, nascem do mesmo principio. Foi devido a associações similhantes que a Grecia floresceu por tanto tempo. Por meio d'ellas atacou Roma o universo, e por ellas o mundo então conhecido se defendeu das legiões romanas.

As associações das cidades eram por esses tempos consideradas como o melhor meio de defesa. Hoje mais alta põe a sua mira a associação. Cumpre-lhe regenerar a sociedade, e conduzi-la ao seu verdadeiro destino. Para o conseguir lança mão de todos os meios.

E é certo que o incremento que tem tomado, ao passo que accusa a sua importancia, significa que no espirito de todos vai calando o principio vital das sociedades, sem o qual fora impossivel progredir.

Cabe-lhe a maior parte das glorias hodiernas.

Dissipados os velhos preconceitos, e abandonadas as theorias erroneas, facil tem sido modernamente imbuir os povos nos principios mais racionais.

Assim é que a um periodo de menor esplendor nos annos do povo portuguez vai succedendo outro mais brilhante, em que todas as nossas instituições trazem o sello do esforço humano, e o cunho das ideas liberaes e progressistas.

Assim como no passado a necessidade d'uma religião creou associações religiosas, assim tambem hoje outras novas necessidades têm sido causa de se organisarem novas associações.

A industria cria a associação do trabalho; a agricultura e o commercio fazem surgir as associações commerciaes e os bancos; a miseria e a desgraça, reclamando soccorros publicos, têm feito nascer associações de beneficencia.

Onde quer que é necessario emprender e levar a cabo grande numero de obras publicas — caminhos de ferro, vias submarinas, monumentos, e muitas outras empresas que demandam a reunião de muitos braços, ahi se estende ainda o benefico influxo da associação.

E, para não fallar de outras, foi debaixo do mesmo pensamento humanitario e christão, que em Coimbra se formou a *Associação de Beneficencia da Typographia da Universidade*, composta dos typographos e empregados d'este estabelecimento; e a *Associação dos Artistas*, que tem por fim a moralisação das classes operarias. São associações de mutuo auxilio fraterno, onde os socios encontram protecção e subsidios em suas doencas, e, principalmente, a educação intellectual e artistica para si e seus filhos.

Não será tambem fóra de proposito fazer aqui especial menção da *Associação dos Amigos do Estudo de Castello de Vide*, pelas relações em que está com este jornal.

Transcrevendo parte do bem elaborado relatorio que precede os estatutos d'esta associação, melhor se poderá conhecer qual o fim d'esta instituição.

Diz assim:

«São modestas as nossas aspirações, generosos os intuitos com que esta sociedade se constituiu. Desejamos a instrução que não tinhamos, e falleciam-nos meios de a desenvolvermos; appellámos para a associação. O que era impossivel para cada um facilitou-se para todos. A somma de nossas pequenas forças produziu um capital importante de aproveitamento. Tiveram esta origem as mais nobres empresas; esperamos que tambem prospere a nossa.

«Conta Laménais d'um viajante que fora dar aonde enorme penedo lhe obstruia o caminho, de sorte que por nenhum logar se lhe depa-

rava passagem. Cançou-se porfiadamente na fadiga de o arredar, e mallograram-se-lhe as diligencias. Sobreveio segundo, depois terceiro passageiro, e outros mais. Cada um viu-se impotente para demover o obstaculo, e sentava-se desanimado. Disse por fim um d'elles: irmãos, o que nenhum de nós pôde conseguir por si, quem sabe se o não poderemos todos junctos? E todos se levantaram, e junctos metteram hombros ao penedo, e o penedo cedeu, e seguiram por sua jornada.

«Podemos applicar a parabolá. Nós somos os viajantes, a ignorancia o penedo que nos obstrue ou difficulta o caminho, esta Associação o complexo de forças com que tentamos vencer a nossa fraqueza.»

E de vencida tem levado muitos dos obstaculos que se lhe oppunham a benemerita Associação dos Amigos do Estudo.

Possa ella sempre continuar em seu caminho, desassombrada e florescente, para poder chegar aos seus fins, e ser ao mesmo tempo uma prova viva das vantagens da associação.

J. C. PRETO PACHECO.

VIRGILIO

II

É de todas as nações, que se levantam rissonhas do meio das guerras dos povos, pretenderem afinar suas harpas e lyras no tom regular e purissimo das nações que as precederam na vida e fizeram longas conquistas no reino do genio e da arte.

A infancia, em que estão envolvidas, dá-lhes sonhos encantadores e vagos, aspirações para o futuro, que dorme, crenças em tudo que as cerca, e conserva-lhes viva no peito a luz serena da pureza e da ingenuidade.

Ha em tudo isto um mundo de poesia e de encantos, poesia singela, que a alma decora, encantos sem arte, que na juventude extasiam.

Mas como menino, que não sabe o preço aos olhos azues e ás louras madeixas, e ao rosto imberbe applica a navalha desejando parecer homem, assim as nações costumam abandonar a sua poesia original e nativa para imitarem as bellezas mil vezes repetidas dos genios antigos.

Não se eximiu Portugal d'esta lei; as amáveis canções de D. Diniz, aquella tão ingenua confiança de filha, que segreda a sua mãe

Ay, madre, moiro d'amor,

os tristes soláos de Bernardim, artisticos já, mas d'uma arte, que se não transplantava de outras nações, mil outros rebentos de poesia, que, se não eram portuguezes de lei, ao menos se enxertavam melhor na arvore da nossa nacionalidade do que os gregos e romanos,

eram todos pospostos e desprezados para se ir após estes.

Entre o grande numero de candelabros ardentes, que pendiam no templo das musas de Roma, Virgilio e Horacio diffundiam mais luz.

Aquelle, porem, combinava-se mais facilmente com a indole d'um povo, que apenas crescia, e que era christão; o seu genio pois fermentou o genio dos novos quirites, e elles aprenderam na culta linguagem do auctor das Georgicas a polir o seu romance ainda aspero e tosco.

Vivendo na côrte, ou nas guaritas e praças, a brilhante cohorte de poetas, que precede e ainda acompanha Camões, despe a armadura ou a toga, enverga a samarra, toma o cajado, põe ao hombro o surrão, e tange alternada o arrabil dos pastores.

Essas bucolicas são as mesmas, ou quasi as mesmas, que ouviu o seculo de Augusto; a unica differença é que lá eram cantadas á beira do Tibre, entre os portuguezes na margem do Tejo; lá era Roma que applaudia, Lisboa entre nós.

Escutae a frauta pastoril de Ferreira, e conhecereis em suas notas o tom de Virgilio:

Porque, já que aqui ambos nos juntamos,
Meu Vincio, ao pé d'esta arvore sombria
Dos nossos bons amores não cantamos? ¹

Triste a vista é do lobo ao manso gado,
O chuveiro á seara já madura,
As arvores o vento; a mim o irado
Rosto de Filis tam fermosa e dura. ²

Nunca depois a verde herva provaram
Os tristes gados; nunca mais beberam
Em agua clara, desque te choraram. ³

Mas não é só nestas obras de pequena extensão que o genio de Virgilio profusamente se derrama e se espalha.

Um homem, que fora soldado, que ouvira de perto silvar os pelouros, e que tinha visto granizarem-lhe as settas diante dos olhos, meditava de si para si uma empresa grandiosa.

Nem Pero de Andrade, nem Diogo Bernardes, nem o cantor da Castro o alentavam nas horas de descoroçoamento, apontando-lhe a immortalidade no fim. Os thuribulos, que ardiam diante das mediocridades, não tinham uma baga de incenso para se queimar ante o genio!

Nenhuma flor em seu longo caminho; nenhum portuguez a seu lado, nenhum!

Mas comtudo não estava só; uma figura majestosa, envolta nos resplendores da immortalidade, surgia da campa para velar as noites com elle, com elle meditava na gruta

¹ FERREIRA, Ecloga 5.^a, veja-se Virgilio, Ecloga 5.^a

² Idem, Ecloga 3.^a, veja-se Virgilio, Ecloga 3.^a, v. 80.

³ Idem, Ecloga 2.^a, veja-se Virgilio, Ecloga 5.^a, v. 24.

de Macáu, com elle compunha e revia os Lusíadas.

Era Virgilio.

Este apropriara-se, sem perguntar de quem eram, de quantas côres e tintas havia encontrado, e combinara-as com o pincel do seu genio reduzindo-as á unidade. D'ahi os seus quadros.

Ao Virgilio portuguez aconselhou o mesmo systema o Virgilio de Roma; e foi este que lhe cedeu, como amigo a outro amigo, uma parte de suas riquezas.

O brado, que, para ser ouvido, fez cahir as espadas das mãos dos bellicosos romanos, repete-o Camões da amurada das náos alluidas pelas bombardas e pelouros; ordena ás ondas do mar que o levem de praia em praia, e que rodeiem o ninho seu paterno, erguendo-o bem alto:

Arma, virumque cano.

As armas, e os barões assignalados.

E o principal entre os barões, que celebra o poeta soldado, é como o varão de Virgilio: *multum ille et terris jactatus et alto*. O termo da epopéa é igual em ambos os poemas:

Lavinia venit litora,

Passaram ainda alem da Taprobana;

e é ainda a formosa deusa de Gnido, que protegia os troianos, quem pelos portuguezes intercede ante Jupiter, e para mais o mover

O rosto banha em lagrimas ardentes.

Depois d'estes pontos de contacto na traça do edificio, vêm as similhanças de columnas a columnas, de capiteis a capiteis, de florões a florões.

Notaremos algumas.

Quem não sabe que na caçoila de poeticos aromas, collocada defronte de D. Sebastião, muitos ardem congeneres aos que Virgilio queimara em honra de Cesar? No meio da ruina de Troia vêde Cassanda arrastada do templo de Minerva:

Ecce trahebatur passis Priameia virgo
Crinibus a templo Cassandra adytisque Minervae,
Ad coelum tendens ardentia lumina frustra,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.

Substitui Troia por Coimbra, o templo de Minerva pelo sacélllo de amor e de felicidade domestica, que beija o Mondego, e ponde os olhos na Castro:

Para o céu crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos.

Têm diferentes feições; serão negras as

tranças d'aquella, louras as d'esta, pretos os olhos d'uma, azues os da outra, mas têm os mesmos costumes, foram do mesmo modo educadas, pertencem á mesma familia.

Escutae os preludios d'uma batalha no Lacio, observae os primeiros movimentos das hostes:

Pastorale canit signum.

Audiit et Triviae longe lacus, audiit amnis

Sulfurea Nar albus aqua, fontesque Velini;

Et trepidae matres pressere ad pectora natos.

Transportae-vos a Aljubarrota:

Deu signal a trombeta castelhana

Horrendo, fero, ingente e temeroso;

.....

E as mãis, que o som terrivel escutaram,

Aos peitos os filhinhos apertaram.

Esta bella flor de poesia, que Camões teria descoberto, se não houvesse existido Virgilio, a mais dois poetas portuguezes serviu de matiz e de coroa para seus ramilhetes mimosos. São elles Gabriel Pereira de Castro e Fr. José de Sancta Rita Durão.

Tem aquelle na Ulyssæa:

E as mãis, onde os gemidos penetraram,

Ao peito os tenros filhos apertaram.

E este no Caramuru:

As armas! grita, ás armas! E o echo horrendo,

Retumbando nas arvores sombrias,

Fez que as mãis, escutando os murmurinhos,

Apertassem no peito os seus filhinhos.

Mas não prolonguemos a analyse, e induzamos, que é tempo, o que d'ella se deve induzir a respeito de Virgilio.

Ha rios, que, não longe da origem, se escondem e occultam debaixo dos areaes e dos montes, e vão rebentar noutra ponto afastado.

Foi como elles o genio de Virgilio.

Escondeu-se sob a corrupção de Roma, que se esboroava, occultou-se debaixo das trevas da idade-media, e veio fecundar os genios portuguezes numa epocha de triumphos e glorias.

J. FREDERICO LARANJO.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Ha ainda hoje um prejuizo não pouco vulgar contra os exercicios gymnasticos, e que é necessario combater e destruir, para que a educação do corpo possa auxiliar a educação da intelligencia, e para que esta, conservada e desenvolvida tambem indirectamente por aquella, possa aspirar á sua maxima perfeição.

Quando o melhor estado do homem consistia na robustez, e a maior virtude no valor, a gymnastica era a deusa das forças, a quem se sacrificava e prestava homenagem. Depois,

a intelligencia, fazendo impressão sobre a mesma intelligencia maravilhada, ganhou preponderancia sobre o primeiro estado, e lançou pouco e pouco no esquecimento estas primitivas ideas, dedicadas ao desenvolvimento do corpo.

O homem, porem, que caminha sempre procurando evitar cada vez mais erros e prejuizos e aproximar-se da verdade, reclama hoje os exercicios do corpo para o complemento de sua força, como tinha reclamado para o desenvolvimento de sua intelligencia a instrução, que abraçou, mas pela qual esqueceu aquelles.

É que a instrução e a gymnastica devem ser inseparaveis, como o são no homem a natureza physica e a natureza moral.

P. R.

JORGE DE MONTE MÓR E OS ROMANCES PASTORIS

(Ticknor—History of spanish litt. t. III, c. 33)

II

Não sabemos quando nasceu Jorge de Monte-mór; provavelmente foi antes de 1520. Na sua mocidade foi soldado; mas depois, como fosse muito habil na arte de musica, empregou-se na capella ambulante do principe de Hespanha, depois Philippe II, e gozou assim da opportunidade de visitar paizes estrangeiros, especialmente a Italia e Flandres¹. Mas o seu espirito era pouco cultivado pelo estudo. Não soube a lingua latina, que até os mais humildes talentos litterarios estavam costumados a estudar no seculo em que elle viveu;

¹ Os dados que se possuem para a biographia de Jorge de Monte-mór são muito escassos, e em geral as suas biographias, ainda que concordando nos pontos principaes, contradizem-se. Barbosa (Bibliotheca Lusitana, t. II, pag. 809 e seg.) pretende que o auctor da «Diana» tivera a occupação de musico antes de ser soldado, e que exercera aquella occupação, não em a capella ambulante do principe Philippe, senão na capella real de Castella. Nicolau Antonio (Bibliotheca Hispanica Nova t. I, p. 539) dá fundamento ás palavras de Ticknor neste ultimo ponto. A viagem do filho e herdeiro de Carlos V terminou em 1555, em que o imperador, para nelle abdicar, o mandou vir de Londres, onde então estava e d'onde partiu a 8 de outubro. V. Luiz Cabrera — Philippe II rei de Espanha» 1619, p. 31. Na «Biographie Universelle», publicada por Michaud (t. 29, pp. 490, 491), se diz que Jorge nascera d'uma familia obscura, e adoptara o nome da terra natal quando assentou praça; que quando voltou á Hespanha achou casada a sua amante, e que a rainha de Portugal (D. Catharina, mulher de D. João III, e depois regente do reino) o chamara então á sua côrte, onde o fixara, dando-lhe um emprego honroso. O nome do auctor da «Diana» não se acha todavia entre os dos empregados da casa da rainha, dados por Antonio Caetano de Sousa (Hist. genealogica da casa real, t. III, p. 530 e seg.), nem tal asserção, ao que nos parece, tem fundamento. Vid. algumas particularidades a respeito de Jorge no «Anno Historico» t. I, pp. 258 e 259. (Nota do traduct.).

de modo que o seu bom exito é devido sómente ao seu genio e ás instigações da paixão, que deu colorido á sua vida. Deixou provavelmente a Hespanha por desgano de amor; e, provavelmente tambem, morreu num duello em Turim em 1561. Mas nada mais sabemos d'elle com sufficiente certeza².

A «Diana Enamorada», a principal de suas obras, foi impressa pela primeira vez em Valença em 1542³. É escripta em bom castelhano, como a sua poesia, que foi publicada separadamente, ainda que, como aquella, com alguma mistura da sua lingua materna⁴; e contem, como elle nos diz, narrações de aventuras que realmente succederam⁵. Sabemos tambem que sob o nome de Sereno é elle o seu proprio heroe; e Lope de Vega⁶ accrescenta que Diana, a heroína, era uma dama de Valença de D. João, villa das proximida-

² BARBOSA, loc. cit. e o Prologo á «Diana» de Perez, ed. 1614, p. 362. Barbosa dá o dia 26 de fevereiro de 1561 como o da morte de Jorge. (Nota do traduct.).

³ Nunca vi citada edição alguma da «Diana» anterior á de Madrid, 1545; mas possuo uma em 4.º, 112 folhas, bem impressa em Valença, em 1542, sem nome de impressor. A «Diana» foi tão popular, que, pelo menos, deseseis edições do original appareceram no espaço de dezoito annos; seis traducções francezas, segundo Gordon de Perce (Bib. de l'Usage des Romans, Paris, 1734, t. II, pp. 23, 24); duas allemães, segundo Ebert; e uma ingleza. A ultima por Bartholomeu Yong (Londres, 1528, folio) é excellente, e algumas de suas felizes versões da poesia de Jorge se acham no «England's Helicon», 1600 e 1614, reimpressas no terceiro volume do «British Bibliographer» Londres, 1810, 8.º Suppozeram Lenox e o dr. Farnier que a historia de Proteu e Julia em «The two Gentlemen of Verona» de Shakspeare fora tirada da de Felismena, no segundo livro da «Diana» de Monte-mór, e em consequencia d'isso reimprimiu Collier a traducção de Yong no segundo volume da sua «Shakspeare's Library», (Londres, pequeno 8.º antigo), ainda que duvida de ter Shakspeare feito tal imitação. Pobres resumos da «Diana» de Monte-mór e da continuação de Polo foram publicados em Londres, 1738, 12.º Sir Philippe Sidney traduziu dois ou tres dos curtos poemas da «Diana» de Monte-mór; — um do livro 1.º que começa: «Cabellos quanta mudanza,» com muita felicidade. Era natural que o auctor de «The Countess of Pembrokes's Arcadia» estivesse familiarisado com Jorge de Monte-mór, especialmente por ter sido educado numa epocha em que havia na Inglaterra grande interesse pela litteratura hespanhola.

⁴ É singular que o sr. Innocencio Francisco da Silva tenha ignorado esta particularidade quando escreveu o artigo acerca de Jorge no Dicc. bibliographico; ignorancia que lhe fez commetter uma injustiça. O padre Antonio Pereira de Figueiredo poz o nome de Jorge de Monte-mór entre os dos principaes classicos portuguezes (Mem. de Litt. portugueza, t. IV, p. 251, honra que a pureza de linguagem dos poucos versos que o escriptor quincentista nos deixou tornam justa, ainda que alguns, attendendo ao seu pequeno numero, a achem exaggerada. Fundando-se na conjectura de que Jorge de Monte-mór «nunca compoz e menos imprimiu, que se saiba, composição alguma» na sua lingua materna, de que «tudo o que d'elle se conhece é escripto em castelhano» tracta o sr. Innocencio com amarga injustiça aquelle abalisado academico. (Nota do traduct.).

⁵ No seu *Argumento* a todo o romance.

⁶ Dorotea, Act. II, Sc. 2. Obras Seltas, t. VII, p. 84.

des da cidade de Leão⁷. O proposito de Monte-mór, semelhante ao de Sannazaro, é dar em forma de romance pastoril a narração de alguns factos da sua propria vida e da de alguns de seus amigos. Para esse effeito leva ás margens do Ezla, ao sopé das montanhas de Leão, alguns pastores e pastoras, que contam suas respectivas historias no espaço de sete livros de prosa misturada com verso. Mas os dois personagens principaes, Sereno e Diana, que no começo se apresentam como amantes, são separados por magia; e o romance chega a uma conclusão abrupta, pouco conforme ao que se poderia esperar, pelo casamento de Diana com Delio, o rival indigno de Sereno.

Não é facil entender a «Diana» numa primeira leitura. As narrações distinctas de que ella se compõe estão por tal modo envolvidas umas com outras, e unidas com tão pouco artificio, que continuamente lhes perdemos o fio; difficuldade que é augmentada pela mistura de geographia real e imaginaria, paganismo, magia, christianismo, e todas as varias impossibilidades contradictorias, que resultam naturalmente da tentativa de collocar no coração da Hespanha, e perto das mais bem conhecidas cidades, uma poetica Arcadia, que nunca existiu em parte alguma. A «Diana», todavia, merece melhor o nome de romance que a «Arcadia», que lhe serviu de modelo. A sua ficção principal é mais larga e mais ingenhosamente construida. Os seus episodios são mais interessantes. Grande parte d'ella está animada com a ternura d'uma affeição enganada, que sem duvida foi a causa de ser escripto o todo. Parte dos versos são bellos, especialmente os lyricos; e, se o seu estylo em prosa não é tão puro como o de Sannazaro, deve ser, apezar d'isso, estimado pela sua graça e abundancia. Ainda que com muitos defeitos, portanto, não deixa a «Diana» de ter interesse para nós até neste avançado periodo, quando a classe inteira de ficções a que pertence é desprezada e quasi esquecida; e reconhecemos que se lhe fez justiça poetica, quando foi salva pelo bom gosto do cura da destruição da bibliotheca de D. Quixote.

A «Diana», como já indicámos, foi deixada por acabar pelo seu auctor; mas em 1564, tres annos depois da sua morte, Alvaro Perez, medico de Salamanca, a quem Monte-mór, antes de deixar finalmente a Hespanha, tinha communicado o seu plano para a completar, publicou uma segunda parte, que abre no encantado jardim de Felicia, onde a primeira

⁷ D. Antonio Gil de Zarate (Manual de litt. p. 641, Paris, 1865) refere que esta dama vivia ainda no tempo de Filippe III e Margarida, e que, passando estes por Valença de D. João, desejaram vê-la; e, que apezar de velha, lhe descobriram no rosto restos da belleza juvenil. A mesma aneddotista é contada no «Anno Historico» (loc. cit.), mas indicando outro lugar, e dando ao caso a data de 1603. (Nota do traduct.)

acaba, e nos offerece as vidas e aventuras de varios pastores e pastoras, que não tinham apparecido na primeira parte, assim como a continuação da ficção primitiva. Mas esta segunda parte, do mesmo modo que a primeira, deixa o romance incompleto. Não vai mais longe que á morte de Delio, o esposo de Diana, que, conforme ao proposito de Jorge de Monte-mór, devia ser seguida pelo casamento d'aquella com Sereno, o seu primeiro e verdadeiro amante, — e então pára abruptamente com a promessa de mais uma terceira parte, que nunca appareceu. Nem ella foi provavelmente desejada com interesse, porque a segunda, alargando-se em oito livros, e consideravelmente mais vasta que a sua predecessora, é-lhe muito inferior em merito. Carece em todas as suas numerosas narrações da ternura que o desengano de Monte-mór tinha dado á primeira parte da obra; e, o que não é talvez de menor importancia nesta especie de composição, a prosa é pedada e monotona, e o verso peor.

F. A. COELHO.

PRESENTIMENTO

Morrer! Vou pois morrer, quando a ventura
Talvez meus dias me dourasse ainda!
Quando, exausto meu calix de amargura,
Talvez que a vida me sorrisse linda!

Agora, quando a flor da mocidade
Me perfuma de aromas a existencia;
Quando tudo a viver me persuade,
Quando o porvir tem magica apparencia;

Quando em éstos de fervida poesia
Me escalda o seio o fogo dos amores,
Irei dormir na campa nua e fria,
Na escura campa, envolta de terrores!

Eu, eu, que sinto o pensamento, a idea,
A ferver-me na mente escandecida;
Que sinto palpitar em cada veia
O sangue, ardente do calor da vida;

Hei de jazer inerte, immovel, mudo,
Sob uma lousa solitaria e triste;
E dizer um adeos ao mundo e a tudo
Quanto de bello sobre a terra existe!

Morrer tão moço! A luz da minha aurora
Mal desponta, Senhor, mal brilha apenas;
Mas eu vejo que o brilho já descora,
Mas eu sinto que á morte me condemnas!

Do meu tremendo sacrificio em paga
Virá ella cerrar-me os olhos baços;
De mim em torno como um 'spectro vaga,
E já me segue lentamente os passos!

Funchal — Janeiro de 1867.

LUIZ CARLOS.

APONTAMENTOS D'UMA VIAGEM A CINTRA

16, 17 E 18 DE AGOSTO DE 1837

(Escripto posthumo)

II

Um dos mais lindos e amenos passeios em Cintra é o chamado dos Castanhaes, principalmente de manhã cedo, porque fica um monte elevado da parte do nascente, que o conserva em sombra, e do outro lado ha por uma grande extensão um bosque de castanheiros e outras arvores, que com a vista dos regatos e aguas, que por todo este sitio abundam, aformoseam este delicioso passeio.

Andava-se então construindo em Cintra um jardim do marquez de Saldanha, onde elle havia já gastado immenso dinheiro em obras porem mal dirigidas, fazendo e desfazendo sem grande gosto, nem solidez, nem elegancia. No alto do jardim ha uma fonte com esta legenda:

Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

Aos lados: = Marquez de Saldanha = Anno de 1835.

Tem uma casa á italiana, já acabada; outra á chineza, já em meio e com duas salas promptas; outra á grega, apenas principiada.

É mui linda a digressão de Cintra a Collares, que é amenissimo sitio, e pode chamar-se um vergel continuado. Alli é digna de ver-se a quinta chamada da Varzea, onde ha uma especie de lago, rodeado de arvores, com um grande largo ao pé, tambem assombrado de arvores, com mezas e assentos de pedra, sitio encantador; e a quinta de Sebastião Dias (irmão de D. Joaquim Dias, cruzio), na qual se admira a regularidade e grandioso das ruas, magnifico jardim, cascatas, etc.

No alto da serra para este lado se acha o convento dos capuchos, fundação de D. João de Castro, que o dotou com 200\$000 réis, que seus successores estão obrigados a dar aos frades. É logar do mais severo aspecto e asperidade penitencia, e o mais pobre, o mais pequeno, o mais rigoroso de todos quantos se conhecem neste genero. Quando foram extintas as ordens regulares em 1834, já alli não viviam frades, e apenas havia um, encarregado da guarda do convento, e esse mesmo no inverno não dormia lá. Quasi todo o convento é feito entre rochedos, e algumas casas são até mesmo abertas dentro de penedos, como a igreja, que é uma excavação em uma lapa, sendo a mesma lapa o pavimento e o tecto. É digno porem de notar-se o frontal do altar,

que é de valor, e o sacrario, que é formado d'uma só pedra.

Na mesma lapa por um lado é aberto o choro, que serve tambem de sacristia, tudo pequenissimo.

Do mesmo gosto é o refeitório, que tem como meza uma pedra comprida e baixa, com pedra tambem tosca em roda para assentos.

As portas das cellas têm 5 e meio palmos de altura e 2 de largura, as janellas 1 e meio de altura e 1 de largura; e em cada uma mal pode caber um homem deitado ao comprido, e só fica de largura outra tanta, quanta a d'um homem. Alli se vê a chamada gruta de fr. Honorio, onde este penitente eremita esteve, segundo se diz, dezeseis annos. Desce-se a ella por degraus abertos na rocha, dentro da qual se acha esta pequena caverna, onde eu desci: no fundo não pode caber um homem deitado ao comprido, e a altura será de 5 ou 6 palmos. Lê-se alli esta inscripção:

«Honorius hic vitam finivit, et ideo
cum Deo vitam revivit. Anno 1596.»

Notam-se neste sitio duas singularidades da natureza: 1.^a que em parte alguma se acham tão altas, tão lindas, e tão bem criadas hydrangias (ou hortensias, como alli lhe chamam), apezar de crescerem alli estas flores sem cultura, nem rega, nem cuidado algum; 2.^a que ha alli um pinheiro com duas raizes, porque, fazendo o tronco um cotovelo, que se enterrou pela terra, arraigou alli, cresceu, e o pinheiro tem duas raizes, por onde se sustenta.

Mais digno de ser visitado por suas notabilidades e obras admiraveis é o convento chamado da Pena, de monges de S. Jeronymo, edificado no mais alto da serra, do lado de Cintra, por el-rei D. Manuel, em cumprimento d'um voto, que fez quando partiu a expedição para a descoberta da India.

Quando se vê de baixo este convento, parece incrivel como alli podesse edificar-se; mas, subindo ao alto da serra, acha-se uma esplanada não pequena.

Nada ha comparavel á vista que se descobre do alto da torre. Que soberbo quadro! A volta do Tejo até metter-se no mar, formando uma extensa península; o mar do outro lado; os dois cabos de Espichel e da Roca; a vista para a parte de Lisboa, estrada de Queluz para Belem, palacios do Ramalhão e Queluz, quintas, aldeias, campinas, bosques, e a extensissima planicie da parte de Mafra, onde se vê ao longe levantar-se essa massa colossal. Tudo, para qualquer parte que se voltam os olhos, é grande, majestoso, e fecundo em impressões fortes. A igreja do convento é grande, rica de bellos marmores, e sobre tudo pelo retabulo da capella-mór, que é obra de pasmosa fabrica e de incalculavel valor.

É todo de alabastro, de que são feitos em bella escultura os Passos da vida de Jesus Christo. O sacrario tambem é de alabastro, cuja transparencia se conhece, e faz admiravel vista, mettendo-se-lhe dentro uma luz. Eu visitei este monumento muito á pressa; ficaram-me por observar muitas cousas dignas de o ser.

Uma d'ellas foi uma inscripção em gothico, que se acha em uma lapida no claustro, em um angulo defronte d'uma capella, da qual inscripção querem alguns concluir que, quando ella se escreveu, se esperava ainda o apparecimento de el-rei D. Sebastião. Ao lê-la pareceu-me que tal se não podia concluir de suas palavras, e que nem aqui encontram apoio os miseros sebastianistas em suas maniacas opiniões. Não tive porem tempo para transcrevel-a.

Da estrada de Cintra para Collares se vêem as ruinas d'um palacio, que um inglez alli edificou em uma quinta, cujo nome me esqueceu. Foi edificado com a maior sumptuosidade e magnificencia este vasto edificio, com apparatuso frontespicio, e respirando a maior grandeza; e com o mesmo esmero foi arranjada a quinta. Porem o inglez só queria que o palacio lhe durasse para a sua vida, e não olhou á duração e solidez: fez quasi toda a casa de madeira, e tudo só para vista. Por isso dentro em pouco mais de vinte annos a casa se desmantelou, e hoje se acha em ruinas.

Juncto a Collares, e da praia das Maçãs, ha uma grande penedia, a que chamam a *Pedra de Alvidrar*, a qual d'uma grandissima elevação vai descendo em rampa até tocar no mar. Ha immensos rapazes d'estes sitios, que por uma tenuissima gratificação descem e sobem esta penedia, com risco imminente de escorregarem e se precipitarem no mar, porque a inclinação é muito forte. Eu não vi; mas dizem-me que se não pode ver esta ousada temeridade sem estremecer de susto.

O clima em Cintra, como todos sabem, é amenissimo no verão. Por maior e mais ardente que seja o calor, sempre alli o ar é fresco, fino, agradável; e com os arvoredos, aguas em abundancia, nevoas, e viração constante da serra ou do mar, parece que se está alli em outro clima. Por isso nos mezes de verão todas as pessoas de meios fogem do clima ardente de Lisboa, e vão alli gozar a fresca e amenidade d'aquelles sitios. No inverno porem é insupportavel aquelle sitio pelas continuas nevoas, chuvas e frio, que alli ha por mezes; o que fez dizer — Cintra de verão é inverno, e de inverno inferno.

A carne de rezes, que alli pastam, é saborosa; o leite deliciosissimo, e de um gosto particular, como em parte alguma o tenho achado; o pão excellento, assim como a manteiga, que alli se faz diariamente, e se come por isso

fresquissima; boa hortaliça; porem as fructas não são muito saborosas.

A melhor hospedaria é a chamada do Victor, que é um italiano; e não só é a melhor d'alli, mas nem em Lisboa ha hospedaria alguma tão bem servida. Alli têm estado immensas pessoas de mui differentes nações e categorias.

É digno de ver-se um livro de *Actas das Patentes*, que alli se têm pago, as quaes consistem em pagar vinho de champagne aos hospedes, que se acham: tem termos curiosos, já em abono dos que satisfizeram as patentes, já em desabono dos que se recusaram. Ha nas salas d'ella immensas inscripções, letreiros, memorias, e versos das pessoas, que alli têm estado, de que apontei alguns.

E no alizar da janella, juncto á cama em que dormi, deixei escriptos os versos seguintes:

Os teus encantos,
Ó Cintra amena,
Ai! não dissipam
A minha pena.

Da cara esposa
Eu vivo ausente;
Dura saudade
Meu peito sente.

Prazer completo
Procura em vão
Quem traz ferido
Seu coração.

Muitas outras cousas dignas de ver-se ha em Cintra — quintas, jardins, passeios, palacios, fontes, etc., que pela estreiteza do tempo não pude visitar nesta minha primeira viagem por aquelles sitios, apenas sufficiente para formar uma idea da physionomia do paiz, e adquirir noticia do que em occasião mais oportuna e com o espaço necessario deve ser observado.

12 de outubro de 1838.

J. U. DE S.

ESTANCIAS

Dizes bem — é um tormento
Cavar nas ruinas d'outr'ora;
Para o amor que se chora
Não se encontra esquecimento.

Tu és a mesma, bem vejo,
O mesmo tambem eu sou;
Se alguma cousa mudou,
Não foi, não, o meu desejo.

Não foi a luz dos teus olhos,
Nem da minha alma o fervor;
Foi o tempo... murcha a flor,
E em pé consente os abrolhos!

Não é pois um vão tormento
D'esse passado a lembrança;
Do perdão se resta a esperança,
Pra que dar no desalento?

Março de 1867.

BIBLIOGRAPHIA

O MUNDO INTERIOR

POR

J. Simões Dias

É tarefa espinhosa aventurar juízo sobre o merecimento d'um livro. A opinião, qualquer que seja, torna-se por ventura suspeita. Elogio ou censura, pode attribuir-se aquelle ao affecto ou esta ao despeito, e sempre a uma parcialidade manifesta.

Mas escrever hoje d'um livro publicado em Coimbra ainda é peor, porque se torna inutilidade ou arrojo. Inutilidade, se passa desaperecebido; arrojo, se provoca as iras dos seus adversarios, porque o silencio ou o ridiculo pretendem que seja a sorte inevitavel das obras e das criticas conimbricenses.

Foi competentemente declarado sujo de peste este porto de litteratura, e estabelecido rigoroso cordão sanitario. São apertados os lazaretos, impertinentes as alfandegas; e por isso de maravilha acontece arribar na inelyta Ulyssea qualquer d'estes pobres chavecos que velejam nas aguas do Mondego.

A Coimbra d'aquelles tarelos do Camões e Ferreira, do Garrett e Castilho, do João de Lemos e João de Deos, a cidade que é berço eterno da poesia, joven que nunca envelhece, deixou murchar as flores da sua grinalda. As nymphas do seu rio cederam o passo ás tagides do terreiro do Paço cantadas pelos janotas do Penim e do Martinho. Todos, por exemplo, conhecem a *Paqueta* de Bulhão Pato, mas ninguem a *Gemma* de Theophilo Braga.

Bons foram aquelles tempos, quando a Universidade publicava o famoso *Jornal de Coimbra*, a que Lisboa respondia arrogantemente com o *Álmocreve de Petas* ou a *Barca da Carreira dos Tolos*; quando numa se publicava a *Besta Esfolada*, e noutra a *Minerva Lusitana*. Hoje a capital honra-se com a *Grammatica-Aulete*, delicia-se com as *Noites de Lisboa*, ao passo que Coimbra se encolhe obscura com as *Cartas da Beira-mar*, com a *Ondina do Lago*, ou com o *Mundo Interior*.

É d'este ultimo que fallariamos, se não fossem as considerações que expendemos. O auctor veio errado com o seu livro, publicando-o em Coimbra. Aqui a franqueza é tudo; indicam-se as bellezas, mas apontam-se os defeitos.

Umás e outros tem a sua obra. A metrificacão é geralmente feliz, castigada e correcta, a grammatica segura; e isto são dotes muito raros nos hodiernos cultores do Parnaso. O

pensamento por vezes é frio, e algures pueril; e estes leves senões emendam-se com o estudo aturado e tenacidade constante, que o auctor sabemos que possui.

Esta opinião, alias incompetente porque somos profanos na arte, apresentamol-a desinteressadamente. E fazemol-o para accusarmos agradecidos a recepção do exemplar com que brindou esta redacção.

E permita-nos que tomemos ao acaso uma das suas poesias, a mais pequena, para que os nossos leitores avaliem por si o seu merecimento:

NUM ALBUM

Urna de corações, augusto cofre
Das melodias d'alma,
Onde juncto do myrto surge a palma
Da saudosa memoria de quem soffre,

Descerra-te a meus olhos,
Sanctuario de amizade:
E um nome de ternissima saudade
D'este jardim de abrolhos
Aceita-o, arca sancta, no teu seio,
Como harpejo subtil, que d'alma veio.

É mais um roxo lirio aqui plantado
Neste viçar de amores!...
Feliz, se, como o lugubre epitaphio,
Recordar as venturas do passado
No meio d'estas flores.

Por este pequenino trecho se vê que os versos do sr. J. Simões Dias honram o seu auctor, e escusam perfeitamente os cartazes das banalidades ou os folhetins de encomenda.

Este o nosso voto.

A. A. DA FONSECA PINTO.

MOSAICO

Pela religião se constitue a familia, pela familia se constitue a sociedade. A religião e a familia devem portanto ser consideradas como bases igualmente indispensaveis da forma social. Religião vem de *religare* — unir —. A sua origem etymologica é a sua melhor definição. A religião effectivamente une. Une o homem a Deos, e une o homem ao homem.

MENDES LEAL.

EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes)..... 240 réis
Fóra de Coimbra (por seis mezes)... 600 »

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

ENSAIOS DE CRITICA LITTERARIA

OCTAVE FEUILLET

III

Se eu seguisse a moda de encontrar symbolos em todas as figuras do romance, a preciosa symbolica, arte sibyllina e engraçada, que permite ao analysta a commodidade de aferir os typos da obra por imaginarios emblemas de antemão preparados e combinados a produzir bonito effeito em exquisitas analogias, ia por aqui abaixo desenrolar uma longa serie de aproximações esdruxulas, e estou convencido de que o leitor lhe acharia muita graça e muito merecimento.—Mas não quero; odeio o pedantismo do criterio cumasiano, onde o censor me apparece assentado na tripode, envolto em pavidas sombras, e a traçar hieroglyphicos com a varinha encantada.

A critica assim afigura-se-me coisa de bruxedo, critica de nigromancias. Tenho medo d'ella, erriçam-se-me os cabellos ao vel-a, e esconjuro-a, porque realmente enguiça-me aquillo.

Não era solemne e profundo achar na majestosa cathedral, que a pobre velha de Porhoet sonhava em suas visões delirantes, e que lhe passou como o fumo da loucura, a imagem da destruição do supremo imperio do ultramontanismo, e discretear largamente sobre as probabilidades do simile, agourando a proxima queda d'essa estatua colossal, que tem os pés de barro, e vai oscillando já com a ventania do seculo?

O leitor ficava surprehendido, e dizia provavelmente no extasis da admiração:—Bello! aqui está uma engenhosa analogia. Pode chamar-se uma prophecia philosophica.

Depois eu continuava a desentranhar symbolos com mais ou menos felicidade, e creio que dava melhor conta de mim.

Era-me facil encontrar em Laubépin, em Bévallan, Laroque, e todos os senhores ricos e capitalistas, que doiziam fidalgamente as paginas do livro, uma antithetica imagem para contrastar a rudeza, selvageria, dureza diamantina, inaccessibilidade, insensibilidade, e impiedade dos homens de ouro, prognosticando desde já a regeneração da classe, com esperança da milagrosa transformação nos dulçores compassivos do amor do proximo indigente.

A isto, naturalmente, os capitalistas rudes franziam o sobrolho, torciam o nariz, e bocejavam com ares de supina incredulidade; mas eu ganhava na symbolica, porque os pobres, que são o maior numero, applaudiam com o fervor do enthusiasmo, e iam atirando com o meu nome aos quatro ventos da futura popularidade. Rejeito o symbolismo por amor do bom senso, e peço desculpa da comesinha apreciação, que sahe de vulgarissima intelligencia.

D'entre os esboços, que não escapariam á minuciosa analyse de mais' escrupulosa e acurada investigação, mas que não me é dado esmerilhar na fugitiva descripção que faço d'esta obra prima, apezar de eu conhecer que constituem talvez a sua maxima belleza, avulta deliciosamente a sympathica figura de Margarida, soberana formosura, espirito superior, coração immaculado, e archetypo da mulher pura, que em toda a delicadeza feminil comprehende o inegoismo do verdadeiro amor, e sabe que não é o coração mercancia de que se faça almoeda vil, como timbram nesta sociedade em fazel-a os adoradores do bezerro d'ouro, que materializam os mais sanctos affectos da alma humana. Sublime creação a d'aquelle anjo! É que ninguem possui, como Octave Feuillet, o divino escopro para cinzelar a formosa estatua da mulher da legenda, que enfeitiçou os espiritos de luz, e ninguem pode como elle erguer um altar á divindade da terra, onde ella tenha a coroa de todas as virtudes. Lembram-se da Sibylla? Aquelle poema da religião do ideal, e das sanctas harmonias do coração humano, e das amargosissimas tristezas da desesperança, tem todas as suas estrophes nos cabellos d'ouro da pallida menina, que sonha, no seu berço ainda, que ha de voar ao céo, e arrancar de lá uma estrella.

A Margarida é tambem como a pedra preciosa, que se não encontra no viver e crer d'esta epocha, nos costumes d'esta sociedade, no tremedal do mundo. Concepção purissima do ideal da formosura, esmerada creação da arte, reflexo da belleza infinita, adora-se nas dulias suspiradas do culto da perfeição, e deixa na alma o vago dos sonhos do céo. Estes dois caracteres—os de Maximo e Margarida—têm no seu nome a definição clara do seu valor. Maximo é o maior coração nas aspirações do bem, Margarida a mais formosa joia da coroa de Deos.

O ultimo quadro do romance de Octave Feuillet está deliciosamente colorido. A velha torre de Elven no meio da floresta, ás horas crepusculares, cercada das ruinas do castello feudal, aquelle horisonte a escurecer-se nas sombras da tarde, a vegetação esplendida das selvas, que rodeavam a montanha solitaria, toda a paizagem nas suas cambiantes e matizes, exprimem a suave melancolia do amor, e a profunda tristeza da desesperança, que sentiam os corações de Maximo e Margarida.

Não posso esquivar-me ao desejo de copiar para aqui o de enho magistral d'aquella perspectiva, que tem na lingua do eximio traductor a formosura e a majestade admirada no original.

«Nada mais grandioso, soberbo, e sombrio, que esse vetusto castello, impassivel no centro das edades, e segregado na espessura d'aquellas selvas. As arvores têm-se erguido

em toda a sua corporeidade dos fossos profundos que o circuitam, e as grimpas roçam apenas as janellas mais baixas. Esta agigantada vegetação, na qual se perde confusamente a base do edificio, concorreu a dar-lhe uma côr de phantastico mysterio. Naquelle ermo, em meio d'aquellas florestas, na presença d'aquella massa de architectura caprichosa, que surge de sobresalto, — impossivel é não pensar nas torres encantadas, onde formosas princezas dormem somnos seculares.»

Foi alli que Margarida conheceu a pureza do amor do coração de Maximo. A scena, em que elle se atira da torre acima do arvoredado, que apenas cobria o fosso profundo, para salvar a sua honra e a reputação da mulher adorada, tem seus visos de ultra-romanticismo, sem deixar de parecer sublime.

O desenlace do romance é solemne e dramatico. Não deixa ao espirito as vagas apprehensões da incerteza sobre a solução do problema de philosophia moral, que vem conscienciosamente resolvido; harmonisa-se perfeitamente com a idea que illuminou o espirito do auctor: — a felicidade para a virtude — Sursum corda.

F. GUIMARÃES FONSECA.

INSTRUÇÃO POPULAR

I

Ha entre as questões sociaes, que ha muito se ventilam calorosamente, e se agitam com porfiada tenacidade neste campo fecundo da imprensa, uma especialissima, a qual, sendo das menos complicadas, é porventura a que excede todas as outras em utilidades incontrouversas, porque é a base mais firme e o principio mais seguro de todo o engrandecimento social. Fallamos da instrução publica.

Diremos tambem duas palavras sobre este assumpto, alimentando assim a discussão da these mais utilitaria, e em cuja realisação se acham empenhados todos os *amigos do estudo* e do trabalho, que tanto indica o distico da bandeira, que desfraldaram aos ventos da publicidade.

Fallaremos hoje da instrução popular, porque é ella indubitavelmente o apoio principal de todo o progresso, o alicerce do magestoso e venerando templo da civilisação.

A palavra *civilisação*, hoje tão geralmente conhecida e a cada passo citada, mas não sabemos se bem comprehendida, quer dizer no seu sentido ideologico regeneração social. E esta é o cumprimento de todas as condições tendentes ao bem do homem e da sociedade.

Nella se comprehendem acções materiaes e immateriaes; e, pela justa preponderancia que o espirito sempre teve sobre a materia, são facéis de reconhecer os motivos da prioridade das segundas sobre as primeiras.

Do que claramente se infere que a regeneração da sociedade, para ser solida e perfeita, deve assentar sobre o desenvolvimento intellectual do povo; e sem este, a que devemos chamar progresso moral, difficilmente se poderá conseguir d'um modo estavel o material.

Ora modernamente é só a este ultimo que entre nós parece ter-se reduzido quasi exclusivamente a idea significada pelo vocabulo civilisação. E, porque o desenvolvimento intellectual é o germen da fructifera e copada arvore da civilisação, deve elle merecer sempre cuidados especiaes aos homens, que se dedicam sinceramente ao bem-estar da humanidade, visto que da educação do espirito, quando completa, vem como consequencia natural o aperfeiçoamento das artes, e de tudo quanto presta commodidades ao homem, em todos os seus variadissimos gozos e necessidades.

É por isso que nós, sinceros apologistas do progresso, desejamos sempre, e muito, que vinguem os reiterados esforços de todos os bons cidadãos nesta justa causa da educação intellectual do povo. Assim serão proficuos os seus resultados e satisfeita esta urgente necessidade social. Assim attingiria um gráu superior de aperfeiçoamento, e aperfeiçoamento seguro, porque derivava de principios, cuja demonstração é clara e racional.

A intelligencia cultivada pelo estudo fornece meios ao homem, pelos quaes elle se abalança ás maiores empresas e arrojados accommettimentos, que tendem á sua maxima felicidade. É este um facto, que por incontestavel pode passar como axioma.

A intelligencia, fasciculo da luz divina, é a prima qualidade da natureza humana; por ella é que o homem se distingue e sobresahe entre todos os entes, mantendo o sceptro monarchico do universo.

Pela sua propria dignidade, e pelos seus direitos absolutos, filhos da sua natureza, deve o homem cultivar o espirito. Porque, um dia, na lida afanosa que o espera, cooperará poderosamente com os seus dotes intellectuaes para a perfeição da sociedade, que o recebeu no seu seio e o educou convenientemente. Corre-lhe por isso rigoroso o dever do trabalho, porque inutil nada existe, e muito menos o homem. A sociedade exige-lhe serviços, que o homem só pode prestar-lhe, se tiver recebido uma educação previa, conducente com este empenho.

A intelligencia do homem vale muito por si; vale muito mais desenvolvida pelo estudo. Semelha-se aos terrenos fertes, que, se espontaneos produzem, só arroteados aproveitam.

Os serviços, mais proveitosos á sociedade, são prestados pela sciencia, para cujo engrandecimento devem todos offerecer os productos

das suas faculdades, que, todos reunidos, se resolverão em uberantes riquezas de proveito universal.

Queremos dizer que a instrução popular, preparando a intelligencia do homem, fal-o entrar no cofre da sociedade com o obolo do seu entendimento, uma vez que o exercite, dirigindo-o racionalmente. Valiosas são estas parcelas individuaes, que, reduzidas a uma somma importantissima de trabalho, fazem com que o homem mude a face do globo, zombe das distancias, subjogue os elementos convertendo-os em sua utilidade; e d'esta maneira, tractando de surprehender a propria natureza, vence-a pela sua intelligencia, verificando a superioridade d'esta sobre o universo inteiro.

ANTHERO A. D'ALMEIDA.

ONOFRE

CANTO PRIMEIRO

I

Deitado sob um platano frondoso,
D'Arcadia num reconcavo ignorado,
Todo coberto d'um tapiz relvoso,
E de múrmuras copas ensombrado;
Eu vou cantar d'um vate portentoso
A vida infesta, o memoravel fado,
Contando nesta minha erguida empresa
Que o estro suppra a natural rudeza.

II

E tu, a mais formosa das Camenas,
Thalia, oh casta musa hoje esquecida,
Que o vôo ergueste ás regiões serenas,
E que lá te demoras foragida!
Desce e inspira estas minhas cantilenas,
Pois a adorar-te vou passando a vida:
Não te esquives ao teu enamorado,
Dá-lhe um riso do labio nacarado.

III

Que sempre foste pura corre a fama,
E por ella eu quebrara vinte lanças;
Mas não perde a pureza, creio, a dama,
Que deixa ver o pé nas leves danças;
Que feche o cortinado á fôfa cama,
Mas não cubra na touca as louras tranças.
Eu julgo até que pouco soffre o pejo,
Se os labios não furtar a um casto beijo.

IV

Portanto não me negues o sorriso,
Que ha pouco te pedi, musa divina;
Vê como corre múrmuro o Pamyso
Por entre as verdes junças da campina;
Zune a abelha nas folhas do cytiso,

Exhala aromas a vernal bonina;
Tudo convida a cantos graciosos
Nos páramos aónios deleitosos.

V

Mas vou por estes sitios transviado,
Perdi-me numa senda verdejante;
Não é por ti, oh virgem, que inspirado
Deve ser o meu canto estrepitante;
É d'essa, tua irmã, que no tablado
Põe a tragica scena horripilante,
Que eu hoje peço a inspiração ardente,
Que ao pranto mova a illacrymavel gente.

VI

Onofre, o meu heroe, viera ao mundo
Marcado para insolitos destinos;
No amago do cerebro profundo
Ferviam-lhe estros d'Amphiões, de Linos.
Os que o viam passar meditabundo,
Fitos no vago os olhos sybillinos,
Estacavam no gesto de quem pasma,
Julgando ver fatidico phantasma.

VII

Ás horas em que o mocho esvoaça em torno
De velhos torreões e cemiterios,
Se o relampago, ao sopro do bochorno,
Illuminava os concavos aereos,
Envolto num lençol, funereo adorno,
E caminhando a passo de mysterios,
Eil-o surdia, a furto, d'uma esquina,
E lá se ia nas trevas da neblina.

VIII

Outras vezes, na tasca, vinolento,
Os versos que fizera recitava,
Ficando desde logo somnolento
Aquelle que a escutal-os se arriscava.
Nelles erguia o suicidio lento
A que o genio, bebendo, se entregava,
E, citando Espronceda com Musset,
Longas taças bebia d'agua-pé.

IX

Onofre, como tantos, era filho
Do cantor do Corsario e de Manfredo,
E, querendo-o seguir no mesmo trilho,
Poemas dava á luz de triste enredo,
Em que fazia ouvir como estribillo
Os choros pavorosos do bruxedo;
Arripios causando e susto ás gentes,
Que os escutavam a ranger os dentes.

X

«A lua, diz um sabio meu vizinho,
«Traz influxos á terra nimio infestos;

«Faz correr na planície o torvelinho;
«Arroja o mar á praia, acceso em éstos.
«Nas polpas cerebraes, bem como o vinho,
«Desarranjos produz e tão molestos,
«Que a subsistencia dos modernos vates
«Não maravilha mais que a dos orates.»

XI

Não metto á discussão tão largo thema,
Que o meu sabio é sagaz na dialectica.
Alem d'isso, no entrecho d'um poema,
Que tem por fim a commoção pathetica,
Quem não seguir o classico systema,
Fincando-se nas regras d'uma esthetica,
Um trabalho produz na essencia lerdo,
E a fama alcança de versista esquerdo.

XII

E é tão certo, que a musa auri-comada,
Que descera a inspirar-me estes cantares,
Vendo o rumo que levo, eil-a amuada
Que parte, e que se esvae no azul dos ares!
Deixando-me na róta começada,
Entre recifes de ignorados mares,
Aqui o ferro lanço, mal seguro,
Que é facil naufragar sem Palinuro.

JOÃO PENHA.

GIL INFANTE

CAPITULO II

Onde se prova que o heroe d'este romance
ou é tolo ou o parece.

Eu pensava em Gil Infante, nesta sua vida
d'elle tão ingloria e tão dissipada, nesta in-
telligencia, que podia ser a primeira nas lutas
fecundissimas do estudo, e que elle desbaratava
em excessos de todo o genero; sem ambições de
futuro, esta eterna inspiração das almas novas,
sem proveito de ninguem e principalmente seu.
Pensava ainda neste grande coração de poeta,
porque Gil Infante era um poeta na mais extensa
acceção da palavra, posto que nunca tivesse
feito um verso; e contristava-me ver este homem,
tão maravilhosa-mente dotado pela natureza de
todas as elevadas qualidades que fazem os
grandes homens, atirar assim ao lodo dos
alcouces e das orgias um espirito, que, bem
encaminhado, podia fazer-lhe erguer a frente
bem alto entre os que trabalham nesta obra
sagrada da perfectibilidade.

— Palpita-me que não adormeço esta noite,
rompeu Gil fazendo um tregeito de impaciencia;
o bebado do francez deu-me a pancada mesmo
sobre a bossa imaginativa, e em vez de m'a
adormecer, excitou-m'a. Estás tu para o
cavaco?

— Que remedio terei! . . . prometto porem
dar-te trela com uma condição.

— Venha de lá; podes abusar da tua posi-
ção de dono de casa, observou Gil.

— Não quero que me falles de bossas. . . .
embirro com as bossas.

— Tambem eu; mas isto é uma maneira
erronea de dizer a verdade.

— Permite-me declarar-te que principio
por não entender.

— Pois é claro. . . .

— Como um prego para mim.

— O que eu quiz dizer é que o systema de
Gall é uma hypothese gratuita e falsa, com
que elle tentou explicar uma verdade que
presentiu.

— Vamos á verdade, e não me falles nas
bossas.

— A verdade é que as faculdades, as pai-
xões e as tendencias de cada homem, subor-
dinadas á maior ou menor riqueza de certos
productos da economia, não residem nas bos-
sas, que é cousa que não existe, mas depen-
dem essencialmente da organização do cere-
bro.

— Isso é puro Bukner, e ha ahí fumaradas
sulphureas de atheismo e de materialismo.

— Lá vens tu com os palavrões dos beatos:
atheismo! materialismo! Que diabo de medo
vossês têm d'estas palavras!

— Olha que não são só palavras, observei
eu, são ideas, e ideas que urge combater sem
treguas, porque andam por ahí uns librecos
e uns philosophos de pé fresco a apostolizar
umas theorias tão desbragadamente suezes,
que é preciso que nós, os que ainda acre-
ditamos nestas grandes cousas de Deos e de
immortalidade, lhes façamos saber que não
estamos resolvidos a voltar aos bons tempos
da Ninon de Lencos.

— Tambem tu te deixaste seduzir pelas
theorias cançadas e rotineiras do espiritualismo.
Lastimo-te. O espiritualismo é para a phi-
losophia o que o catholicismo é para a reli-
gião natural; o maravilhoso com foros de
sciencia, o milagre com ambições de systema,
o sobrenatural, o phantastico e o antilógico a
encampar-se por intelligivel e racional. Eu,
quando penso na auctoridade despotica que o
espiritualismo exerce sobre alguns espiritos,
alias esclarecidos, da actualidade, não posso
deixar de pasmar da influencia e do poder da
rotina. Não explico a cousa de outro modo.

— Explico-a eu. O espiritualismo não é a
rotina, é a verdade, é o unico systema philo-
sophico capaz de inocular vigor e enthusiasmo
no peito, alanceado de provações, das socie-
dades modernas e de todos os tempos, porque
lhes promette as consolações do céo depois
d'estas miserias da vida, porque lhes dá alen-
tos para supportarem a adversidade, porque
lhes insufla coragem e robustez de animo para
encararem, se não serenas, ao menos com a

esperança nos olhos, este desabar incessante de crenças, de instituições, de povos, de thronos, de factos e de ideas.

— Ilusão, mentira, grandes palavras, pequenas ideas, obsecção e hypocrisia, bradou Gil, sentando-se na cama! O espiritualismo envelheceu com o christianismo. As sociedades estão inconscientemente materialistas, e ainda não morreram, como annunciavam os vossos prophetas. Pelo contrario é depois d'esta revolução moral que na terra se sente mais vida. É depois que a estrada a MacAdam substituiu a Egreja, que o caminho de ferro substituiu a cathedral, que a fabrica substituiu o convento, e que o trabalho substituiu a reza, que a sociedade cresce, progride, se moralisa, e se nobilita. E não podia deixar de ser assim. Como queres tu fazer depender a salvação do mundo d'um sonho, d'um erro, d'uma theoria indigna do nome de sciencia, e que esta, pelo menos a que se presa de tal, renega e deixa para alimento dos mysticos e dos beatos? Espiritualismo! systema de philosophia, cuja base é a crença nos espiritos! Ainda não pensaste nisto? Onde foi esta gente descobrir entidades sem partes nem organisação?!

— Queres negar-me a existencia do pensamento? . . . atalhei eu; e no entanto que côr e que forma tem o pensamento?

— Que forma tem um phenomeno? . . . que côr tem uma circumstancia?

— Pois o espirito humano é um phenomeno? . . . pois a nossa alma é uma fugitiva circumstancia? . . . clamei eu, cobrindo horrorizado a cabeça, como Cesar, para não não vêr as punhaladas com que estava assassinando o senso commum este Bruto (esteve a escapar-me a palavra com b pequeno).

— A alma humana, continuou Gil, é uma especie de symbolo, é a synthese individualizada de toda a actividade intellectual, é uma idea, uma pura abstracção.

— Horror! exclamei.

— E que outra coisa querias que fosse? Uma cousa? . . . onde estão as partes? Uma pessoa? . . . qual é o seu organismo? não me tires a questão d'estes principios elementares, porque não podes. E não me digas que a razão não é a unica fonte dos nossos conhecimentos; não me venhas argumentar com o sentimento; não me digas que a crença na immortalidade das almas, que a fé na preexistencia do individuo depois da dissolução do corpo, sendo tão antiga, é por força verdadeira. Tal argumentação é nem mais nem menos que capciosa e estúpida. Os homens acreditaram durante cinco mil annos que o sol girava em volta da terra, e esta crença por isso não deixava de ser erronea. O mundo pagão acreditou durante seculos na existencia de Marte e de Jupiter, e Marte e Jupiter não eram menos dois symbolos, duas

abstracções, como a alma humana, como os anjos, como os demonios, como todas as creações theogonicas.

— Mentira, meu Gil:

Ai! não se é pó no fim de tanta magoa!..

Se não diga-me alguém que allivio é este,

Que eu sinto quando á abobada celeste

Alevanto os meus olhos rasos de agua.

— Poesia, meu amigo, atalhou Gil. Fizeste bem em pedir de emprestimo ao João de Deos uma das suas mais suavissimas quadras, para exprimires esta eterna aspiração do homem para um mundo desconhecido, para uma vida melhor do que esta. Não te nego essas aspirações; existem, e existem para felicidade nossa, porque são ellas a condição essencial da perfectibilidade da raça humana. Mas não te illudas. Se desceres ao fundo da tua *consciencia*, has de vêr que, por mais esforços que faças, não podes conformar-te com a idea da tua não existencia. O sentimento da vida e a idea da morte são como dois polos electricos do mesmo signal, repellem-se mutuamente. O instincto da conservação é tão despotico em nós, que nos tira toda a idea de aniquilação, principalmente da aniquilação da propria individualidade. Podemos conceber mais ou menos confusamente a não existencia dos outros; a nossa repugna-nos, e parece-nos monstruosa e impossivel. Que queres concluir d'aqui? Que a individualidade humana pre-existe depois da dissolução do organismo em que se manifesta? Sonho, meu amigo. A crença na immortalidade, repara bem, não é mais do que o amor á vida, materializado num symbolo, não é mais do que o instincto da conservação inconsciente e poetisado.

— A sonhar estás tu, clamei eu indignado de tanta monstruosidade, verdadeiros pesadelos são essas theorias de alem-Rheno, que nem ao menos têm o merito da originalidade. E admittido sob hypothese, que queres tu que seja a sociedade compenetrada de taes ideas, sem crença num futuro melhor, sem fé nas recompensas de alem tumulo, sem alma, sem céo, sem Deos, sem nada alem do mundo palpavel dos sentidos?

— Que quero que seja? A sociedade dos fortes, a sociedade dos bons, e a sociedade dos justos; a sociedade dos fortes pelo trabalho que ennobrece, a sociedade dos bons pelas acções que nobilitam, a sociedade dos justos pela practica do bem e pelas aspirações ao bello. É isto que eu quero que seja a sociedade, despida de todos os preconceitos que a envelhecem, livre de todas as velharias que a degradam, amante do trabalho, consciente da propria força e destinos, sem cultos que a fanatisem, sem esperanças loucas e ridiculas que lhe desviem e corrompam a actividade, esperanças que só são proveitosas aos que especulam com ellas, a toda essa horda de beatos e de parasitas togados, coroados e enfeitados,

que se arvoraram em guiadores espirituaes e temporaes da humanidade, e que não fazem senão embrutece-la e amesquinhar-lhe as aspirações.

— Não me convences, atalhei eu; escusas de te esfaltar na declamação altisonante. E ainda mesmo que isso tivesse um fundo de verdade, acho essa verdade tão monstruosa, que estou em crêr que não ganhavamos nada com a adopção de taes theorias.

— Ganhavamos todos e ganhavamos tudo, porque ganhava a sciencia, a moral e a arte: A sciencia, porque não teria de lutar a cada passo com os anathemas dos visionarios e dos hypocritas; a moral, porque se havia de praticar o bem por amor do bem e da humanidade; e a arte, porque se havia de tornar mais humana, mais robusta, mais nobre, mais digna de si e dos homens. Não vês a influencia do Christianismo na arte moderna? Não notas o character doente, enervado e entanguido da litteratura inspirada pela musa cançada e phytica do espiritalismo? Werther, Raphael e Antony são os mais genuinos specimens d'esta litteratura sem força, sem nervo e sem alma, com que nos dotaram as theorias vaporousas e extravagantes das crencas nos espiritos, nos sonhos e nuns intermundios phantasticos, que não têm razão de ser. A humanidade, meu amigo, não pode e não deve ser aquillo. A humanidade é Jean Valjean, e deve ser sobre tudo Gilliat, o robusto lutador, que, em pé sobre um rochedo, mostra, como Ajax, ao céo os punhos cerrados, e diz sorrindo á tempestade que lhe accenda a sua forja e que lhe apague a sede. Isto é que eu acho humano, grande, forte, nobre e digno. É esta a feição que eu quero á litteratura; é este stoicismo, é esta força que desafia os elementos, é esta coragem que sorri á tempestade e que luta arca por arca com a natureza bruta, que eu quero vêr na humanidade. Isto vem lentamente, sei-o; é obra de seculos, mas ha de vir; não pode até tardar muito. No mundo actual refervem misturados todos os elementos d'uma grande luta; a explosão não se pode demorar, sentem-se já uns rumores longinuos de tempestade. Roma, capital do reino das bagatelas grandes e das miserias maiores, está cahindo a pedaços de podre e de velha; já ha alli cheiro a cadaver. A Alemanha, a cabeça do mundo, alarga as suas fronteiras: aquelle tróncico estava pequeno de mais para tão grande craneo: Bismark completa inconscientemente a obra de Fichte, de Hegel e de Fuerbug. A França, que é o coração do mundo, acabou a sua obra; terminou o reinado do sentimento, surge o reinado da razão. *Le roi est mort, vive le roi!*

— Canto a palinodia: estou sectario da theoria das bossas; creio pelo menos que tu tens una grande bossa... a da tolice. Se te parece, apago a luz, e viro-me para a parede;

preciso descançar da massada. Não achas que foi razoavel?

Apaguei a luz.

A. DA CONCEIÇÃO.

A M. C.

Contemplava-te, sim. No olhar piedoso,
Que nesse instante para ti volvia,
De tristeza e de magoa um mundo havia,
Misturado ao prazer, eivando o gozo.

Tão bella, e desgraçada!... Que repouso
Terá quem teu affecto ludibria?
Tão meiga, ingenua e pura!... E todavia
Tão infeliz tambem, anjo formoso!

Tu nem o abysmo vês! Vais innocente
Após o coração, sem que a fadiga
Do longo caminhar te desalente!

Embora a desventura te persiga,
E ao precipicio vás — sorris contente!...
Tanto pode o amor, a tanto obriga!

Abril de 1867.

LUIZ CARLOS.

EFFEITOS DO GRANDE TERREMOTO DO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755 NA CIDADE DE COIMBRA, SEGUNDO UMA RELAÇÃO IMPRESSA D'AQUELLE TEMPO.

Pelas nove horas e meia da manhã do dia 1.º de novembro de 1755 sentiu-se em Coimbra a primeira e mais forte commoção do terremoto, que durou pelo espaço de nove minutos pouco mais ou menos. Ao ruido subterraneo ajunctava-se o estrondo dos edificios que se fendiam, desconjunctavam ou desmoronavam. O povo correu logo para os campos fugindo da ruína da cidade, e implorando com grandes clamores a misericordia divina. Alguns sacerdotes interromperam perturbados o sacrificio da missa que celebravam, e com as hostias nas mãos sahiram dos templos orando e supplicando.

As onze horas da manhã soffren a cidade novo abalo, que durou por espaço de dois minutos.

Os templos, conventos e Universidade foram os edificios mais prejudicados. Neste ultimo houve bastante estrago na grande sala dos actos, os geraes abriram por varias partes, e a torre de tal modo oscillou, que por tres vezes tocou um dos sinos maiores.

O collegio de S. Paulo ficou arruinado nas principaes paredes que fazem frente para a rua. Abriu tambem uma parede do collegio de S. Pedro, e outra no dos Militares.

No real mosteiro dos conegos regulares de S. Agostinho, soffreu grave damno um dormitorio, e noutro vieram a terra duas cruces de pedra, que nos topos havia. Do magnifico

frontespicio da igreja cahiram algumas pedras entre as pessoas que fugiam de dentro, sem lhes causarem o menor prejuizo. Ficou abalado e aberto por uma parte o choro, e bastante arruinada a torre do mesmo mosteiro. Arruinou-se tambem em partes o seu collegio, ficando quasi inhabitavel um dormitorio. D'uma das pyramides que o adornavam cahiu uma bola de extraordinaria grandeza, rompeu a abobada d'uma cella, cujo pavimento furou, e foi dar numa sala inferior sobre uma banca, a que estavam encostados um religioso e alguns seculares, maltractando apenas levemente o dicto religioso.

A igreja do real convento de S. Domingos padeceu total ruina. Cahiu uma abobada na occasião em que alli oravam diversas pessoas, que milagrosamente escaparam a tamanho estrago. Foi quasi geral o destroço em todo o convento. Abriram diversas abobadas, e ficaram damnificadas muitas paredes dos dormitorios.

Arruinou-se por muitas partes a igreja do convento de S. Jeronymo; da principal abobada cahiu uma pedra grande que lhe servia de fecho. Abriu por uma parte a capella-mór; o choro e o frontespicio ficaram bastante damnificados, bem como uma capella particular e dois dos seus dormitorios. O estrago foi tal, que obrigou os religiosos a habitarem fóra em casas particulares.

No collegio da Graça soffreu alguma ruina o choro da igreja, abriram levemente quasi todas as abobadas, e cahiu por terra parte da torre.

Abriram varias paredes no collegio da companhia de Jesus, e ao tempo que o povo assustado sahia da sua igreja cahiram tres bolas da fachada, que felizmente não offenderam ninguém.

No collegio da Trindade abriu por uma parte o frontespicio da igreja, soffreu o choro ruina grande, e alguma uma varanda.

No collegio dos carmelitas calçados desaprimumou-se o frontespicio da igreja, afastando-se do choro, e abrindo por varias partes. Fenderam-se algumas abobadas e paredes, e ficaram damnificados em diversos logares o choro, o claustro, algumas cellas, a livraria, o refeitorio, um galião, a torre e uma varanda.

No collegio de S. Thomaz padeceu algum damno a parede principal, ficando mais deteriorada outra por detrás da capella-mór. Abriram egualmente as da portaria. Soffreram tambem a aula e a sacristia, e no claustro de tal modo abalou um campanario, que os religiosos tiveram de mudar o sino para outra parte.

No collegio de S. Boaventura da provincia do Algarve abriram grandes brechas em um arco principal da capella-mór, e tambem a abobada e as simalhas das capellas collateraes.

No collegio de S. Bento ficou um domito-

rio bastante damnificado, e uma parede por detrás da capella-mór.

No convento de S. Francisco, chamado vulgarmente da Ponte, abriu, ainda que pouco, uma parede, cahiu uma bola do frontespicio, e uma cruz de pedra que estava sobre um arco da cerca.

No convento de S. Antonio da Estrella reventou a esquina d'um mirante.

Na igreja cathedral ficou uma parede do choro algum tanto offendida.

Na igreja de S. Justa, abriu o frontespicio em duas partes, e recebeu o choro algum prejuizo. Na igreja da Misericordia veio a terra uma cruz de pedra que sobre ella estava.

Extra-muros no convento das carmelitas descalças padeceu alguma ruina uma parede da capella-mór da igreja. Tiveram as religiosas de mudar o Sacramento e algumas imagens sagradas para uma casa particular. Os muros da cerca ficaram bastante damnificados, e em muitas partes abriram as abobadas dos dormitorios.

No collegio dos carmelitas descalços abriu em algumas partes a abobada da igreja, e padeceu consideravel ruina o campanario, separando-se na distancia d'um palmo as pedras que o guarneciam.

Na parte em que o rio Mondego estava secco abriu a areia tres boccas, pelas quaes lançou algumas vezes agua acompanhada de muita espuma. As aguas das fontes appareceram turvas.

Deterioraram-se alguns muros e arcos da cidade. Muitas casas padeceram grande ruina, algumas vieram a terra, e poucas ruas ficaram em que se não vissem muitas escoradas. Pareceu notavel milagre não fazer victima nenhuma tamanho estrago.

Não faltaram naquelle e nos dias seguintes demonstrações publicas da piedade dos fieis, e do fervor com que imploravam a clemencia divina. Eram frequentes as preces, quasi diarias as missões, quotidianas as confissões; innumerous os terços. A toda a hora se viam as igrejas cheias de gente, e mais em particular a de Sancta Cruz, a Cathedral, e a de S. Boaventura, estando nas duas primeiras por muitos dias successivos, e até durante a noute, o Sacramento exposto.

Da igreja de S. Pedro sahio em muitos dias parte do povo em procissão ao convento de S. Francisco com varias penitencias a implorar o patrocínio dos Sanctos Martyres de Marrocos. Entre as muitas procissões de penitencia que se fizeram foram as principaes duas, ordenadas pela Universidade e compostas do corpo cathedratico, clero e mais comunidades, todos descalços com cordas ao pescoço e coroas de espinhos na cabeça, indo tambem descalço o proprio reitor da corporação. Outras duas que fez o mesmo reitor acompanhado pelo corpo da Universidade a

repartir pelos presos das cadeias da cidade mantimentos e algum dinheiro. Outras duas feitas pelo real mosteiro de Sancta Cruz. Tres que fez o bispo-conde, sendo duas de penitencia, as quaes acompanhou descalço com cordas ao pescoço, seguindo o mesmo exemplo as communitades, cabido e clero, e uma em que tambem sahio a distribuir pelas cadeias e hospitaes da cidade mantimentos, cobertas, teias de linho e dinheiro.

Na vespera do quadregesimo dia depois do terremoto, por ordem do bispo, jejuou o povo todo a pão e agua. No dia 7 de fevereiro de 1756 resolveu a Universidade em claustro pleno tomar por seu patrono a S. Francisco de Borja, advogado contra os terremotos, deliberando que todos os annos se lhe fizesse uma festa solemne, sahindo na vespera em prestito com suas respectivas insignias o corpo cathedratico.

A. FILIPPE SIMÕES.

OS BASTARDOS

I

A COROA REAL PORTUGUEZA

..... as Côrtes seu poder exercem,
Arrostram de Beatriz os vãos ameaços,
De Castella esperanças e odios burlam,
D'Ignez, trahida ha muito, a prole infamam,
E ao primeiro João o Reino outorgam.

B. L. VIANNA — *Obras Poeticas.*

O senhor D. Pedro I, na ordem dos reis portuguezes o oitavo, houve de Thereza Gil de Andrade, filha de Gil Rodrigues de Valadaires, senhor de Saxemonde e da mais qualificada nobreza de Galliza, a D. João, nascido aos 11 de abril de 1357.

Ao mestre da Ordem de Christo D. Nuno Rodrigues¹ confiou o rei a educação do infante, e pelo fallecimento de D. Martin de Avellar foi, a rogo d'aquelle, nomeado por seu pae mestre na Ordem de Aviz, contando só sete annos de sua idade.

Não sendo legitimo nem titular, D. João foi o primeiro filho de rei que antepoz ao seu nome a palavra Dom.

Quebrado o ultimo elo da cadeia affonsina no senhor D. Fernando, e sahindo para Hespanha os infantes D. João e D. Diniz, filhos da infeliz D. Ignez de Castro, o rei castelhano pelo seu casamento com D. Beatriz, julgou-

¹ D. Nuno Rodrigues, vi mestre, foi filho de Ruy Freire de Andrade, e de D. Ignez Gonçalves de Souto-Maior, como se mostra em um letreiro, que está na cerca dos paços que este mestre fez na villa de Ferreira.

Fez o senhor D. Pedro I muitas mercês á ordem, pelos serviços d'este mestre; e em seu tempo se transferiu o convento e casa de Castro-Marim para a cidade de Thomar, (então villa). Foi mestre quinze annos, e falleceu no de 1373.

Estat. da Ord. de Christ. pag. 8.

se com direito ao throno, vazio pelo rei que baixara ao tumulo.

Com braço armado entra pela fronteira; porem curto foi o seu caminhar, porque se lhe oppozeram aquelles que muitas vezes, rôtas as veias, tingiram lanças e espadas no sangue castelhano: não o deixaram marchar avante de Aljubarrota, onde sepultada ficou a sua soberba: — é que o povo portuguez não soffre, nem soffrerá nunca jugo estrangeiro.

As côrtes de Coimbra em S. Francisco da Ponte aos 6 de abril de 1385 acclamaram rei de Portugal ao mestre d'Aviz. O direito que lhe assistia tinha o provado perante os Tres Estados a voz eloquente de João das Regras e a espada do grande condestavel; estava no coração de todos os bons e leaes portuguezes, que, como disse D. Affonso Tello, conde de Maiorga, ainda que renegado, — eram tão valerosos como disciplinados, costumados a vencer, mas nunca a fugir.

O sr. D. João, obtida a dispensa do Papa Urbano VI, porque era professo na ordem e seu Grão-Mestre, aos 2 de fevereiro do anno de 1387, casou com D. Philippa, filha dos duques de Lencastre, senhora de quem um distincto escriptor diz: «para que nada faltasse naquella epocha memoravel para a ventura da Nação, parece que quiz a providencia dar ao nosso primeiro libertador uma tão digna e virtuosa esposa, conduzindo-a como pela mão para Portugal, de maneira que parece ser mais determinação de Deos, que escolha da politica.»²

Com esta feliz união se continuou a casa reinante de Portugal, sendo o primeiro do nome e da dynastia joannina, a D. João I, nascido aos 20 de abril de 1391.

..... unico herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

Non eadem est aetas, non mens.

HOR. Ep. I.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

CAM. SON. 57.

² Varões e Donas que illustr. a naç. port.

EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de Livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes).... 240 réis
Fóra de Coimbra (por seis mezes).... 600

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

VIRGILIO

III

Na primeira parte do nosso artigo considerámos Virgilio como poeta romano, avaliámos na segunda a influencia que tiveram seus escriptos na litteratura portugueza, propomos agora indagar se contribuíram os escriptos de Virgilio para a civilisação moderna.

Depende este problema d'um outro, que o comprehende na sua extensão—Influe a poesia no progresso?

Vejamos.

Dirige a natureza os seus passos segundo leis geraes e constantes, e d'estas, as que regem o mundo physico têm com as que dominam o mundo dos espiritos toda quanta analogia pode haver entre as duas substancias differentes.

Só fructifica a arvore depois de ter florejado; só raciocina o espirito depois que pelos annos e dias da infancia e juventude rebentaram em ramalhetes e cachos as flores da phantasia.

Esta lei, que domina a existencia do homem, estende-se tambem á existencia das nações.

A poesia embala-as e acalenta-as no berço, brinca e diverte-se com ellas nos dias da infancia, com ellas ama e namora nos annos da juventude.

Depois cessam os cantos e os jogos, abandona-se o jardim, que deleita e recreia, e cultiva-se o horto e a granja; refugiam-se as musas e buscam guarida nos recessos do Parnaso e do Hymetto, e passeia a philosophia pelas cidades e villas.

Abramos o livro da historia das nações que pensaram e viveram menos sujeitas a extranhas influencias, e convencer-nos-hemos d'esta verdade.

Vejamos a Grecia.

É Thales de Mileto o primeiro philosopho que nos ella apresenta, e vem seculos antes a pleiade de poetas, entre os quaes sobreleva Homero, avultam Hesiodo e Archiloco.

Em Roma acha a philosophia o seu primeiro predilecto na pessoa de Cicero, e havia muito que as musas tinham encontrado amantes nos auctores dos cantos Sallios, Fasceninos e Sattyras Triumpheaes, em Nevio e Plauto, Terencio e Stacio, e em Pomponio, Lucillo e Ennio.

Estendem os barbaros do norte o espesso véo da ignorancia e das trevas sobre o mundo conhecido, apagam a lampada da litteratura e da sciencia, e é a poesia que desperta e se levanta para rasgar esse véo de alto a baixo, e reacender essa lampada.

Na França os cantos bretões precedem o movimento philosophico, a que deram impulso Carlos Magno e Alcuino; Descartes e Pascal deixam atrás de si Racan, Malherbe e Corneille; e o seculo de Luiz XIV, seculo de Boi-

leau e de Racine, seculo de litteratura e poesia, precede o reinado de Voltaire e Rousseau, de Montesquieu, Diderot e d'Alembert.

Na Allemanha, em a nação scismadora, que vela de noite para inquirir os mysterios dos orbes, desconhece-se a origem do Niebelungen, collecção dos mais antigos cantos, como o de Attila, Odoacro e Theodoro.

Na Irlanda pertence a poesia dos Claustros Celticos ao sexto seculo do Christianismo, ao setimo o poema Bewulf em anglo-saxonio; e é o poema do Cid, poema sem arte, mas saturado de nobreza e de simplicidade, o primeiro escripto litterario que a Hespanha possui.

Os factos dizem-nos pois que nunca a philosophia se desenvolveu sem que primeiro se houvesse desenvolvido a poesia, e o principio de toda e qualquer indução—a estabilidade das leis da natureza—auctoriza-nos a dizer que nunca a philosophia se desenvolve sem se ter desenvolvido a poesia; por outras palavras, que é esta a condição *sine qua non* da existencia d'aquella.

Ora a philosophia é intuitiva e incontroversamente o pollen fecundante do progresso material, que nós hoje chamamos civilisação.

Logo a poesia é origem proxima da philosophia, e remota do progresso.

Logo contribuíram para este os escriptos de Virgilio.

Resta avaliar se muito ou pouco, e importa para isso ver como a poesia produz a philosophia.

O fundo da poesia são pinturas, sentimentos e imagens. Estas pouco ou nada têm de commum com o raciocinio; e portanto só a natureza e influencia da linguagem pode dar razão do phenomeno constante que acabamos de notar.

Sondemos esta natureza, analysemos esta influencia.

A idea chama a palavra, e a palavra, como som que vai accordando echos pelos montes e valles, desperta outras ideas; estas chamam as palavras; dá-se com ellas o mesmo que com a primeira, e assim tende a formar-se maior numero de ideas, maior numero de combinações de palavras, e portanto de pensamentos diversos.

E d'este modo se explica como passamos da noite para o dia, das trevas para a luz, e como pela imaginação chegamos ao raciocinio.

E esta é a natureza da linguagem—ser ao mesmo tempo filha e mãe das ideas.

A respeito da influencia, que ella exerce sobre o espirito humano, ouvi Condillac:

«On a cru que les mots n'avaient d'autre avantage que d'être un moyen de nous communiquer nos pensées. C'est une erreur. Qu'est-ce au fond que la réalité qu'une idée générale et abstraite a dans notre esprit? Ce n'est qu'un nom; ou, si elle est quelque autre chose, elle

¹ Esta theoria é só verdadeira em parte, mas esta

cesse nécessairement d'être abstraite pour devenir individuelle. Les idées abstraites ne sont que des dénominations, par conséquent, si nous n'avions point de dénominations, nous n'aurions pas d'idées abstraites, nous n'aurions ni genres, ni espèces; et, si nous n'avions ni genres ni espèces, nous ne pourrions raisonner sur rien; or, si nous ne raisonnons qu'avec le secours de ces dénominations, c'est une nouvelle preuve, que nous ne raisonnons bien ou mal que parce que notre langue est bien ou mal faite.»

Ora, se a perfeição da lingua influe na perfeição do raciocínio, se é na poesia e pela poesia que as linguas se aperfeiçoam, fácil é de ver que um poeta qualquer contribue tanto mais para o desenvolvimento da intelligencia, quanto mais apurada e perfeita for a linguagem de suas obras.

Adquiriu a lingua latina a sua maior perfeição nos escriptos de Virgilio, poliram-se e apuraram-se com elles as linguas da Europa moderna; o maior poeta de Roma, o amigo da litteratura portugueza, exerceu portanto poderosissima influencia no progresso da actualidade, escreveu uma das paginas mais brilhantes e ricas no livro dos fastos da hodierna civilisação.

J. FREDERICO LARANJO.

ONOFRE

CANTO SEGUNDO

I

Que tenebroso dia! a chuva em furia
Estala nas vidraças gottejantes;
O vento em rouca e funebre lamuria
Passa, e lá vai aos pinheiraes distantes;
A veia do regato, hontem murmúria,
Muge e estende-se em vagas espumantes.
Não deixa o rouxinol o plumeo ninho,
Pedem velhos calor ao lume e ao vinho.

II

Adeos, portanto, oh bosques rumorosos,
Das nove irmãs canoras frequentados!
Confrangido entre muros salitrosos,
E rebuçado em mantos estufados,
Meus cantos soltarei, não sonorosos,

parte basta a legitimar a consequencia que d'ella deduz Condillac.

Ha duas fontes diversas de ideas abstractas—phenomenos e individuos. D'aquelles abstrahem-se as leis que não podem ser puras denominações, pois que sem a existencia real d'ellas se não pode conceber a existencia dos phenomenos.

Dos individuos abstrahem-se as qualidades, que só têm existencia real quando se consideram nos sujeitos d'essas qualidades, isto é, quando não são abstractas; logo que o sejam portanto, não passam de puras denominações, e, constituindo ellas a maxima parte dos generos e das especies, é legitima e verdadeira a conclusão que vai tirar Condillac.

Pois não podem por vós ser inspirados.
Não é tão grande o estro e o meu lyrismo,
Que por elles me expôna ao rheumatismo.

III

E sem mais digressões, sem mais recamos,
Defeitos a que tenho a mente dada,
Deliciosa leitora, prosigamos
No entrecho da scena começada.
Porem soffra primeiro que estes ramos,
Que a leiteira me deu de madrugada,
Lh'os ponha no açafate dos bordados,
Que assim o manda a lei dos namorados.

IV

Tinha Onofre uma prima, a doce Amalia,
Alma etherea num corpo esculptural,
Esbelta e graciosa como a dhalia,
Que abre o calix ao rócio matinal.
Da brancura do marmore de Italia,
Sem os olhos e o riso divinal,
Por estatua d'um mestre passaria,
E natural tornara a idolatria.

V

De reflexos dourados a ampla coma
Em cachos o semblante lhe adornava;
Os olhos do azul do céu de Roma
Occultavam no fundo ardente lava.
Da bocca purpurina o suave aroma
As fallas que dizia perfumava;
E até, no brando leito adormecida,
Sorria, em castos sonhos embebida.

VI

Ora um pallido moço, que defronte
Morava e não sahia da janella,
Inspirara (não sei como isto conte,
Que é grande o quadro para exigua tela)
Um puro e ardente amor á pomba insonte,
Que o viu captivo dos encantos d'ella.
E, sedentos, na mesma taça o gozo
Já prelibavam d'um porvir ditoso.

VII

Altas horas, Arthur, o doce amante,
No jardim dos vizinhos penetrava
Por escada, que ás grades do mirante
Amalia com mão tremula amarrava.
Que arrullhar de pombinhos anhelante!
Que beijos prolongados não trocava,
Tempo esquecido, o par enamorado,
Só da lua serena alumiado!

VIII

Leitora! na ridente primavera,
Quando á vida abre o calix a bonina,

Quantas vezes nos bosques de Cythera
 Não fez o mesmo que a gentil menina!
 Não olhe pois de face tão severa
 Os arroubos da candida heroína;
 Que no furor da natureza em luta,
 Ficava Arthur vencido, ella impolluta.

IX

Ora Onofre (é já tempo que da intriga
 Eu juncte os laços e componha a trama),
 Vendo os heroes da narração antiga
 Obrar proezas por formosa dama,
 Para que exemplos de tal nome siga,
 E alcance d'um Romeu a eterna fama,
 Decidiu no profundo do intellecto
 Votar á prima o arrebatado affecto.

X

Portanto numa tarde, ás horas quando
 O sol afogueiado aos montes desce,
 E nas frondes se acolhe o alado bando,
 Deixado o greiro da espigada messe;
 Aos pés de Amalia, que, sorrindo brando,
 Um ramo de boninas colhe e tece,
 Cahindo de repente, em desalinho,
 «Amo-te!» brada, tresandando a vinho.

XI

Tal como o passarinho colorido
 Ao ninho o vôo arranca apressurado,
 Ouvindo perto o grito conhecido
 Dos abutres de bico ensanguentado;
 Tal a pallida moça, apercebido
 O vate sobre a relva prosternado,
 A correr parte, desprendida a trança,
 E, só longe d'alli, pára e descança.

XII

Ergue-se o bardo, e, na postura antiga
 Do Laocoonte que a serpente enlaça,
 Arcado o peito na medonha briga,
 O labio roxo, a luz dos olhos baça,
 Tal berro solta, que ao silencio obriga
 As rãs coaxantes da marmorea taça,
 E qual parte no campo o torvelim,
 Rapido foge do fatal jardim.

João PENHA.

Que mais te guarda, Oceano, a sombra do porvir?
 É agora que o véo começa a s'entre-abrir!...
 Inda ha pouco o progresso, o homem que não cança,
 Te illudiu esse abysmo e a distancia, elle só!
 Atando um mundo a outro em portentoso nó!
 Eis a electrica força a devassar-te os mares,
 E a rir do teu fragor, e a rir dos teus azares!
 Oceano! tu és grande, és altivo... mas vê
 Que é só o homem rei, quando trabalha e cré!...

LOBATO PIRES.

DESCOBRIMENTO DA AMERICA PELOS NORMANOS

I

Aquelles mesmos que têm apenas um conhecimento superficial da historia da edade-media não deve ser desconhecido o nome d'aquelles ousados normandos, cujas excursões eram temidas de toda a Europa. Faziam elles parte dos povos que passaram da Asia para o norte da Europa, e que tinham o nome commum de Dacios (Deutsch) ou Teutões. Como elles eram os que d'essa raça se tinham dirigido mais para o norte, e estabelecido na peninsula scandinava, tiveram o nome de Northmann, que mais ou menos corrompido os ficou designando.

A passagem dos normandos para aquella região fizera-se por meio de duas emigrações. Uns, segundo alguns sabios têm concluido de factos indubitaveis, partiram da costa da Russia, navegaram na direcção do occidente, atravessaram o Baltico, e abordaram á costa meridional da Suecia, onde construíram habitações. Outros costearam o golfo de Bothnia, passaram pelas terras habitadas dos finnezes e lapões, e, chegando ás montanhas do norte da peninsula, dividiram-se, seguindo uns para o meiodia e outros para o occidente.

Não eram elles os primeiros habitantes da Scandinavia. Parte da peninsula fora primitivamente habitada por um povo da raça celtica, por os Kymrys ou Cimbrós, que fizeram dar á Dinamarca o nome classico de Chersoneso Cimbrico, e que, depois de terem percorrido diferentes partes da Europa, assentaram na Gallia belgica e na Inglaterra; e neste ultimo paiz se tem conservado até hoje a sua raça na Cambria ou paiz de Galles. É provavel que outras partes da Scandinavia fossem habitadas por povos de raça finnica, que os normandos repelisses depois para a Finlandia e Laponia.

Animados do genio das raças dos Aryas, a que elles pertenciam como os gregos, os romanos, os povos da India, desenvolveram-se os normandos na ordem material e intellectual, e, na epocha de que começamos a ter monumentos que lancem alguma luz na sua historia, tinham já chegado a um certo gráu de civilisação.

A sua religião tinha muita analogia com a da Grecia e da India, facil de explicar pelo commum das origens e genios; mas as tradições communs dos Aryas foram consideravelmente modificadas no norte pelo aspecto singular da peninsula scandinava, afóra as influencias geraes que alteraram por toda a parte essas tradições. O que distingue sobre tudo as theorias theogonicas e cosmogonicas dos normandos é a sua sublimidade selvagem e sanguinaria, onde se revela a influencia da contemplação dos grandiosos vestigios ou das

revoluções primitivas do globo, que em parte alguma são tão apparentes como na Scandínavia.

Entre os deoses dos normandos havia-os terríveis e sanguinarios como Odin, tranquilos e brandos como Balder, que esplendia como o Apollo Hellenico. Freya respirava doçura e encanto; era a deosa do amor, mas, comparavel á brilhante belladona, que contem veneno em suas petalas, era ao mesmo tempo deosa da morte. Eros na religião hellenica, Cupido na romana, tambem eram apresentados sob os dois aspectos tão differentes, mas que resumem a vida humana. Para ambas as religiões o amor era o deos omnipotente,

Qui pennis volitans super aethera cuncta fatigat
Flammaque et ferro singula debilitat;
Quem tremit ipse Jovis, quo numina terrificantur
Fluminaque horrescunt, et Stygiae tenebrae.

Os normandos tinham poemas mythicos e heroicos, que talvez remontem até ao seculo VII, que se conservavam de memoria e foram colligidos em parte pelo meado do seculo XII por Saemund Sifursori, e numa outra collecção descoberta em 1643. As duas collecções dá-se o nome de Eddas, o que significa *Avós*, denominação que indica bem claramente a fonte aonde os collectores foram buscar os poemas que as compõem. E igualmente se encontram fragmentos da antiga poesia scandínavia no Edda de Snorri, ainda que misturados com composições artificiaes de epochas mais recentes. Os sabios do norte têm em nossos dias feito largas collecções de monumentos d'aquella antiga poesia, provenientes de varias origens.

Mas não era só á memoria que os skaldas primitivos confiavam os productos da sua actividade poetica: a *runa* era o mais seguro e muito utilizado depositario de seus pensamentos poeticos, em quanto por outro lado servia de annaes aos scandinavos. As *runas*, cujo nome parece significar *canto* ou *discurso*, e ainda *murmurio*, eram as inscrições em caracteres particulares, que o mais humilde archeologo do norte sabe ler, abertas nos monumentos funebres, nas bases das estatuas, nas paredes e columnas dos templos, nas rochas á beira das estradas, nos adornos das mulheres, nas armas dos homens.

Nos *sagas* (é o nome dos antigos poemas scandinavos) revelam-se muitos dos sentimentos, que depois formaram uma das partes principaes e characteristics dos poemas cavalleirosos, produzidos pelos descendentes dos normandos, estabelecidos ao norte da França. Uma comparação particularisada dos *sagas* com esses poemas lançaria sem duvida luz brilhante sobre uma das mais interessantes questões que offerece a historia da litteratura da idade-media.

Um assumpto sobre que insistem quasi todos

os *sagas* é o mar, porque foi no mar onde principalmente se desenvolveu a actividade dos normandos. A disposição geographica da região que elles habitavam era um convite constante para a navegação, e por outro lado o seu animo era audaz e corajoso. Cada um tinha desejo de se tornar grande aos olhos de seus compatriotas, de ser cantado nos versos dos skaldas; instigavam-lhe a curiosidade as noticias que tinham d'outros povos; agitava-os a sede de riquezas; tudo, emfim, concorria para fazer consistir a principal gloria dos normandos nas suas expedições maritimas. Visitaram quasi todos os estados da Europa, na maior parte dos quaes a sua audacia e ferocidade na luta os fizeram temidos, em quanto os seus Vikings (á letra *reis do mar*), cujo codigo de direito das gentes era o mesmo das outras nações da idade-media, que se reduzia ao unico artigo — a lei é a espada — os tornavam respeitados no mar. Mas as suas expedições não se limitavam á Europa: mais de uma vez foram até terras orientaes. Documentos e monumentos interessantissimos têm sido ultimamente descobertos, que demonstram que os normandos visitaram frequentes vezes a Europa oriental, a Asia e a Africa.

No seculo XI tomaram elles o porto Pireu de Athenas, como prova uma inscrição runica, aberta num antigo leão de marmore d'aquelle porto, o qual remontava aos tempos gloriosos da Grecia. Á investigação aturada e intelligente do sabio Carlos Christiano Rafn se deve o conhecimento do conteudo da inscrição. Uma curiosa memoria do digno secretario da Sociedade dos Antiquarios do Norte o fez conhecido dos sabios e amadores em 1856.

No ultimo quartel do seculo IX deu-se na historia dos normandos um facto importante a muitos respeito, mas principalmente por ter sido o ponto de partida para a sua mais brilhante gloria maritima, e foi a colonisação da Islandia. Essa ilha, tão proxima das solidões polares, tinha sido visitada por aventureiros anachoretas irlandezes, que buscavam algum logar deserto para as suas penitencias e meditações, mas que não se agradaram do aspecto d'aquelle terreno vulcanico e coberto de neve, aspecto triste que fez dizer a um moderno poeta popular:

Hvad mon da ei
Og her lykkelig leves kan? Jeg troer
Det mueligt, som før i Heden-Old
For raske Skander mueligt det var,
Paa denne kolde Æe.

Ignora-se se os anachoretas irlandezes communicaram a noticia do seu descobrimento a alguns normandos: sabe-se apenas que d'estes o primeiro que viu o *paiz de gelo* (é a significação do nome da Islandia) foi o dinamar-

quez Gardar em 863. Por esses annos Harald Haarfgar tinha tornado vassallos seus a maior parte dos reis noruegueses, e começou a trabalhar por avassallar tambem os homens livres do norte da Noruega. Grande numero d'estes, não tendo forças para resistir ao poder de Harald, preferiram abandonar a patria a curvar-se a seu jugo. Emigraram uns para a Inglaterra e para a França; e outros sob a direcção de Ingolf passaram para a Islandia, em 864. Durou 60 annos a colonisação da ilha. Organizou-se alli uma republica aristocratica, que cultivou as bellas-artes, e principalmente a poesia. Foram os islandezes que conservaram as tradições e poemas scandinavos; e sem o seu amor por tudo o que lhes lembrava os seus heroes e deuses nacionaes e a patria, a interessantissima litteratura scandinava não chegaria a ser conhecida de nós.

Não se contentaram elles com o horizonte da sua ilha: o genio maritimo da sua raça não perdera o fogo nos gelos do polo; lançaram ao mar os seus *drakars*, e um novo mundo foi descoberto.

F. A. COELHO.

A EXTINÇÃO DAS CASAS RELIGIOSAS

..... Tu, homem, que fizeste?!
 «Que mal te faz, que gozo vai roubar-te
 «O que ensanguenta os pés nas bravas urzes,»
 E as mãos erguendo ao céu, ao céu envia
 Devotas preces do incendiado peito?
 Se imital-o não podes, oh! respeita,
 Respeita da virtude o vivo emblema!
 Ao compungido coração não roubes
 Gozos da solidão, delicias d'alma;
 Não lhe roubes momentos deleitosos,
 Que só a ti fugindo achar-se podem.
 Deixa que ao mundo ignoto, e a Deos patente,
 Em Deos encontre abrigo nas procellas
 Que tão furioso o mundo lhe apresenta.
 Oh! deixa, sim, que, em Deos todo embebido,
 Goze de branda paz serenos dias,
 Dias cheios de amor, de magoas cheios
 Do tempo que perdeu, e mais não volta.
 Deixa que o coração, terno e constricto,
 Pensando nesses bens que amou incauto,
 Desenganado já, e a Deos buscando,
 Do ermo na solidão se exhale em pranto.
 Deixa, deixa, cruel; roubar não ouses
 Ao triste coração tão grato abrigo:
 Ah! deixa que se embeba, que se entranhe
 Nos reconditos bens que o ermo encerra;
 Que nelle contemplando o Deos que adora,
 O Deos, que é seu conforto, e em quem só vive,
 Chore do cego mundo o erro infausto,
 Que o faz, desconhecendo o Bem Supremo,
 A largos passos ir cavando o abysmo,
 Termo fatal das illusões que ostenta.
 Homem cego, infeliz! oh! que fizeste!....
 Para que foste, incauto e desattento,
 Com temeraria mão abrir o arcano,
 Revolver o thesouro, que encerrava
 Tão gratos bens, consolações tão puras?!
 Oh! se taes bens reconhecer poderas!
 Se souberas sentir quanto são doces,
 E qual é seu valor!.... certo não foras
 Rasgar mil corações, lançal-os do ermo
 No turbilhão do mundo e em seus escolhos;
 Roubar-lhe a doce paz que alli gozavam;

E a muitos (inda mall) dar-lhe o veneno
 Que em vasos d'ouro apresentar costumam.
 Mas ah! foi de uma vez aberto o arcano,
 Revolvido o thesouro, e já não resta
 Ao coração devoto um grato asylo,
 Ao coração constricto um ermo escuro,
 Onde, desentranhando amargo pranto,
 Chore os erros passados, e os expie!
 Eis o triumpho teu, ó mundo insano!
 Das trevas o poder reinou nessa hora!
 Mas reinado fallaz, fraco, impotente!
 Não chega aos corações; entrar não pode
 No recondito d'alma, e arrancar d'ella
 Celestes gozos, que a virtude encerra.
 Abrir os ermos, derrubar-lhe as portas,
 Eis quanto podes! mas os seios d'alma
 Tambem são ermos, e jámais transpôl-os,
 Oh homem, poderás! Ao justo oppresso
 Abre as portas do céu teu desatino:
 Teces-lhe a c'roa, a palma lhe preparas;
 E, quando desvaírado te arremessas,
 A ti mesmo cruel, cavando o abysmo,
 O justo ora por ti, por ti dirige
 Ferventes preces, compassivo pranto
 Ao Deos de paz e amor, que cego insultas!

D. ANNA MARIA DO CARMO PESSOA.

GIL INFANTE

CAPITULO III

Onde o heroe revela os seus instintos pouco acceiados.

No dia seguinte encontrei o Vidal na Polytechnica.

— O Gil Infante não é teu companheiro de casa?... perguntou-me elle logo que me viu.

— É, para desgraça do meu socego.

— E encontral-o-hei agora lá?

— Encontras, no meu quarto e na cama.

— Está doente?

— De muita preguiça.

— Antes assim, vou vel-o.

— Desejo-te... paciencia.

Entre para uma das minhas aulas.

Às duas horas, quando chegava a casa de volta da Academia, soltei um grito de indignação ao assomar á porta do meu quarto. Horrorisava-me o que via. Era realmente sujsimo e barbaro o que Gil Infante estava fazendo, com toda a tranquillidade cynica d'um philosopho sem entranhas! Chegava a ser brutal aquella placidez! Passada a primeira impressão, lancei mão dos livros que trazia para lh'os enviar de chofre á cabeça. Susteve-me porem a idea de que podia ficar.... sem livros. Não ha leitor, que tenha por habito lavar a cara todos os dias, que possa sequer imaginar o que aquelle selvagem estava praticando! Era de arripiar os cabellos! Gil Infante esfregava socegadoamente umas botas de cordovão com a colcha da minha cama!

Eu fiquei por instantes empedrado á porta do quarto, porque não achava uma palavra para fulminar aquelle alarve.

— Saberás, disse-me Gil, continuando a es-

fregar as botas com um socego que me pareceu ó requinte da selvageria, saberás que vou passar a noute a casa do teu condiscipulo Vidal. Queres acompanhar-me?

— Para o inferno acompanho, só pelo prazer de te vêr pernejar numa caldeira de azeite a ferver.

— Que gosto! Vens hoje com o paladar estragado, homem! Déste lição?

— Não, mas estou recebendo uma de porquidade. Já vejo que deves estar tão sujo no corpo como o estás na alma. É da tua lavra esse methodo de limpar as botas?

— Penso que não, respondeu Gil rindo-se, o assassino, e como se só então dêsse pelo que estava fazendo; porque, se isto fosse imaginado por mim, já tinha pedido privilegio de invenção.

— Na Europa escusaval-o; no Cabo da Boa-Esperança talvez os hottentotes te fizessem concorrência.

— Os hottentotes não usam botas, nem colchas na cama.

— É uma fortuna para as botas, e principalmente para as colchas.

— E uma desgraça para elles, que não têm estas sanctas commodidades da vida civilisada.

— Oh! muito civilisada vida, pois não! e muito *sancta* esta commodidade de encontrar assim escovas tanto á mão!

— Lá tornas tu com a escova! Ahi tens o diabo da colcha, clamou Gil, largando finalmente das mãos a desgraçada. Como se isto valesse alguma cousa! Aposto que te não dão dois tostões por ella no *prego!* Vês?... que lhe aconteceu?... ajunctou Gil mostrando-m'a.

— Apenas ficou engraixada, isso não quer dizer...

— Por certo que nada, excepto se esperas a visita de alguma viscondessa.

— O que eu espero é que te não sirvas tão grutescamente das cousas que aqui tenho, porque, se vais nesse andar, receio que limpes por ahi a cara a algum mappa, e que me transformes algum livro em sabonete.

— Para pouco mais prestam, observou Gil, a maior parte dos que ahi te vejo. Para que serve, por exemplo, este? e apontava para o dictionario francez do Fonseca; para, se o manuseares, ficares com desconfiança de que a lingua portugueza é a mais pobre, a mais pesada e a mais sorna de todas as linguas. E estes: Mathematicas puras de Francoeur?... servem para, na forma, te provarem que os traductores saberiam muito mathematica, mas na substancia, para te ensinarem a decifrar enigmas pittorescos.

— Cala-te, barbaro!

— O mais que por ahi te vejo, continuou Gil, são uns livrecos francezes, que eu te não comprava a razão de pataco o kilo.

— Acho sobre modo ridiculo esse teu fastio olympico pelos livros francezes; que mal te

fizeram elles? Onde foste tu haurir alguma coisinha que sabes, ou que julgas saber?

— A meia duzia de livros que a França não produziu, nem era capaz de produzir nas suas actuaes circumstancias politicas e philosophicas. A maior parte dos livros francezes que li fizeram-me mais mal do que bem. A policia imperial traz açamada a França pensadora. É por isso que a maior parte dos livros francezes, estereis de ideas, são ricos nas formas; os escriptores de alem-Peryneos procuram occultar sob o luxo da linguagem e das galas de estylo a pobreza dos pensamentos. É como não ha de ser pobre de riquezas intellectuaes e de grandes arrojões de idea um paiz, em que o mais rasteiro vôo para a verdade, principalmente na ordem politica, custa ao que o voltou um anno de trabalho honrado, todo o pão d'uma familia, a ignominia, a prisão e o desterro? E não é porque a França não seja um paiz rico de muita seiva de intelligencia. A França é, e ha de ser sempre a terra de Pascal, esse homem que enlouqueceu á força de talento, e de Lavoisier, outro doido que se deixou guilhotinar absorvido, como Archimedes, na resolução d'um problema. Mas que queres tu que produza de original, de novo e de arrojado um paiz onde a liberdade de pensamento é uma irrisão?

— Ahi estás tu com as tuas declamações revolucionarias. Não é tanto o que tu dizes. O que te digo é que, se me sentisse com a tua veia *tribunicia*, deixava-me de medicinas, e ia prégar para as praças.

— E pensas que o não hei-de fazer?... interrogou Gil com uma seriedade que eu tive o máo gosto de achar comica. Não irei prégar para a praça publica, mas hei de fallar na imprensa, que é o forum da actualidade. Ando a robustecer-me para a luta, e um dia...

— É um dia casas-te, cuidas de arranjar um bom partido, tractar da mulher e dos filhos, e pensas finalmente na tua vida. És uma criança, mas criança estouvada. Guarda essas extravagantissimas theorias para ti e para algum raro amigo, deixa ir o mundo como vai, que não vai mal de todo, e tractemos agora do que importa. Vais então passar a noite a casa do Vidal.

— Vou, mas desejava que me acompanhases... É uma casa de mulheres...

— Pois tens medo?... perguntei eu, achando graça ás reticencias.

— Talvez; seja por falta de habito, ou por defeito de organização, ou lá pelo que for, o certo é que me não sinto á minha vontade quando me vejo só numa roda de senhoras.

— Eu concordo que a posição não é facil de sustentar; mas tu... não imaginava.

— És tolo; distingue entre mulheres e senhoras.

— Obrigado, e distinguirei.

— Vamos... acompanhas-me?

— És doido! como queres que vá, se não sou convidado?

— És; o Vidal pediu-me até que insistisse contigo, dado o caso que não quizesse ir.

— Nesse caso vou.

— Bem; ás sete horas está em casa, que eu aqui venho.

A. DA CONCEIÇÃO.

SORSUM!

Animo pois! Como á terra,
Tambem á nua existencia
Vem, após a decadencia,
As vezes tempo feliz.

SOARES DE PASSOS.

Tudo é festa! Aos prenuncios da aurora,
Que hoje nasce num berço de encantos,
Despe a terra seus pallidos mantos,
E se inflora, e perfumes só tem!
Dentro em pouco, sorrindo-se ao mundo,
Ledo o sol brilhará na montanha:
Tudo alegre! E de magoa tamanha
Não despertas, minha alma, tambem?

Vês em roda vestirem-se os campos
De roupagem tão verde e tão linda;
E tu erma de affectos ainda,
E tu sempre curvando-te á dor!
Ao florir da gentil primavera
Cada prado reveste uma esp'rança:
Para ti não ha paz nem bonança,
Para ti não rebenta uma flor!

Quando ás aves o amor as enlaça,
Quando a briza é suspiro de amante;
Tu immersa em outomno constante,
Sem que voltes á vida outra vez!
Tudo agora se enfeita de galas,
Diffundindo alegria e ternura;
Tudo agora é prazer e ventura,
Só tu jazes em triste mudez!

Eia! surge do funebre leito,
Onde ha muito que dormes teu somno!
Se ora gemes em duro abandono,
Nova estrella te luz no porvir;
Longe, ao longe, por entre a neblina
Que te rouba a teu vivido anhelos,
Fulgem raios d'um dia mais bello,
Ri-te a esp'rança com ledo sorrir!

Do passado na longa saudade
Porque assim te concentras agora?
Que fagueira illusão te enamora,
E te prende ao que morto já é?
Porque soltas perdidos lamentos,
Que se esvaem nos echos da tarde?...
É que em ti desde ha muito não arde
Nem sequer um lampejo de fé!

Como lampada extincta, que pende
Nas ruinas de vasto recinto,

Já seu facho não brilha, que extincto
Foi ao sopro de vento fatal.

E qual vela sem norte e sem rumo,
Que fluctua a capricho das vagas,
Assim tu, ó minha alma, divagas
Sem a luz de longinquo fanal.

Mas, se tudo reſurge de novo
Ao calor bemfazejo da vida,
E se a terra, inda ha pouca despida,
Veste agora seu floreo matiz;
Se estes campos de em torno se envolvem
Em seu manto de eterna lindeza,
Porque ficas submersa em tristeza,
Porque á vida jámais te sorris?...

Coração, coração, que pulsaste
Embalado num sonho de amores,
E no eculeo de asperrimas dores
Soffres hoje de amargo soffrer,
Eia! quebra esse laço funesto,
Que te liga a teu vivo tormento;
Livre emfim do cruel desalento,
Solta um hymno de amor e prazer!

LUIZ CARLOS.

O ESTUDO

O estudo é a tarefa de toda a vida, o mais fiel, o mais seguro guia e companheiro na nossa peregrinação neste mundo. Fazem nascer as disposições naturaes, que o estudo desenvolve, os grandes ingenhos; produz o estudo aturado as grandes intelligencias.

EL-REI D. PEDRO V.

A palavra *Estudo* deriva-se do nome latino *studium*, e este do grego *σπουδή* que quer dizer *attenção*.

Estudo é toda a applicação que tende a augmentar e aperfeiçoar os dotes da natureza. Esta recebe do estudo todo o seu lustre, porque é elle que desfaz as asperezas e irregularidades do ingenho, como a lima nas mãos do lapidario as do diamante bruto. Podemos dizer com Quintiliano que a natureza é no homem a materia e o estudo o feitio. Este é quem lhe dá a forma, aquella quem a recebe. Nada vale o feitio sem materia. A materia ainda sem feitio tem seu preço. Um feitio perfeitissimo excede qualquer materia por preciosa que seja. Já o velho Horacio dizia:

.... Ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium; alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amice.

O que foi traduzido pelo sr. visconde de Seabra:

A meu ver tanto vale o tosco ingenho
Sem arte, como essa arte sem talento:
Cousas são que se prestam mutuo auxilio,
E com intimo vinculo se enlaçam.

O estudo é o alimento mais solido do espirito.

Estuda-se para aprender, e aprende-se á força de estudar.

Os mais sabios não são os que mais estudaram, senão os que mais aprenderam.

GIRARD.

O tempo da mocidade é o tempo do estudo; mas só mais tarde é que verdadeiramente se aprende, porque é mister que o espirito esteja bem formado para digerir o que o trabalho depositou na memoria.

Idem.

Estudo — quasi synonymo de philosophia. Applicaçào da intelligencia á acquisiçào de conhecimentos theoricos e practicos.

Trabalhai quanto poderdes para que os estudos aperfeiçoem os vossos costumes, e a vossa leitura tenha por alvo a virtude.

Do estudo nasce o amor do trabalho.

ROLLIN.

Ninguem desconhece a maxima utilidade do estudo no desenvolvimento da razão. O estudo é o nervo da intelligencia.

LAURENTIE.

O estudo é a vida do espirito.

CHATEAUBRIAND.

Tem o estudo produzido grandes homens tanto no campo das sciencias, como no das artes. A propria historia da humanidade é filha do estudo.

O estudo prepara o futuro; dissipa a ignorancia, e corrige os prejuizos. Habitua-nos a ordenar as materias de que temos de fallar ou escrever; — e ainda para os diversos encargos da vida se torna d'um subsidio quasi indispensavel.

Um bom methodo e a precisa moderação são condições essenciaes para a fecundidade do estudo.

P. R.

○ BARCO

AOS MEUS DOIS AMIGOS

Antonio Augusto da Cunha Mancellos Ferraz

E

Luiz Augusto da Cunha Mancellos Ferraz

Irado e triste o salgueiral murmura,
Quando a briza lhe roça pelas franças
Despidas e saudosas de verdura.

Ainda a cerejeira está sem flores,
Os ares sem perfumes, que inebriem,
Sem ninhos a floresta e sem cantores.

Mas hoje o inverno amostra-se risonho,
De jubilo e prazer descerra os labios,
Qual tenro infante, que diverte um sonho.

O sol, diadema d'ouro e pedraria,
Cinge-lhe a fronte costumada a nevoas,
E o rosto descorado lhe alumia.

Pelo rio de Ignez morosos vagam
Mil barquinhos gentis, que mansamente
Os frescos zephyros beijando afagam.

E singram dos barqueiros aos descantes,
Murta e alecrim lhes veste a proa,
Do mastro o topo flammulas brilhantes.

Airosos cysnes! acurvando as pennas,
Leva-me um d'elles, que baloixa e corta
Do rio as aguas placidas, serenas.

Foge-lhe Coimbra como a furto e medo,
E cautelosa, para não ser vista,
Se encobre muita vez com o arvoredó.

Perde-se o estrondo de seus passos lentos,
Só de mansinho rumorejam aguas,
E a vela beijam os mais brandos ventos.

Como eu desejo a paz, que te rodeia,
Formosa gondola, que os céos namoram,
Namora e beija a crystallina veia!

Porem que importa o meu desejo insano?
Folha cahida açoitam-me os nordestes,
E os rolos d'agua que despede o oceano.

Da fulva areia e buzios e conchinhas,
Por onde tu, ó portuguez Cephiso,
Rojas o manto, os passos encaminhas,

Levantam-se algas a ostentar verdores,
Gratas á vista, em espiraes subindo,
E á flor das aguas terminando em flores.

E surgem 'spinhos de meus tristes passos,
E entre o dos homens foi meu nome escripto
Em negro dia co'os mais negros traços.

Tu, Senhor, que no inverno pelos ares
Cansados da tormenta a luz derramas,
E dás flores á louca dos pomares,

Monção de rosas á gentil galera,
Porque toldas a minha mocidade?
Enches de nevoa a minha primavera?

F. L.

¹ A amendoeira, que floreja em fevereiro.

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE